UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Friedenreich e a reinvenção de São Paulo:
o futebol e a vitória na fundação da metrópole.

René Duarte Gonçalves Junior

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História Social
do Departamento de História da
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo, para obtenção do título de
Mestre em História.**

Orientador: Prof. Dr. José Geraldo Vinci de Moraes

São Paulo
2008

AGRADECIMENTOS

À minha família agradeço por tudo.

A José Geraldo, pela confiança depositada em mim e no meu projeto, pelas inúmeras conversas, orientações e bolas levantadas que por tantas vezes me deixaram na cara do gol.

Ao professor Nicolau Sevcenko, por ter redespertado em mim o amor pela História.

Ao professor Flávio de Campos, por todos os toques e discussões nas aulas e no exame de qualificação.

Ao professor Elias Saliba, também pelas sugestões e observações feitas na qualificação.

Ao professor Hilário Franco Junior, pela forma como me reapresentou o futebol em seu curso, já no programa de Pós-Graduação.

À professora Maria Lígia, pelas aulas, que contribuíram diretamente para o desenvolvimento de questões fundamentais deste trabalho.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de estudos.

Aos meus amigos, por todas as conversas que ajudaram a construir o que sou como historiador e como ser humano.

RESUMO

O trabalho trata de diversos aspectos relacionados ao universo do futebol em São Paulo, entre 1910 e meados da década de 1930.

O fio condutor das discussões é a trajetória, como atleta, de Friedenreich, considerado o primeiro grande ídolo esportivo brasileiro. O percurso é longo, das várzeas ao aristocrático Paulistano; das ruas da cidade à seleção brasileira.

Como eixos centrais da dissertação, a relação entre o futebol e o mundo urbano e moderno em construção na cidade; e a possibilidade de se vislumbrar, a partir dos campos de futebol, a forma como a questão da identidade se apresentava na metrópole que nascia.

Parte-se do pressuposto que o futebol é elemento integrante de um contexto social mais amplo e, como tal, é capaz de apresentar, refletir, reproduzir e refratar uma série de fenômenos próprios do universo do qual é parte integrante. Naquela cidade que se urbanizava e crescia de forma bastante desordenada e, ainda, buscava modernizar-se tomando como apoio algumas idéias e práticas preferencialmente trazidas da Europa, encontra-se o futebol. Dos campos enlameados e improvisados dos subúrbios aos estádios dos clubes da elite, Friedenreich esteve presente nos diversos espaços sociais da cidade, revelando muitos dos dilemas existentes no país naquele momento. A forma como aquele que foi tido como o primeiro *Rei do Futebol* empreende sua trajetória é capaz de jogar luz sobre questões fundamentais de seu tempo. Fried pode, afinal, nos dizer um pouco até que ponto éramos modernos, ou se ainda vivíamos sob os velhos princípios do passado; e, ainda, nos mostrar em que bases as identidades paulista e brasileira estavam sendo forjadas naquele momento, a fim de dar alguma forma e coesão àqueles tempos e lugares em transformação.

Palavras-chave: Friedenreich, Futebol, Cultura Urbana, Identidade

ABSTRACT

This paper deals with several aspects related to São Paulo's soccer practice, between 1910 and the middle of the 1930's.

The guiding line of discussion is the athletic career of Friedenreich, regarded as the first major Brazilian sports idol. It's a long travel, from the amateur soccer fields to the aristocratic club Paulistano; from the city streets to the Brazil National Football Team.

The main axis of this dissertation are the relationship between soccer and the modern urban world being constructed in the city; and the chance to foresee, from the football pitch, the way the question of identity was presenting itself in the burgeoning metropolis.

We begin from the assumption that soccer is part of a wider social context and, as such, is able to represent, reflect, reproduce and refract a series of phenomena common to its own universe. Soccer was found in a city that grew and went through urbanization in a rather unorganized fashion, trying to achieve modernization by borrowing ideas and practices preferably from Europe. From the muddy and improvised fields of the suburbia to the elite club's stadiums, Friedenreich was present in several social strata of the city, revealing many of the dilemmas existing in the nation at the time. The fashion in which he who was regarded as the first *King of Football* makes his way can enlighten fundamental questions of its time. Friedenreich can, after all, tell us a little about to which extent we were modern, or if we still lived under the old tenets of our past; and even show us upon which bases the Paulista and Brazilian identities were then being forged, to give shape and cohesion to those changing times and places.

Key words: Friedenreich, Football, Urban culture, Identity.

ÍNDICE

Introdução: Um novo mundo entra em campo.....	05
Capítulo I: As regras do jogo na terra de Arthur Friedenreich.....	13
1.1. Aspectos da modernização paulistana: o esporte como hábito da elite.....	15
1.2. A imprensa esportiva e a invenção da metrópole.....	23
1.3. Os times de futebol da elite: o Paulistano em destaque.....	25
1.4. Popularização e profissionalização.....	27
1.5. O futebol informal: os times operários, a várzea e a rua.....	35
1.6. Sem gols não há vitória: Fried e o mundo moderno em construção.....	40
Capítulo II: Paulicéia Desvairada, Friedenreich em campo.....	49
2.1. “E ninguém pegava ele”.....	53
2.2. São Paulo de pernas pro ar.....	58
2.3. A digestão bem feita do Brasil.....	61
2.4. A queda dos barões e o repouso do Tigre.....	64
Capítulo III: O peso da camisa e a leveza do drible	72
3.1. O futebol e o Brasil de Friedenreich.....	73
3.2. Friedenreich, ídolo paulista, mas “cumpre não esquecê-lo, um verdadeiro brasileiro”.....	79
3.3. Herói da elite e herói popular.....	96
Considerações finais: O jogo à brasileira.....	103
Fontes.....	106
Bibliografia.....	109
Anexo.....	124

Introdução

Um novo mundo entra em campo

Os primeiros anos do século XX representam um novo momento para a cidade de São Paulo. O centro urbano passou por um vertiginoso processo de crescimento que transformou, num piscar de olhos, a antiga vila rural oitocentista em uma grande metrópole¹. E esta revolução urbana trouxe em seu bojo uma nova mentalidade, novas práticas culturais e redes de sociabilidade que construíram um novo cotidiano na cidade.

Esta investigação pretende justamente estudar a forma pela qual uma dessas novas práticas que fascinou a cidade – o futebol – retratou, reproduziu e de várias maneiras ajudou a edificar a mentalidade, a cultura, as representações, os mecanismos de funcionamento, as formas e os procedimentos que configuraram essa sociedade moderna que se instituiu em São Paulo no início do século XX. Neste novo contexto em emergência, este estudo buscará compreender o jogador de futebol Arthur Friedenreich, considerado o primeiro craque e grande artilheiro da história do futebol brasileiro, como um elemento fundamental², um agente histórico que ecoava e ao mesmo tempo construía esse mundo que se modernizava. Não sob uma perspectiva meramente biográfica, mas como síntese e representação de um processo social e cultural mais amplo. Isso significa que se pretende

¹ Uma série de trabalhos trata dessa questão e reconstrói o cenário subjacente a esse intenso fenômeno de transformação urbana e cultural de São Paulo, muitas vezes o apresentando mesmo como uma segunda fundação da cidade no início do século XX. Este trabalho toma como apoio, sobretudo, as seguintes obras: SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole, São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992; MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970; LOVE, Joseph. *A locomotiva – São Paulo na federação brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982; CAMPOS, Cândido Malta. *Os rumos da Cidade; urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo, Senac, 2002; MORAES, José Geraldo Vinci de. *As sonoridades Paulistanas: a música popular da cidade de São Paulo – final do século XIX ao início do século XX*. Rio de Janeiro, Funarte, 1995; PORTA, Paula (org) *História da Cidade de São Paulo*. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

² Para César Gordon Junior “a importância de Friedenreich se deve ao fato de que ele marca talvez o ponto-chave na identificação do futebol com o etos nacional”. GORDON Jr., César C. “História Social dos negros no futebol brasileiro”, *Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*, Rio de Janeiro, UERJ, Departamento Cultural/SR-3, n.2, 1995, pp.71-90.

perceber as maneiras como Friedenreich vivenciou suas angústias individuais em conflito com as contradições da nova realidade que se encenava em São Paulo; e como a história singular daquele que foi considerado o primeiro ídolo e craque do futebol, no Brasil, se articulou com a história de uma cidade que se transfigurava de um modo igualmente particular. A trajetória de Friedenreich poderá nos mostrar muito sobre essa sociedade híbrida que se modernizava baseada num modo de vida europeu, mas ainda fortemente marcada por práticas sociais enraizadas no nosso passado colonial recente. Bem provavelmente sua forma de jogar, sua vida como esportista e cidadão paulistano podem ajudar a revelar e compreender parte daquele contraditório e conflituoso processo de modernização da cidade de São Paulo e do país.

Essa percepção de que o futebol é parte de um mundo moderno que começa a se instalar em São Paulo no início do século XX e reflete, ou reproduz e, ainda, ajuda a construir uma série de mecanismos e práticas dessa nova ordem que se engendra, é uma maneira de se contar parte da história desse país. A trajetória de Friedenreich pode nos mostrar muito sobre uma sociedade que, à sua maneira, se modernizava; uma sociedade forjada sob o signo de um capitalismo incipiente, porém cujo corpo mostra-se visivelmente fraturado; um aparente mundo novo que opera sob práticas racistas e arrivistas e que se funda sob uma recalcitrante ordem pré-moderna ainda não totalmente superada. Uma sociedade mestiça, latina, que importa um modo europeu de se viver. De repente, o moderno poderia dar forma ao Brasil. E Arthur Friedenreich, de alguma maneira, ajuda a cristalizar essa forma, vivificar esse *ethos* brasileiro³, ao mesmo tempo em que deixa transparecer em seu jogo e em sua vida como esportista, como homem, como paulista e como brasileiro, as faces do homem urbano desse universo moderno. Mas brasileiramente moderno, conforme pretendemos mostra ao longo desse estudo.

O futebol, aqui percebido como elemento de discussão no campo da História Cultural, pode encontrar em alguns autores um suporte teórico de suma importância para sua compreensão como fenômeno histórico. Nesse sentido, as conexões entre cultura erudita e cultura popular, sobretudo, configuram-se como uma substancial linha de entendimento. O diálogo entre as culturas, estabelecido a partir de empréstimos,

³ GORDON Jr., op. cit., pp 71-90.

resistências, pressões e contrapressões entre elas, já era notado por Le Goff⁴. Carlo Ginzburg, também ao procurar entender a dinâmica da cultura popular, buscou se posicionar contra a idéia de que ela seria simplesmente o produto das imposições da alta cultura. Em oposição à perspectiva que a situava como uma forma subordinada, mas também não a considerando como o triunfo de uma cultura original e espontânea, Ginzburg enxerga a cultura popular a partir de um conflito manifestado na existência de uma cultura das classes subalternas que se oporia à letrada. Para ele, contudo, essas culturas díspares se relacionam e constroem uma lógica de circularidade, que se expressaria através de filtragens, resistências e submissões de diversas ordens⁵. Mikhail Bakhtin já notava a importância da subversão e penetração da “alta” cultura pela “baixa”⁶. Roger Chartier, por sua vez, negou a oposição *a priori* entre cultura popular e erudita, mas não o conflito entre elas e para a compreensão desse processo sugeriu o conceito de “prática cultural”, formado pelas categorias de “representação” e “apropriação”. A partir daí considerava que as diversas formas culturais, produzidas tanto pelas culturas letradas como as iletradas, circulam pela sociedade se relacionando, sendo manipuladas e apropriadas pelos vários setores sociais através de significados, práticas e usos diversos⁷. Michel de Certeau já pensava nessas “artes ou maneiras de fazer”. Para esse historiador francês haveria dois conceitos-chave, nesse sentido: as estratégias que implicam a existência de centros produtores dos modelos culturais; e as táticas, operações cotidianas fundadas na mobilidade e astúcia, relacionadas à apropriação cultural, que representariam a “vitória do mais fraco sobre o mais forte”. No seu modo de ver, a cultura popular, em especial a urbana, não é atemporal e pura, mas heterogênea, diversa, conflitiva e capaz de assumir uma série de tipos de intercâmbio, baseados no uso e na operacionalização de formas alheias.⁸ Michel Vovelle igualmente buscou relativizar o popular em um contexto dinâmico e pluralista de confronto dialético entre as culturas, lançando mão da figura dos “intermediários culturais”, indivíduos que transitariam entre as culturas, assumindo variadas feições⁹. Peter Burke, por

⁴ LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa, Estampa, 1980.

⁵ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo, Cia das Letras, 1987.

⁶ BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005, p. 72.

⁷ CHARTIER, Roger. “Cultura popular: Retorno a um conceito historiográfico”, In *Manuscripts* n. 12, Gener, 1994.

⁸ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Rio de Janeiro, Vozes, 1994, pp. 47-106.

⁹ VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 224.

sua vez, propõe a existência de uma “mão dupla” entre as trocas culturais que seriam realizadas sobre o princípio da mútua influência¹⁰. Essas vias de compreensão, propostas para o estudo das dinâmicas culturais, apresentam-se como significativas vigas teóricas para a produção desse estudo sobre o futebol, na medida em que sugerem modelos conceituais persistentes e direções de análise interessantes para o encaminhamento de nossas discussões acerca dos fenômenos que envolvem o percurso histórico daquele esporte, no Brasil.

De modo um pouco diferente do que se nota com o futebol no Rio de Janeiro, abordagens historiográficas que privilegiam o futebol em São Paulo – sobretudo em seus estágios iniciais – têm se mostrado mais escassas. Assim, se pode destacar, principalmente, *Footballmania*, de Leonardo de Miranda Pereira, que busca contar uma história social do futebol no Rio de Janeiro, compreendida entre as quatro primeiras décadas do século XX; e *Mil e uma noites de futebol*, de Marcelino Rodrigues da Silva, que procura interpretar o discurso do jornalismo esportivo – nomeadamente o carioca – do início do século XX em paralelo ao processo de modernização nacional, destacando a trajetória de popularização do futebol. Obras recentes, que dialogam com outras ciências humanas, mostram-se como referências básicas no estudo desse universo. Assim é com *Veneno Remédio*, de José Miguel Wisnik, que busca na maneira como o futebol foi apropriado e recriado no Brasil uma chave para se pensar a formação social e o imaginário nacional; *A dança dos deuses*, de Hilário Franco Junior, que pretende demonstrar o futebol como um “fenômeno cultural total”, imbricado com os demais processos históricos; *Futebol, Carnaval e Capoeira*, de Heloísa Bruhns, que se propõe a observar de que forma essas três manifestações sintetizam totalidades, como organizações econômicas, estruturas socioculturais, relações políticas e aspectos religiosos; ou *Universo do Futebol*, de Roberto DaMatta, que tenta desvendar, sob a perspectiva da antropologia, as inter-penetrações entre o futebol e a sociedade brasileira.

No entanto, essa perspectiva de se tomar o futebol como um meio para se entender uma dada realidade, como um elemento histórico sócio-cultural, na maior parte das produções que envolvem o tema, não configuram a regra; usualmente o que se faz é simplesmente falar de futebol, geralmente em tom biográfico ou factual, ou ainda beirando um certo folclorismo.

¹⁰ BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo, Cia das Letras, 1989, pp. 20-21.

Publicações tratando diretamente da figura de Arthur Friedenreich são ainda mais raras. Destacam-se duas obras, editadas recentemente: *O Tigre do Futebol, uma viagem nos tempos de Arthur Friedenreich*, de Alexandre Costa¹¹ e *Fried versus Pelé*, de Orlando Duarte e Severino Filho¹². Ambas se enquadram naquele estilo jornalístico, biográfico e estão longe de constituir uma percepção mais crítica e voltada para uma discussão do papel de Friedenreich em seu universo cultural e social.

A Universidade durante muito tempo tratou o futebol com certo desprezo ou preconceito. Assim, a produção bibliográfica acerca do assunto é bastante rarefeita e se mostra fundamentalmente em obras jornalísticas, geralmente de caráter biográfico, apologético e quase sempre com tom de torcedor. Porém, esse quadro de distância da Academia, embora ainda não tenha sido revertido por completo, já apresenta certa mudança. Algumas dissertações, teses e publicações provenientes de estudos desenvolvidos pelas ciências humanas dedicam-se ao tema e começam a despontar na produção intelectual que busca tratar os objetos não tão comuns aos debates acadêmicos, e não como práticas menores, mas como fenômenos culturais tão legítimos quanto quaisquer outros. Aos poucos, o futebol começa a se constituir um objeto historiográfico de fato e merecedor de atenção por parte das ciências humanas. No Brasil, a quantidade de pesquisas acadêmicas que tem como foco central o futebol, tido como fenômeno cultural e que trata do tema de forma próxima ao que apresento, é relativamente pequena. Pode-se, aqui, destacar *O tradicional e o moderno – faces da cultura popular no futebol brasileiro*, de José Luiz dos Anjos; *Futebol de Fábrica em São Paulo*, de Fátima Antunes; *As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)*, de Fábio Franzini; *Resistência e Rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo – 1910-1916* e *A nação entra em campo – futebol nos anos 30 e 40*, ambos de Plínio Negreiros; *Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947)*, de Jorge Artur dos Santos e *Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*, de Luis Henrique de Toledo. Deste modo, este incipiente campo de pesquisa, longe de já ter vislumbrado todas as nuances e possibilidades que o futebol pode representar para o estudo histórico, se mostra como um caminho válido e promissor no

¹¹ São Paulo, DBA, 1999.

¹² São Paulo, Makron Books, 2000.

sentido de permitir a percepção das conexões que estabelecem o futebol como forma de expressão histórica, social ou cultural daquelas realidades em que se fazem presentes.

Os poucos trabalhos acadêmicos que tratam de futebol não contemplaram a questão do modo como procuro realizar nesta dissertação. O viés que apresento, sob o vinco da História cultural, em atrelar a trajetória de um jogador de futebol, como Friedenreich, à história da cidade, às idéias e práticas cotidianas comuns a uma incipiente sociedade moderna que vai vicejando em São Paulo no início do século XX, foi, até aqui, apenas tangenciado pela historiografia, tratando-se de um direcionamento teórico não aprofundado, até o momento.

Trata-se, portanto, de um desafio. E essa foi uma das razões centrais que me levou a essa pesquisa, além do gosto pessoal pela temática do futebol, da História da Cultura e da História de São Paulo. A hipótese de que o futebol é capaz de revelar parte da história da cidade e do país e a possibilidade de tentar entender, no primeiro craque do esporte nacional, um pouco mais do que é o Brasil, foram os fatores fundamentais a despertarem em mim a aposta nesse estudo.

A exemplo do que ocorre com a bibliografia sobre o assunto, a escassez de material documental consistente e organizado relativo a essa temática e a dificuldade em encontrá-lo se mostraram obstáculos complicados para o desenvolvimento da pesquisa. A imprensa periódica, por exemplo, trata Friedenreich de forma superficial, apresentando-o apenas nas escalações das partidas, como artilheiro e em outras informações pouco contundentes para um aprofundamento dos temas discutidos nessa dissertação. Por outro lado, quando Fried é objeto de uma atenção maior por parte dos jornais, algumas idéias que se estabelecem em torno dele acabam se mostrando, explícita ou implicitamente, de forma redundante, sobretudo quando fazem algum tipo de referência à sua condição de jogador fora de série, à suas identidades em jogo e, mais indiretamente, à sua relação, como atleta que é, com um mundo moderno que se vai instituindo. Diante desse panorama, foi preciso pensar práticas mais apropriadas que retirassem daqueles vestígios o máximo que pudessem dizer, ao interrogá-los dentro de certas direções pré-estabelecidas, por sua vez vincadas em questões que se mostram fundamentais para a compreensão daquele objeto de estudo, tempo e lugar, como civilização, urbanização e identidade paulista e brasileira.

O capítulo inicial desta investigação aborda o cenário mais geral da modernização paulistana, situando o esporte – com destaque ao futebol – e seus principais protagonistas, bem como os principais espaços de prática do jogo, naquela São Paulo das primeiras décadas do século XX. Ao longo dos primeiros anos da história desse esporte na cidade, o Paulistano, a quem é conferida atenção maior nesta seção, notabilizou-se por ter se constituído na mais vitoriosa das equipes elitistas. E, durante quase toda década de 20, contou com a presença de Friedenreich em seu quadro principal. Entretanto, contrariamente aos desejos daqueles clubes, o processo de popularização e profissionalização se estabeleceu de forma irreversível, sobretudo em função da presença crescente do chamado futebol informal, praticado nas ruas, várzeas e por times operários. Também nesse capítulo discute-se o papel da imprensa esportiva como mecanismo privilegiado no fenômeno de construção do futebol elitista, mas também no processo de popularização desse esporte e seus agentes. E é desse ambiente popular que emerge Friedenreich.

A figura de Fried, sua trajetória no universo do futebol e a forma como ele se enquadrou naquele mundo em construção, são os temas do segundo capítulo. Seu percurso, que é o da popularização do futebol, mas é também o de sua ascensão aos círculos da elite paulista, é apresentado em suas contradições e ambigüidades, desde seu surgimento para o futebol, no Germânia, passando por seus tempos no nada aristocrático Ypiranga, seu auge no Paulistano e seu declínio no Flamengo. Ainda, discute a forma como se inicia a construção de sua memória ainda na época em que jogava.

O terceiro capítulo tem como foco central a questão da identidade nacional e o papel que o futebol tem nessa discussão de formação da “brasilidade”. Inicialmente é dado um panorama que situa o tratamento dispensado ao assunto nos anos 20 e 30 e mostra como o futebol era encarado nesses discursos. A seguir é apresentada a forma como esse jogo com a identidade se desenvolve em São Paulo – durante o período em que Fried é atleta de futebol – em decorrência da apropriação, por parte das camadas populares, de certos itens próprios do chamado mundo urbano moderno, que, a princípio, eram de exclusividade da aristocracia local, e a partir também da forma como se manifestavam certas ideologias fundadas em premissas racistas e elitistas. Debate-se, também, a forma como a “paulistanidade” de Fried enfrentava e convivia com a idéia de “brasilidade”. É discutida, ainda, a maneira como ele atua em relação ao seu caráter de mestiço e as ambivalências

próprias do craque que era mulato, mas em muitas ocasiões buscava se passar por branco. Encerra-se o capítulo apresentando-se a forma complexa que Friedenreich assumia ao transitar entre herói da elite e herói popular.

Na última seção, *O jogo à brasileira*, são sugeridas algumas perspectivas de análise às relações entre futebol e modernidade e a questão da identidade, ambas centradas na figura de Friedenreich e vinculadas na possibilidade da *negociação* constituir força definidora dos processos históricos brasileiros apresentados nesta dissertação. Busca matizar – igualmente se apropriando de Friedenreich como foco – a dimensão própria que a modernidade toma no Brasil. Tenta perceber o estilo de jogo de Fried como manifestação tipicamente brasileira, ou, em outras palavras, busca notar a subversão – por que não dizer, antropofágica – da modernidade em terras americanas, a partir do futebol de Friedenreich.

Capítulo I

As regras do jogo na terra de Arthur Friedenreich

Domingo

(...)

*Hoje quem joga? O Paulistano
Para o Jardim América das rosas e dos pontapés!
Friedenreich fez goal! Corner! Que juiz!
Gostar de Bianco? Adoro. Qual Bartô...
E o meu xará maravilhoso...
-- Futilidade, civilização...*

(Mário de Andrade, em Paulicéia Desvairada, 1922)

Futilidade, civilização. Assim Mário de Andrade classificava o futebol. A relação de equivalência entre civilização e futilidade é amplamente reveladora. Para ele, provavelmente, a civilização moderna pode ser vista como tudo aquilo que é desnecessário, supérfluo, sem importância, inútil. Mas, ainda assim, mesmo com esses predicados desabonadores, é algo que está ali vivo, presente no cotidiano. A essa aparente contradição tácita, Mário de Andrade estabelece explicitamente outra, igualmente definidora: *rosas e pontapés*. Beleza e violência. O estímulo aos sentidos está no fundamento do mundo moderno. Como também está a velocidade, o fluxo acelerado das coisas: “Friedenreich fez goal! Corner! Que juiz!”. *Domingo*, de Mário de Andrade, revela-se como tempo de exceção, mas, paradoxalmente, também o tempo fora do dia-a-dia marcado pelo trabalho e pelas relações e regras do tempo comum faz parte dos dias de novos tempos: tempos modernos. E a capacidade desses *Domingos*, desses dias de futebol, em deslumbrar as pessoas, como fez ao poeta paulistano, parece ser um dos trunfos desses novos tempos.

Pode-se dizer que estética modernista, corporificada nesse poema de Mário de Andrade – que mais parece uma narração de uma partida de futebol – através do uso propositado da linguagem coloquial, da fragmentação da sintaxe, da alusão a componentes do universo urbano em expansão, busca, a partir da conjugação desses elementos todos,

tecer uma crítica à superficialidade da vida burguesa. E o futebol é já percebido como parte disso.

Os personagens desse texto estão, ao lado de Fried, entre os primeiros heróis, em São Paulo, desse que hoje e há muito é nosso mais popular esporte. Bianco Spartaco Gambini, o *Bianco*, começou como *back* do Tiradentes, equipe de várzea da capital paulista. Em 1912, com 19 anos, morando na Argentina, participou, como atleta, da segunda divisão local pelo Club Atlético Estudantil Porteño, pelo qual se sagrou campeão. Em 1913 retornou ao Brasil e em 1914 jogou pelo Corinthians durante uma passagem do Torino pelo país. No ano seguinte atuou pelo Mackenzie e em 1916 passou a integrar o elenco do Palestra Itália, notabilizando-se como o primeiro grande ídolo daquele clube. Jogou até 1929, sempre como capitão, conquistando uma série de títulos. Participou da seleção paulista e brasileira, tendo contribuído para a vitória no sul-americano de 1919. Bartô, Bartolomeu Vicente Gugani, se consagrou como *half* do Paulistano nos anos 20. Estreou no time do colégio São Bento, em 1917. Em 1922, tomou parte na equipe brasileira campeã sul-americana, no Rio, fazendo dupla de zaga com Palamone (do Botafogo). Em 1925, transferiu-se para o Paulistano, no qual atuou por cinco anos (descontada uma breve passagem pelo Corinthians) e fez uma célebre dupla com Clodoaldo. Participou, com Fried, da célebre excursão desse clube à Europa, em 1925. Com a extinção do time do Paulistano, Bartô, como Friedenreich, foi para o São Paulo, onde encerrou a carreira. Mário de Andrada e Silva, o “chará maravilhoso” a quem se refere Mário de Andrade em *Domingo*, ou o “Menino de Ouro”, como costumava o chamar a imprensa paulista à época, foi um dos pilares da consagrada equipe do Paulistano dos anos 10 e 20; embora nunca tenha chegado à seleção brasileira. Começou a jogar no infantil do clube, aos 8 anos, mudando-se depois para estudar em Itu e Araraquara. Voltou à capital paulista em 1915 e, no ano seguinte, aos 16 anos, já era meia-direita do Paulistano, tendo ali conquistado uma série de títulos e participado também da vitoriosa excursão de 1925. Mário também se destacou no hóquei sobre patins, e, como tantos outros craques, morreu praticamente esquecido do mundo do futebol.¹³ *Jardim América* era a casa do Paulistano. Foi lá que Friedenreich fez boa parte de seus gols e consolidou seu nome como grande ídolo do futebol brasileiro, aquele jogo que

¹³ Informações biográficas colhidas em: STORTI, Valmir e FONTENELLE, André, *A História do campeonato paulista*. São Paulo, Publifolha, 1997.

se espalhava pelos domingos como mais um punhado de rosas e pontapés da civilização moderna.

A revolução de linguagem que Mario de Andrade promovia era parte da revolução que São Paulo experimentava. Uma poesia urbana, sintética, fragmentária e anti-romântica retratava uma nova cidade, concreta, cosmopolita, de uma população heterogênea que em comum tinha sonhos de vitória. Se a cidade moderna representaria, por um lado, a libertação e a afirmação do indivíduo, as quais não se dariam no quadro de uma vida provinciana, por outro, ela poderia achatar e retirar a singularidade desse mesmo indivíduo, inserido na divisão do trabalho, pasteurizado nos dramas e glórias cotidianos e sujeito ao poder das rosas e pontapés.

Domingo é mais um dia das vivências, percepções e sensações desencadeadas pela modernização de São Paulo, com a qual Mário de Andrade – e quase todo habitante dessa cidade – terá uma relação ambígua ao longo de sua vida.

1.7. Aspectos da modernização paulistana: o esporte como hábito da elite

Impulsionada pelo dínamo do café, São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, crescia de maneira incessante. A chamada locomotiva do país passava a se configurar sob o despontar da industrialização e a ampliação e modernização do tecido social. Grandes contingentes – muitas vezes compostos por populações empobrecidas ou mesmo miseráveis – chegavam à cidade, vindos de todas as partes do mundo, e também do próprio país. Numerosos grupos passaram a viver na cidade em situações as mais diversas e não raro com níveis bastante precários de vida. À medida que a indústria passava a ocupar os espaços entre as ferrovias (parte fundamental da estrutura cafeeira) e as várzeas, essas regiões se desvalorizavam ainda mais e acabaram por atrair aquela população mais pobre que buscava emprego e moradia barata. São Paulo passava a se conformar sob um processo de hierarquização do espaço urbano e social. Assim, a metrópole, conforme crescia empreendia a distinção física e social entre os que poderiam usufruir os privilégios e os que

deveriam apenas suportar as contradições e buscar os resíduos daquela vida urbana moderna¹⁴.

É fundamental, nessa direção, retomar a relação entre as idéias de Modernidade e Cidade, apresentadas por Robert Park. Segundo ele, a cidade moderna deve ser vista não como um agrupamento de homens, instituições, conjunto de infra-estruturas públicas e privadas; mas sim, como um estado de espírito, conjunto de costumes e tradições, sentimentos e atitudes. Enfim, deve-se pensar a cidade não como um mero mecanismo físico, construção artificial, mas como algo “envolvido nos processos vitais das pessoas que a compõem”¹⁵. A metrópole não é unicamente feita pelo alargamento das ruas, edificação de bairros, instalação de fábricas, mas pelo que as pessoas fazem nela. Os jogos de futebol, os gols e dribles de Friedenreich podem ser encarados, portanto, como elementos tão relevantes para a construção daquela cidade quanto a ampliação de sua estrutura física.

Essa cidade que se urbanizava de maneira muito rápida e desordenada, aos poucos despertava novas necessidades e redes de sociabilidade modernizadoras. Marcelino Rodrigues da Silva, em *Mil e uma noites de Futebol*, ao tomar como apoio *Orfeu Extático na Metrópole*, de Nicolau Sevcenko, lembra que a indústria do espetáculo e os grandes rituais coletivos ofereceram às massas essas novas formas de sociabilidade, “com o objetivo de mantê-las sob controle, conduzindo-as a um estado de êxtase febril e permanente mobilização”¹⁶. Na esteira desse processo vinham novos mercados de bens de consumo – e dentre eles os bens culturais – estimulando o desenvolvimento capitalista.

O modo de vida moderno baseado nas referências européias introduziu a prática esportiva como elemento de destaque, como foi o caso do futebol. Pouco importa quem carregou a primeira bola para a cidade, o mais significativo é levar em conta que o futebol era mais um elemento modernizador, como a eletricidade, o automóvel, as novas modas, e, como tal, a princípio, privilégio de uma elite que podia desfrutar dos recursos da incipiente modernidade paulistana.

¹⁴ Ver SEVCENKO, op. cit.; MORSE, op. cit.; LOVE, op. cit.; CAMPOS, op. cit.; MORAES, op. cit.; e PORTA, op. cit.

¹⁵ PARK, Robert. *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In: VELHO, Octávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p.26.

¹⁶ SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol – O Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte, UFMG, 2006, p. 55.

Nesse sentido, José Geraldo Vinci de Moraes lembra que no começo do século, o futebol como atividade esportiva pode e deve ser visto integrado a um projeto maior de mobilização esportiva do homem urbano, buscando a normatização social das massas, o respeito às regras e leis, a rotinização da vida, o disciplinamento do corpo.¹⁷

O esporte constituía, portanto, peça importante daquela cidade, a partir das funções que desempenhava ali. O futebol, como o remo, a ginástica sueca e rítmica, o ciclismo, as provas de natação e pedestrianismo, as lutas, a esgrima, as corridas de automóvel, o *cricket*, entre outros esportes que surgiam na virada do século XIX para o XX, em São Paulo (e também no Rio de Janeiro), é parte das novas experiências de vida urbana que despontam na metrópole e passam a se realizar em locais próprios, na cidade: rios, lagos, velódromos, campos abertos, ringues, quadras fechadas¹⁸. Os principais espaços geográficos onde era praticado o futebol, nas primeiras décadas do século XX, em São Paulo, eram a Chácara Dulley, o Velódromo, o campo do Mackenzie, o Parque Antártica, a Chácara da Floresta, o Jardim América, além das várzeas do Carmo¹⁹, dos rios Tietê, Pinheiros e Tamanduateí²⁰.

A Chácara Dulley se localizava no Bom Retiro e era o campo do São Paulo Athletic, aristocrático clube inglês e campeão das três primeiras edições do campeonato paulista de futebol²¹.

¹⁷ MORAES, José Geraldo V. de. *Cidade e Cultura Urbana na Primeira República*. São Paulo, Atual Editora, s/d., p.98.

¹⁸ MORAES, op. cit., p. 93.

¹⁹ “Da Várzea do Carmo, os campos se alastraram por toda a cidade, sobretudo nos bairros operários, situados ao longo das estradas de ferro (...) A cidade vivia intensamente a experiência do trabalho fabril e passava a conhecer a necessidade imperativa de sociabilidade e lazer, sobretudo aos domingos. Os clubes de várzea mantinham equipes de futebol e promoviam atividades sociais (...) Além destes, tornavam-se comuns os clubes formados a partir de empresas, fábricas ou grupos profissionais.” ANTUNES, Fátima Martin (1992). *Futebol de Fábrica em São Paulo*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1998, p.92.

²⁰ WITTER, J. S. *Os esportes na Cidade de São Paulo*. In: Porta, Paula. (Org.). *História da Cidade de São Paulo - A Cidade no Império 1823-1889*. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 2005, v. 2, p. 595 e STORTI e FONTENELLE, op. cit.

²¹ STORTI e FONTENELLE, op. cit., pp. 19-23.

Campo do Velódromo, uma das primeiras *casas-grandes* do futebol brasileiro.

A respeito do Velódromo, deve-se lembrar que esse espaço teve sua origem ligada ao ciclismo, daí o nome. No final do século XIX, esse esporte, inicialmente europeu, empolgou a juventude paulistana. No entanto, em função do alto preço das bicicletas, sempre importadas, acabava por ser uma prática elitista. Antonio Prado Junior, filho do Conselheiro Antonio Prado²² e neto de D. Veridiana Prado era um aficionado do esporte e conseguiu que o pai construísse um velódromo num terreno cedido pela avó. Situava-se nas proximidades da Rua da Consolação, entre as ruas Florisbela, Martinho Prado e Olinda (exatamente no local onde hoje está a rua Nestor Pestana). Giuseppe Valori teria executado a obra por volta de 1892, de acordo com o projeto de Tommazzo Bezzi, concebido em 1886. Tratava-se de uma raia de forma elíptica, medindo 380 metros de comprimento, por oito de largura e com um jardim ao centro. Dois conjuntos de arquibancadas cobertas, uma em frente da outra, foram construídos ao redor da raia, com capacidade de até mil pessoas cada um. Além da raia ciclística possuía também uma quadra de tênis e tanques para banhos. Enfim, uma verdadeira praça de esportes. Arrendado pelo Club Athletico Paulistano, o Velódromo teve seu jardim transformado em gramado e aí aconteceram inúmeras partidas futebolísticas a partir de 1902 e o campo acabou se tornando o palco principal do futebol paulista. Porém, já em 1915, o Velódromo foi desapropriado para a abertura da rua Nestor Pestana²³.

²² Antônio Prado já havia sido prefeito da cidade e presidente do estado de São Paulo; e o próprio Antônio Prado Junior chegou a ser prefeito do Distrito Federal sob o governo de Washington Luís, além de deputado estadual; o que atesta a intensa proximidade do Club Athletico Paulistano com a elite política paulista.

²³ MILLS, John. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo, Editora Panda Books, 2005; SANTOS, Jorge Artur dos. *Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947)*. São

No ano de 1902, a Cervejaria Companhia Antarctica Paulista abriu para o público paulistano uma área de 300 mil metros quadrados de lazer que incluía além da vasta área verde, coreto, bosques, um pequeno lago, parque infantil, pistas de atletismo, quadra de tênis e um campo de futebol. Aquele era um dos recantos favoritos da população em finais de semana, nos passeios e piqueniques. Além de se tornar um dos principais campos para a prática do futebol, na cidade, o parque era referência para uma série de eventos ao ar livre, como exhibições de [boxe](#) e até corrida de automóveis. Em [julho](#) de [1908](#), o Parque da [Antarctica](#) foi palco da largada e chegada da primeira corrida automobilística disputada na [América do Sul](#). A corrida, chamada de "Circuito de [Itapecerica](#)", na época obteve ampla cobertura tanto em âmbito nacional como internacional e terminou com a vitória do paulista [Sílvio Penteado](#). Inicialmente, quem mandava suas partidas no [estádio](#) do Parque Antarctica, era o [clube alemão](#) do [Germânia](#), entretanto, com o início da [Primeira Guerra Mundial](#), tendo o Brasil se posicionado contra a [Alemanha](#), o [Germânia](#) diminuiu suas atividades sociais, e repassou seu contrato de locação ao América F.C., um clube de pequena expressão. O América por sua vez, com dificuldades em arcar com as despesas totais do aluguel, passou a sublocar alguns horários para outras equipes, e foi assim que, em [1917](#), o [Palestra Itália](#) passou mandar seus jogos no Parque da [Antarctica](#). Em 1920, o Palestra Itália, com o apoio da Cia Matarazzo, efetuou a compra do campo de futebol e de grande parte do terreno do Parque da Antarctica. Feitas as primeiras reformas, com a construção de uma pequena tribuna de honra, o campo foi reinaugurado como “Stadium Palestra Itália”²⁴.

A Chácara da Floresta, nas proximidades da Ponte Grande, junto ao Tietê, era o campo da Associação Atlética Palmeiras, mas costumava receber também alguns jogos do Paulistano, tendo sido palco de diversas finais de campeonatos paulistas, inclusive, como os de 1917, 1920, 1922 e 1928²⁵. Em 1917 foi inaugurado, com um amistoso entre a seleção paulista e um frágil combinado carioca – com vitória paulista por 9 a 1 e quatro gols de Friedenreich –, o campo do Jardim América. Situado no quadrilátero formado pelas ruas Honduras, Estados Unidos, Augusta e Argentina, era a nova casa do Paulistano, após a

Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 2000 e TUBINO, Manoel José Gomes. *O esporte no Brasil: do período colonial aos nossos dias*. São Paulo, Ibrasa, 1996.

²⁴ HELENA JR. Alberto. *Palmeiras: a eterna academia*. São Paulo, DBA, 2002.

²⁵ STORTI e FONTENELLE, op. cit.

desapropriação do Velódromo. Nesta nova sede, o campo de futebol era destaque, com arquibancadas para até dois mil torcedores e espaço para comportar mais de treze mil pessoas²⁶.

Fator altamente potente no fenômeno de extensão da modernidade a partir do futebol é o fato desse processo se dar através de ações circunscritas ao âmbito do cotidiano. As partidas, embora descoladas do chamado tempo comum do trabalho, eram semanais. Friedenreich e seus companheiros de clubes e seleções jogavam geralmente uma ou duas vezes por semana. As representações e conflitos encenados pelo futebol encontram-se, portanto, no acontecer cotidiano²⁷. Nas partidas e campeonatos que vão se realizando e se somando o fenômeno de popularização do futebol acontece, se dão os reflexos e construções históricas e as tensões daquela sociedade se explicitam. O desenrolar dos jogos e campeonatos e seus resultados, as atuações dos atletas, enfim todo um conjunto de acontecimentos ligados ao futebol constitui também o processo histórico. A lembrança dos jogos e torneios, dos belos gols, jogadas brilhantes, derrotas e vitórias; a forma como as pessoas e grupos sociais produziam ali seus vínculos, conflitos e modos de lidar com aquilo tudo; e toda a base material que permite a prática dos jogos comporiam as variáveis de um sistema chamado futebol – no qual, naquele momento, Friedenreich assumia uma posição central – a operar cotidianamente²⁸.

O futebol brasileiro, nos primeiros anos daquele século, era como a República brasileira, oligárquica e excludente. Apenas um segmento social minoritário usufruía a possibilidade de ter acesso a ele; era, assim, uma metáfora da condição política do país. O esporte aristocrático e elitista era uma prática isolada de poucos, “que buscavam na Europa as raízes de uma nova cultura e de uma nova civilização para a recém-instaurada República brasileira”²⁹. De acordo com Hilário Franco Junior, o futebol era então um esporte de

²⁶ Arquivo do Clube Atlético Paulistano.

²⁷ Le Goff apresenta o Cotidiano como um dos lugares privilegiados das lutas sociais. LE GOFF, Jacques. *História e Nova História*. Lisboa, Editorial Teorema, 1986, p.81.

Norberto Guarinello pensa também o Cotidiano como tempo histórico, tempo do “acontecimento” e do “não-acontecimento”, fugindo de uma concepção dicotômica que posicionava o Cotidiano em oposição à história. Segundo Guarinello, o Cotidiano tem dois sentidos complementares: é o que acontece a cada dia e o que acontece todos os dias, traz em si o instantâneo e o duradouro, o transformador e o repetitivo. GUARINELLO, Norberto Luiz, *Cotidiano, História e Mudança Social*, 2003, p.6.

²⁸ Para Guarinello o Cotidiano é estruturado por quatro aspectos: a memória, os juízos compartilhados, as relações sociais e o mundo material. GUARINELLO, op. cit., p.12.

²⁹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania – Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, p. 23.

bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária³⁰.

A aristocracia praticante do futebol encontrava, em clubes fechados, um dos espaços privilegiados evitando compartilhar a “presença dos trabalhadores e do povo em geral”³¹. O esporte, em São Paulo, deixava clara certa ética da desigualdade que buscava “recolocar as pessoas em seus devidos lugares”³² e reafirmar uma hierarquia social, marcar nitidamente uma distinção entre ricos e pobres, entre brancos e negros e entre paulistas e imigrantes.

Monteiro Lobato, em *Literatura do Minarete*, pregava o uso do futebol como uma prática de educação cívica da paulistanidade, em convergência com os interesses dos segmentos dominantes em São Paulo. Entendia que a moda do esporte era um derivativo cultivado ideologicamente pela elite, preocupada com o desafio de redefinição do Brasil. A partir daí, postulava que a atualização do esporte por aqui deveria ocorrer de modo paralelo à reorganização, por parte dos imigrantes, de seus espaços vivenciais. Neste sentido o esporte deveria, sob sua ótica, ser concebido como uma importação direta, cuidando-se para não tornar-se uma cópia das tradições dos imigrantes. Esse tipo de visão classista acarretaria na estruturação de todo aparato cerimonial para a celebração das partidas. O futebol da elite deveria ser um acontecimento social³³.

Aspecto altamente relevante presente no discurso elitista da modernidade paulistana – a se mostrar também no futebol – é a questão da boa-educação como elemento fundamental da civilidade. Havia um ideal de respeito e “conduta exemplar” esperado dos atletas, da arbitragem e da torcida. Não se via com bons olhos a violência, o jogo brusco, a deslealdade, tampouco a torcida ruidosa e pouco disciplinada. Todas essas práticas eram desqualificadas no sentido de deslegitimar a participação popular no futebol, ao serem

³⁰ FRANCO, Hilário Júnior. *A dança dos deuses – futebol, sociedade, cultura*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 61.

³¹ NEGREIROS, Plínio. *Resistência e rendição: a gênese de Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916, dissertação de mestrado em História*. PUC-SP, 1992, p. 18.

³² PEREIRA, op. cit., p. 62.

³³ LOBATO, Monteiro. *Literatura do Minarete. Obras completas*. São Paulo, Brasiliense, 1964, pp. 179-186.

estabelecidas como típicas daquela gente pobre, negra e mestiça que buscava fazer parte daquele mundo reservado a poucos³⁴.

O Estado de S. Paulo de 24/08/1914, ao reprovar com veemência as ofensas a Friedenreich, que apitou – isso mesmo, apitou – C. A. Paulistano x A.A. Palmeiras no dia anterior trazia o seguinte comentário:

... Reprovamos sempre o procedimento dos ‘torcedores’ extremados, que se julgam no direito de dirigir a um juiz os mais descabidos doestos, esquecendo, às vezes, os comezinhos princípios de boa educação e posição social dos foot-ballers da Associação Paulista e dos freqüentadores do Velódromo, pertencentes todos à melhor sociedade paulista³⁵.

Ao ressaltar a necessidade da boa educação, o texto lembrava a quem, pode-se dizer, pertencia, naquele momento, o futebol. Era preciso manter o esporte dentro de certos parâmetros sociais, alicerçando-se na ampla valorização daquilo que era tido como boa-educação e no fato de ser uma prática exclusiva das elites.

O mesmo jornal, em 14/10/1923, ao reproduzir um texto sobre a delegação da seleção paulista no Rio de Janeiro, da qual fazia parte Friedenreich, se expressava da seguinte forma:

A delegação que ora nos visita, composta de elementos de escol da sociedade paulista muito nos honra pela sua distinção e linda conducta irrepreensível (...) Jogar futebol não consiste somente neste acto meramente mecânico de actividade muscular. Caminhando de par estão também a distinção e a educação. Sem estes dois factores capitaes nada se pode esperar de respeitável e útil.

O valor dado a uma prática social estava, portanto, diretamente vinculado a quem o realizava, e de que forma o fazia.

³⁴ Emblemático, nesse sentido, é fato de haver, no Velódromo, que pertencia ao Club Athletico Paulistano, uma placa nas arquibancadas onde se lia: “É expressamente proibido vaiar”. STORTI e FONTENELLE, op. cit., p. 18.

³⁵ Além de árbitro, Fried foi o artilheiro daquela temporada atuando pelo Ipiranga, único time de fora do círculo de clubes da elite paulistana a disputar o certame da Apea – chamada no texto por “Associação Paulista” – daquele ano. Os times das camadas populares estavam confinados, nessa época, à sua própria liga, a LPF.

Em 1925, em virtude da excursão do Paulistano à Europa, *O Estado de São Paulo* do dia 21/05 fazia o seguinte elogio ao grupo brasileiro:

A actitude que os paulistanos mantiveram enfrentando adversários as vezes brutos e incompetentes era das mais dignas. Procederam sempre com superioridade, distribuindo sorrisos e excusas que evidenciaram qualidades superiores de educação.

A velha cordialidade – que posteriormente seria sistematizada por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*³⁶ - era então tomada como sintoma de superioridade e boa-educação e era fundamental mostrar-se assim aos europeus.

Ainda *O Estado de S. Paulo*, de 16/07/1912, noticiava a partida em que o Mackenzie venceu o Internacional por 4 a 0, com ótima atuação de Fried, e escrevia: “distintos rapazes que nas horas de lazer de seus estudos de engenharia, se entregam ao cultivo de football”. O não-profissionalismo (eram estudantes de engenharia) estava totalmente ligado à posição social que ocupava o praticante do futebol, na década de 1910. Os atletas não deveriam precisar viver do futebol.

1.8. A imprensa esportiva e a invenção da metrópole

A vitória, bem como outros pressupostos dos tempos modernos, teve um veículo privilegiado no sentido de ganhar as mentes dos homens, naquelas incipientes metrópoles brasileiras: a imprensa. Principalmente através dos jornais – e no caso paulista destacam-se *O Estado de São Paulo* e o *Correio Paulistano* – o futebol recebia um tratamento que nos permite afirmar que ele operava como uma espécie de metáfora de tudo o que aquelas publicações gostariam de dizer. No exercício de reafirmação de uma certa mentalidade hegemônica, aqueles jornais recorriam ao futebol para amplificar valores, disseminar práticas e legitimar determinadas posições³⁷.

³⁶ HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

³⁷ No entender de Le Goff, as mentalidades se forjam num centro, o mundo popular recebe ou elabora seus modelos nos seus lugares próprios de modelagem das mentalidades e os *mass media* são os veículos e matrizes privilegiadas das mentalidades. Em seu modo de ver, a mentalidade encontra-se também atrelada às

Entretanto, além desses jornais de interesse geral, já na década de 1910, existiam em São Paulo alguns especializados em esporte, como *O Brasil Esportivo*, *São Paulo Esportivo* e *Sport*³⁸.

De acordo com Heloisa Bruhns, a ampliação da cobertura do futebol pela imprensa coincidiu com o aumento da circulação dos jornais, os quais, por sua vez, foram auxiliados pelo crescente interesse pelo futebol³⁹.

O Estado de S. Paulo do dia 27/10/1923, em função da final do Campeonato Brasileiro de futebol entre paulistas e cariocas, da qual Friedenreich participaria, no Rio, publicou a seguinte nota:

O sr. José R. de Moraes, proprietário da Sorveteria “Meia Noite”, seguiu ontem para o rio, afim de transmitir, pelo telephone instalado especialmente no estádio do Fluminense, todas as peripécias do importante encontro entre paulistas e cariocas.

À medida que forem chegando, as informações serão transmitidas ao público, das 14 horas em diante pelo altifalante da Sorveteria “Meia Noite”, no Parque do Anhangabaú.

Futebol, sorveteria, empreendedorismo, publicidade, telefone, Parque do Anhangabaú, competição, decisão. Todos eles elementos que, combinados e somados àquela idéia de vitória, conformavam a vida moderna paulistana durante as primeiras décadas do século XX.

Alguns termos utilizados pela imprensa esportiva da época apontavam diretamente para a relação entre o esporte e a vida urbana moderna. *O Estado de S. Paulo* de 09/09/1912, ao noticiar a derrota de um Combinado Paulista – um dos primeiros dos quais Friedenreich participara – contra a Seleção Argentina por 6 a 3, usava os adjetivos “agitado e febril” na descrição do jogo. Era a própria metrópole, em campo; era a vida moderna que se apropriava de todas as expressões do cotidiano da cidade e passava a se instituir a partir dessas manifestações.

estruturas e à dinâmica social. LE GOFF, Jacques. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1988, pp. 77-78.

³⁸ CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial*. São Paulo, Ibrasa, 1990, p. 97.

³⁹ BRUHNS, Heloisa Turini. *Futebol, carnaval e capoeira – entre as gingas do corpo brasileiro*. Campinas, Papirus, 2000, p. 62.

O trecho abaixo, extraído de *O Estado de São Paulo* de 30/05/1919, ao pontuar as qualidades da seleção brasileira de futebol que acabara de vencer o Sul-americano – protagonizado por Fried⁴⁰ – constituiu um verdadeiro manual do homem moderno, um guia completo de como se deve se comportar na metrópole, seja num campo de futebol ou fora dele:

- a) agilidade assombrosa que torna quase sempre invencível as arremetidas fulminantes, feitas a toda velocidade, sem tão preconizado abuso de passes
- b) extraordinário poder de reação contra as desvantagens iniciais que para outros jogadores são as mais das vezes esmagadoras...
- c) igual capacidade tanto para o ataque mais impetuoso como para a defesa mais contínua e eficiente
- d) excepcionais possibilidades de resistência, bem demonstradas durante as três horas de jogo de ontem. Foram derrotados os que se cansaram primeiro e venceram os que se fatigaram menos – os brasileiros.

Agilidade, velocidade, poder de reação, continuidade das ações, eficiência, resistência. Pressupostos tidos como básicos da vida na cidade e para a vitória no jogo, aqueles que pretendiam obter êxito deveriam, portanto, seguir a esses princípios como a uma cartilha⁴¹.

O Estado de S. Paulo, de 15/11/1926, ao comentar acerca da vitória argentina sobre a seleção brasileira de Friedenreich por 2 a 1, se manifestava nos seguintes termos: “O quadro argentino, muito homogêneo, movendo-se em campo com precisão matemática...” A transposição da ciência exata para o jogo é emblemática nesse fenômeno de expansão da modernidade, que a tudo transforma em objeto a ser racionalizado, esquadrinhado, projetado. Assim como a eficácia do trabalho advém da aplicação da ciência moderna à indústria, a vitória era apresentada como resultado direto da matematização da prática do futebol.

A publicidade era outro mecanismo de especial importância àquele emergente mundo moderno, no sentido de disseminar comportamentos e estimular padrões de

⁴⁰ Foi em função do título conquistado nesse campeonato que Friedenreich recebeu, da imprensa uruguaia, os apelidos de *El Tigre* e *El Namorado de La América*.

⁴¹ Leônidas da Silva, em depoimento para o Arquivo Nacional da Cidade do Rio de Janeiro registra sua comparação entre o futebol paulista e o carioca: “o futebol (de São Paulo) mais rápido, mais agressivo; o futebol do Rio era mais técnico, mais lento”. Jogo rápido e agressivo, como o que se joga na metrópole paulistana.

consumo. A página 122 de *Supremacia e Decadência do Futebol Paulista*, de Leopoldo Sant'anna, de 1925, trazia o seguinte anúncio: "FRIEDENREICH, o melhor centro-avante mundial, fuma somente cigarros Automóvel Clube, da Companhia de Cigarros Castellões"⁴². O nome do cigarro, por si só – Automóvel Clube – já é uma alusão positiva à modernidade. O uso de Friedenreich como garoto-propaganda da marca atesta a popularidade do esporte e o valor de Fried como ídolo.

1.9. Os times de futebol da elite: o Paulistano em destaque

Os primeiros times que se organizaram para a prática futebolística, em São Paulo, eram compostos por ingleses e membros da elite paulista. Fundados ainda na década de 1880, São Paulo Athletic Club e São Paulo Railway Company foram os precursores de uma série de clubes exclusivos à classe dominante. Em 1898 foi criada a Associação Atlética Mackenzie College, primeiro time formado somente por brasileiros. No ano seguinte, surgia o Sport Club Internacional, reunindo ingleses e brasileiros, e o Sport Club Germânia, que congregava a colônia alemã da cidade. No ano de 1900 nascia o Club Athletico Paulistano, com representantes de tradicionais famílias de São Paulo. Dois anos depois aparecia a Associação Athletica das Palmeiras, formada por jogadores do segundo time do Paulistano⁴³.

O Paulistano celebrou-se por ter se constituído no mais vitorioso clube do futebol paulista enquanto manteve seu time em atividade. Em trinta anos de existência foram doze títulos paulistas, e Fried participou de boa parte dessas conquistas. Sua sede inicial, como já foi dito, era o Velódromo, na Rua da Consolação. Lá se realizou a primeira partida interestadual de futebol do Brasil, em 19 de outubro de 1901. Também lá o futebol mostrou sua força ao substituir o ciclismo na preferência de seus sócios. O Velódromo era ponto de encontro da elite paulistana, que costumava prestigiar o time de futebol do CAP com o grito de guerra "aleguá", expressão que mesclava o termo francês "allez", com o inglês "go" e o indígena "ack", palavras que tinham o mesmo significado: "avante". Em 1905 o clube

⁴² SANT'ANNA, Leopoldo. *Supremacia e Decadência do Futebol Paulista*. São Paulo, Instituto D'anna Rosa, 1925, p. 122.

⁴³ FRANCO, op. cit., p. 61.

conquistou seu primeiro título paulista.⁴⁴ Mas nem só de futebol viveu o Paulistano. No Clube também se praticava tênis, atletismo, natação e pelota basca, entre outros esportes. Assim foi até 1915, quando foi anunciada a construção da rua Nestor Pestana no local ocupado pelo clube. O novo terreno escolhido, conforme já foi destacado, foi o do Jardim América, inaugurado em dezembro de 1917. Um dos momentos mais gloriosos do Paulistano foi vivido em 1925, quando o time de futebol do clube viajou para a Europa, naquela que constituiu a primeira vez em que uma equipe brasileira mostrava seu futebol no continente europeu. As atividades futebolísticas do Paulistano encerraram-se em 1929, quando o clube optou por manter definitivamente sua tradição de futebol amador e liberou seus jogadores para atuarem em outras equipes. É aqui que se tem o nascimento do São Paulo da Floresta, que daria origem, alguns anos depois, ao São Paulo Futebol Clube⁴⁵.

Jorge Americano lembra que, no início da década de 1910, os jogadores que atuavam nos torneios oficiais do futebol paulista eram “filhos de senadores, netos de conselheiros, sobrinhos do presidente da república, futuros cônsules, funcionários bancários, filhos da aristocracia agrícola”⁴⁶.

Processo bem semelhante se dá no Rio de Janeiro. Inicialmente, também na então capital federal, o futebol era exclusividade de sua elite e os clubes que tomavam parte do campeonato oficial local – o Payssandu Cricket Club, o Rio Cricket and Athletic Association (ambos fundados na última década do século XIX por membros da colônia bretã), depois, já nos primeiros anos do século XX, o Fluminense Foot-ball, o Foot-ball and Athletic Club, o Clube de Regatas do Flamengo (que passa a participar dos torneios de futebol), o Bangu Athletic Club (formado por trabalhadores especializados e de origem estrangeira, de uma fábrica carioca, a Companhia Progresso Industrial), o Botafogo Foot-ball Club e o América Foot-Ball Club – eram compostos usualmente pelos filhos das camadas mais abastadas daquela cidade⁴⁷.

1.10. Popularização e profissionalização

⁴⁴ O Club Athletico Paulistano repetiu o feito de 1905 em 1908, 1911, 1913, 1916, 1917, 1918 (a partir daí já com Fried), 1919, 1921, 1926, 1927 e 1929. STORTI e FONTENELLE, op. cit.

⁴⁵ Arquivo do Clube Atlético Paulistano.

⁴⁶ AMERICANO, Jorge. São Paulo naquele tempo (1895-1915). São Paulo, Carrenho Editorial, 2004.

⁴⁷ Ver, entre outros, PEREIRA, op. cit., e SILVA, op. cit.

Não demorou ao futebol – como quase tudo o que veio para aquela nova São Paulo que nascia – começar a povoar os sonhos dos imigrantes, negros, mulatos e desfavorecidos de toda sorte. Porém ele rapidamente tornou-se algo bem mais palpável que simples sonho. Podiam, sim, tê-lo, praticá-lo, se não nas esferas oficiais, num primeiro momento, pelo menos da maneira que bem entendiam nos espaços que sobravam para eles e que surgiam naquela cidade em expansão. E foi nas várzeas dos rios paulistanos, entre outros locais igualmente periféricos do Rio de Janeiro, que o futebol inglês começou a ganhar “características mais brasileiras”.⁴⁸ E nas várzeas, o povo pobre da cidade, pouco a pouco, transformou o futebol em um objeto seu, uma arte sua, um sonho seu, uma possibilidade de fazer parte daquele novo mundo que parecia prometer tudo.

Porém, a desqualificação com que a elite tratava os escravos libertos, operários, imigrantes e sertanejos, se aplicava também aos atletas que tinham essas origens.

Heloisa Bruhns esclarece que o processo de adesão ao futebol, naquele momento, se dava dentro de dois grupos distintos e aponta para o elitismo presente no esporte:

Por um lado jogadores originários da elite, relacionados ao futebol praticado na escola ou no clube; por outro, a fonte na qual as classes populares estavam incluídas, controladas pelo viés do futebol paternalista de empresa. No entanto, era malvista a inclusão de jogadores de classes populares – e no Brasil, a cor da pele parece ser um indicador de classe – nos grandes clubes de *boa família*.

A autora frisa ainda que somente a partir de 1918 é que a Federação Brasileira de Sports autorizou formalmente as entidades regionais e os clubes a aceitarem negros e mulatos em seus quadros, em função das pressões da imprensa⁴⁹.

Em 1921, o presidente Epitácio Pessoa, atestando esse estado de tensão no qual vivia o futebol por conta de sua popularização, tomou partido e proibiu que atletas negros – e entre eles Fried – disputassem o Sul-americano na Argentina, dando, como justificativa,

⁴⁸ Sobre essa recriação do futebol no Brasil, ver, entre outros: TOLEDO, L. H. Futebol e Teoria Social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982-2002). Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. São Paulo, v. 52, p. 133-165, 2001.

⁴⁹ BRUHNS, op. cit., pp. 58-59.

“os riscos de uma humilhação nacional e o fato de que a imprensa uruguaia havia chamado os jogadores brasileiros de *macaquitos* em 1919”⁵⁰.

O periódico fluminense *Sports*, em sua primeira edição, datada de 1915, registrava que “o futebol é um esporte que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo. (Se formos) obrigados a jogar com um operário (...) a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão”⁵¹. Conforme bem observa Hilário Franco Júnior, “era inadmissível submeter-se às mesmas regras que jogadores oriundos das camadas subalternas quando a própria sociedade carecia da universalização da igualdade jurídica e da cidadania”⁵².

O Estado de S. Paulo de 16/10/1923 transcrevia a seguinte matéria do Diário Popular de Pelotas:

A assistência ao encontro foi culminante em doestos e impropérios, os esportistas gaúchos viam-se a cada segundo alvos das mais grosseiras vaias e assacadas de offensas as mais immoraes. Até parecia que se encontravam perante uma assistência de bárbaros, pois até os policiaes, ao envez de desempenharem as suas funções de mantenedores da ordem eram parte integrante desse público que só demonstrou a sua absoluta falta de educação esportiva e só desmentiu os créditos de uma população de cidade cosmopolita e os foros de civilização da ‘princesa’ do Brasil.

Uma vez mais se nota o papel da imprensa em amplificar aquele discurso da boa-educação própria de um círculo social que se auto-proclamava dono do futebol brasileiro. São Paulo, a grande metrópole, não poderia jamais ter uma “assistência de bárbaros”. Ora, se o futebol persistisse como prática restrita ao âmbito dos setores privilegiados, tal problema não teria ocorrido. A popularização do jogo acaba por revelar o espírito elitista presente na idéia de civilização que se apresentava naquele instante.

Leopoldo Sant’anna, em *Supremacia e Decadência do Futebol Paulista*, de 1925, escrevia: “Indivíduos de educação nulla, de moral duvidosa, que se adestraram pelas várzeas no manejo da pelota, tornaram-se desejáveis. Dahi, as continuas indisciplinas em campo”⁵³. A popularização do futebol é indicada como nociva ao próprio futebol e a

⁵⁰ SILVA, op. cit., p. 96.

⁵¹ *Sports*, 06/08/1915.

⁵² FRANCO, op. cit., p. 63.

⁵³ SANT’ANNA, op. cit., p. 155.

ausência da tão propalada boa-educação era apresentada como causa de uma pretensa ou momentânea decadência daquele esporte em São Paulo. A não observação de certos princípios vinculados a uma ética sustentada pela elite paulista era motivo suficiente para desqualificar aquela prática subvertida.

De acordo com Marcelino Rodrigues há uma conexão, alinhavada, sobretudo, na década de 1920, entre, de um lado, o vertiginoso crescimento da indústria do lazer e do espetáculo, e, de outro a popularização do futebol⁵⁴.

Nessa direção é interessante apresentar a maneira como Martín-Barbero trata a formação da cultura de massas na América Latina, a partir de um processo marcado por momentos distintos. Inicialmente, como produto da expansão capitalista e da urbanização, entram em cena as turbulentas e heterogêneas massas urbanas. Destituídas das formas tradicionais de expressão e sociabilidade de seus antepassados, elas ameaçam a hegemonia política e cultural que as elites haviam estabelecido, no início do século XX, a partir da importação, da Europa, de práticas e valores “civilizados”. Os meios de comunicação de massa apareceriam, nesse contexto, como uma forma de pedagogia e controle social, oferecendo às multidões uma linguagem homogeneizante, e, portanto, moderna. No entanto, a ressonância só se daria se essa linguagem se submetesse a um processo de “mediação”, vinculando-se às demandas simbólicas, formas de expressão e padrões culturais das massas desenraizadas que constituíam a metrópole⁵⁵.

Marcelino Rodrigues quer ver o futebol brasileiro como parte desse fenômeno. Para ele, há um esforço das elites, até o início da década de 1930, no sentido de fazer do esporte, de fato, um instrumento de pedagogia e controle social. No seu entendimento, o jornalismo esportivo foi um dos principais meios utilizados para empreender essa tarefa. O autor pontua a popularização do futebol como fruto de um “processo de apropriação, em que os diferentes grupos sociais, entre os quais [o futebol] se difundiu, desenvolveram seus próprios modos de fruí-lo e interpretá-lo”⁵⁶.

De acordo com Leonardo Miranda Pereira, o sentido de popularização do futebol não se estabeleceu apenas em função de uma lógica própria aos projetos das elites, como

⁵⁴ SILVA, op. cit., p. 95.

⁵⁵ MARTÍN-BARBERO. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

⁵⁶ SILVA, op. cit., p. 144.

mecanismo disciplinar ou instrumento de controle⁵⁷. Para o autor carioca, havia também um movimento empreendido por parte dos clubes suburbanos ou associações operárias que tratava de fazer do futebol “um meio de efetivar um árduo diálogo com os discursos letrados que eram sobre eles lançados, na tentativa de conseguir benefícios para si mesmos”. O que se dava era um “intenso e conflituoso diálogo entre os diferentes grupos, no qual o futebol aparecia como um idioma comum que mediava suas tensões”⁵⁸.

De qualquer forma, parece que boa parte dos militantes operários de São Paulo não costumava ver com bons olhos o apego dos trabalhadores aos clubes de futebol. Afirmavam que “mais úteis à humanidade e a si próprios seriam esses rapazes se, em lugar de se ocuparem de semelhantes passatempos, ingressassem antes nos sindicatos e nas Ligas Operárias, a fim de poderem enfrentar o vilíssimo patronato”⁵⁹. Já Fátima Antunes acredita que “os anarquistas criticavam o baile e o futebol por serem elementos culturais próprios da burguesia, mas toleravam estas atividades em seus festivais, na medida em que se subordinassem à eficácia da pregação libertária”⁶⁰.

O fato é que a década de 1910 foi não somente um período no qual a consciência de classe operária e as lutas dos trabalhadores intensificaram-se, em São Paulo, como foi também um tempo que viu, no futebol, a participação cada vez maior dessa gente pobre. É nessa década que surgiu para o futebol Friedenreich, por exemplo. As conquistas pelos espaços sociais, por direitos trabalhistas e pela amplificação da voz política parecem fazer parte de uma mesma dinâmica histórica que se encenava a partir da ação popular, seja individual ou coletiva. Jogadores de futebol mulatos, operários pobres, clubes não elitizados, times varzeanos e associações de trabalhadores foram elementos constituintes de um fenômeno social fundamentado na ampliação da expressão popular, na vontade das

⁵⁷ Margareth Rago, em *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar* mostra como, nessa época, os campos de futebol apareciam como um importante elemento na caracterização das vilas operárias como espaços de ordenação dos trabalhadores, que serviriam, segundo um de seus entusiastas, como formas de resolver “o conflito entre capital e trabalho”. O futebol teria, assim, um duplo papel: por um lado, ajudava a manter o operário em um espaço de ordem e disciplina, livrando-o do caos e da desordem das ruas; por outro, daria aos trabalhadores o relaxamento necessário para que, depois, voltassem a produzir melhor. RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p. 180-181.

⁵⁸ PEREIRA, op. cit., p. 280.

⁵⁹ “A dança e o foot-ball”, *A Plebe*, 30 de outubro de 1917, apud Maria Thereza Vargas (coord.), *Teatro operário na cidade de São Paulo*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1980, p. 163.

⁶⁰ FOOT-HARDMAN, Francisco. *Nem pátria nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 42; e ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. *O futebol nas fábricas*. Revista USP, n. 22, jun./ago. 1994, p. 106.

camadas menos favorecidas em fazer parte daquele mundo do qual eram, em larga medida, excluídos.

Assim, a partir da década de 1910 as camadas mais pobres começaram a penetrar gradualmente no futebol, levando, por conseguinte, os clubes a realizarem uma precária profissionalização⁶¹.

Jorge Americano assim descreve esse fenômeno de popularização do futebol em São Paulo:

Muitos clubes ‘de várzea’ foram deixando de ser ‘de várzea’. Entravam nas competições com os grã-finos. Depois os grã-finos se retiraram. Desapareceram os amadores e entraram os profissionais.

Não foi de um momento para o outro, foi aos poucos. Certo industrial cujos operários em maioria, torciam para determinado clube, contratava como empregado, um excelente jogador ganhando o colosso de dois contos por mês, com função que não exigia frequência. O novo empregado passava o mês inteiro treinando, e a cada termo comparecia para receber o salário.

Depois, passou-se diretamente ao contrato dos jogadores pelos clubes, e institui-se o profissionalismo.⁶²

Em 1909 surgia em São Paulo o Internacional. No ano seguinte foi criado o Corinthians, que ganhou a reputação de jogar de modo agressivo, o que configurava, possivelmente, um sinal da aversão com a qual os seus adversários viam seus jogadores⁶³. Em 1910, também é o ano de estréia do nada aristocrático Ypiranga, no campeonato paulista. Fundados por pequenos comerciantes e operários, esses clubes passaram, em pouco tempo, a disputar o Campeonato Paulista oficial. Desta forma estendiam-se suas tendências de congregar uma massa de torcedores mais populares que, com o tempo, acabava por tornar esses clubes – em especial o Corinthians – extremamente representativos das camadas subalternas da capital paulista. Era nesses times que atuavam os jogadores pobres, mulatos e negros, cuja participação nos torneios oficiais incomodava as elites que praticavam o futebol nos clubes aristocráticos.

⁶¹ MORAES, op. cit., p. 96.

⁶² AMERICANO, Jorge. *São Paulo nesse tempo (1915-1935)*. São Paulo, Melhoramentos, 1962, p. 213.

⁶³ MEIHY, José Carlos Sebe Bom e WITTER, José Sebastião. *Futebol e Cultura – Coletânea de Estudos*. São Paulo. IMESP/DAESP, 1982, p. 25.

Gradualmente, a quantidade de bons jogadores aumentava consideravelmente entre os setores mais pobres, “sufocando” os antigos desportistas elitizados. Várias equipes consideradas grandes já aceitavam aqueles jogadores, sem se importarem com suas origens sociais e étnicas. Crescia, portanto, a necessidade de os times preocupados com conquistas profissionalizarem ou semiprofissionalizarem seus jogadores, através do afastamento desses atletas do mundo do trabalho ou do pagamento de “bichos” por vitória.

Essa situação desencadeou o abandono, dos campeonatos, de clubes que se mantinham defendendo a permanência do amadorismo e da forma elitista pela qual deveria, de acordo com seus princípios, ser conduzido o futebol. Foi o que motivou o Paulistano, em 1913, a deixar, momentaneamente, a liga de futebol de São Paulo, reclamando dessas novas e “perniciosas” relações que “deterioravam” o futebol e a fundar, separadamente, a APEA – Associação Paulista de Esportes Atléticos.

A reação amadora ao profissionalismo mascarado⁶⁴, em São Paulo, se revelou novamente em outro importante episódio, de 1925, quando clubes dissidentes da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) fundaram a Liga Amadora de Futebol (LAF).

Para Waldenir Caldas, a crescente popularização do futebol começou a produzir suas primeiras grandes contradições a partir da segunda metade da década de 1920. De acordo com esse autor, alguns clubes paulistas e cariocas relutavam em aceitar esse processo de popularização, boicotando qualquer medida administrativa que se estabelecesse nesse sentido e argumentando que o futebol poderia se manter somente com a venda de ingressos ao público elitizado. No entanto, os clubes não elitizados já começavam a chamar a atenção e a congregar pequenas multidões em suas partidas. A grande questão que se abatia sobre o futebol era, sem dúvida, em relação à profissionalização ou não desse esporte. A maior parte da imprensa era favorável ao profissionalismo. Os presidentes dos clubes, em sua maioria políticos profissionais, se viam em um dilema: se apoiassem a profissionalização, possivelmente perderiam o apoio de parte da elite que não a via com bons olhos; por outro lado, melhorariam sua imagem em relação aos eleitores. O fato é que,

⁶⁴ Durante a década de 10 e, principalmente, de 1920, se dava um processo chamado de *profissionalismo marrom*, ou *profissionalismo mascarado*, que consistia no fato de os atletas, embora declarados amadores, receberem algum tipo de gratificação por conta de suas atuações nos times dos clubes aos quais estavam vinculados.

naquele momento, apenas os clubes ganhavam dinheiro com as arrecadações. O trecho a seguir, de Caldas, esclarece bem esse fenômeno:

Enquanto as arrecadações nos estádios aumentavam e enriqueciam ainda mais as agremiações, os jogadores permaneciam na mesma situação de explorados e sem nenhum direito. Subempregado, mas na esperança de profissionalizar-se, ele ficaria à mercê da sua sorte, de não sofrer acidentes de trabalho mais sérios e da eventual honestidade dos presidentes de clubes⁶⁵.

Mas o processo de popularização do futebol era irreversível. Em 1929, em São Paulo, finalmente, são extintos a LAF e o departamento de futebol do Paulistano. É o fim dos tempos em que o futebol era um esporte de elite⁶⁶.

A popularização do futebol pareceu subverter algumas das funções sociais primordiais imaginadas para aquele esporte (a normatização social das massas, o respeito às regras e leis, a rotinização da vida, o disciplinamento do corpo). Ao ser apropriado pelas camadas mais pobres das populações urbanas brasileiras, o futebol tornava-se desregrado com relação à suas leis, que assumem formas momentâneas.

Ali, a disciplina, o condicionamento, o auto-conhecimento do corpo valem bem menos que a esperteza da ginga leve e do drible fácil e escorregadio. A inventividade, a surpresa e a imaginação valem bem mais que os procedimentos corretos e óbvios. A alegria eclipsa a seriedade, e o prazer lúdico sobrepõe-se ao prazer e ao exercício narcisístico do próprio corpo. Desse modo, o destemido desportista consciente e saudável sucumbe ao moleque fraco, mas esperto, malandro e indisciplinado⁶⁷.

Fundada na lógica da improvisação, o futebol praticado por aquela gente desfavorecida, entretanto, pode ser visto também como uma forma de se constituir “um modo de representação da existência negada em outros campos sociais”.⁶⁸

As décadas de 1910, 20 e 30 – anos em que Fried jogou – são apresentadas por Marcelino Rodrigues da Silva, em *Mil e uma noites de futebol*, como o momento no qual se

⁶⁵ CALDAS, Waldenir. *Aspectos sóciopolíticos do futebol brasileiro*. São Paulo, Revista USP nº 22 (Dossiê Futebol), jun./jul./ago., 1994, pp. 45-45.

⁶⁶ SILVA, op. cit., p. 97.

⁶⁷ MORAES, op. cit., p. 98.

⁶⁸ FRANCO, op. cit., p. 64.

deu o processo de popularização deste esporte no Brasil, uma vez que, de acordo com o autor teria sido nesse período que o jogo teve “seu repertório gestual recriado e transformado no que hoje é chamado estilo brasileiro de futebol”, foi cenário de um conflituoso embate pela aceitação de jogadores negros e pela profissionalização dos atletas, gestou os primeiros grandes ídolos esportivos do país, produziu instituições radicalmente conectadas com a sociedade e contribuiu para o surgimento de uma imprensa esportiva vibrante, de dimensões antes inimagináveis⁶⁹.

E a imprensa acaba por operar também em uma função de reforço à distinção social, ao preferir ostensivamente o uso de termos de língua inglesa para nomear posições de jogadores (*goal-keeper, backs, halves e forwards*) e movimentos do jogo (*kicks, fouls, goals, etc*)⁷⁰. Além de acentuar o elitismo, a utilização dessas expressões demonstrava perfeita sintonia com a cultura européia, relação fundamental dentro do projeto moderno do país.

No entanto, o processo de popularização do esporte, empreendido, sobretudo, em função da impossibilidade de impedir que negros, pobres e trabalhadores das classes mais baixas praticassem o futebol, permitiu que essa gente estabelecesse um fenômeno de ressignificação, concedendo ao jogo sentidos que não eram entendidos pelas elites e que, por esse motivo, não encontravam, inicialmente, espaço no discurso jornalístico.

Faz sentido imaginar que o crescente interesse da imprensa pelo futebol, naquelas décadas, também teve relação com o fenômeno de popularização do esporte. Mesmo que o público alvo e o discurso fossem vinculados à elite, começava a se abrir uma brecha para a circulação e as trocas culturais. Apesar desse encontro ter sido, num primeiro momento, na maior parte dos casos, motivo de conflitos e turbulências, talvez não seja exagero relacionar a ele a tímida, mas crescente diversificação da linguagem e dos recursos de representação usados pela imprensa esportiva daquela época.

Também se refletia na cobertura que a imprensa esportiva dava à torcida, a divisão social manifestada nos espaços urbanos. Havia, de um lado, a elite, os *sportsmen*, os *habitués*, a “sociedade”; e de outro, na “segunda classe”, as massas subalternas, “aqueles que se apinhavam nas gerais e nos morros e árvores ao redor dos estádios”⁷¹.

⁶⁹ SILVA, op. cit., p. 17.

⁷⁰ SILVA, op. cit., p. 48.

⁷¹ Sobre essas questões ligadas à imprensa esportiva, ver: SILVA, op. cit., pp. 56-59.

Em finais da década de 1920, na esfera política, o país atravessava uma grave crise. Em novembro de 1930, tomava posse Getúlio Vargas, estabelecendo o fim da chamada República Velha. Ao assumir o governo, o novo presidente logo tratou de apresentar sua política trabalhista que, dentre outros fins, trataria de liquidar com as pretensões dos dirigentes de futebol em preservar o amadorismo. O item 15 do “Programa de Reconstrução Nacional” varguista aponta para a necessidade de “instituir o Ministério do Trabalho, destinado a superintender a questão social, o amparo e a defesa do operariado urbano e rural”⁷².

O profissionalismo, resultado da popularização do esporte, se instituiu, assim, definitivamente, em 1933. Os jornais de 13 de março registraram a primeira partida oficial desse novo período para o futebol, do dia anterior. Fried, então no São Paulo, foi o autor do primeiro gol do profissionalismo, contra o Santos.

1.11. O futebol informal: os times operários, a várzea e a rua

Já em 1904 o futebol tomava as ruas da cidade. O texto abaixo, de Jorge Americano, atesta como esse esporte despertava fascínio nas pessoas em São Paulo e indica o sentido de improvisação pelo qual o futebol foi apropriado em sua popularização:

Éramos vinte entre a rua Conselheiro Nébias e adjacências. Maneco Lacerda, Luís Filipe de Queirós Lacerda, os dois irmãos Vallim, Schimiella, filho do carpinteiro, Zico Sales, José, filho da cozinheira de dona Joana de Moraes Sales, Orlando e Alberto Rosa, Totó Pinto, Carlos Norberto Aranha, Anatole e Joaquim Sales, Kant e Hermes Alves Lima, Gastão e Oduvaldo Moreira, Amaro Ribeiro, Jaime e eu.

Para completar dois teams de futebol, contávamos ora com João Minervino, que vinha lá da rua Brigadeiro Tobias, ora com algum menino que passava, ora com a irmã de Hermes e Kant, Nenê Alves Lima.

O gol era marcado pelo lampião, de um lado, e por dois tijolos, do outro, no quarteirão da rua Conselheiro Nébias, entre rua Helvétia e alameda Glette. Não passava veículo senão de meia em meia hora. A bola era feita com enchimento de papel, revestida com meias velhas, e amarrada com barbante. Ficava do tamanho de uma laranja. De vez em

⁷² Ver CALDAS, op. cit., p. 45.

quando quebrávamos a vidraça de um lampião. Não dava incidente maior. De vez em quando quebrávamos a vidraça de uma das casas, todas iguais, pertencente a dona Vitória de Almeida Lima. Corríamos todos, escondíamos atrás do pequeno saguão externo de cada casa, e uns minutos depois vínhamos aparecendo. Não dava incidente maior.

Um dia apareceu uma bola de couro, não sei de quem. Dividiram-se os teams, e o jogo começou. As posições dos teams eram nesse tempo, denominadas em inglês: goal-keeper; dois full-backs, direita e esquerda; três half-backs, centro, direita e esquerda; cinco forwards, direita, esquerda, meio-direta, meio-esquerda, centro.

Aconteceu que, recebendo a bola num corner, um back direita deu um shoot off-side que entrou pela janela aberta do barão Brasília Machado e lhe quebrou o lustre da sala de visitas.

O barão Brasília Machado tinha sobrancelhas muito espessas e escuras, e olhos verdes; parecia um olhar de aço. Os meninos que se aventuravam a sair dos esconderijos para ver as conseqüências estremeciam e retornavam até escurecer.

Na tarde seguinte apareceu no Diário Popular uma reclamação de um “morador da rua Conselheiro Nébias”.

Ninguém se aventurou a jogar futebol.

Na outra tarde apareceu um guarda em cada esquina. Isso durou uma semana. Depois desapareceram os guardas. Passaram-se três dias, os teams ressurgiram, embora desfalcados. Apareceram correndo, dos dois lados, os dois guardas, que estavam escondidos ao dobrar da esquina.

Todos entramos em qualquer portão, e nos escondemos como foi possível.

Foi esta, como diria Alexandre Herculano, a “última corrida em Salvaterra”.⁷³

Meninos, meninas, filhos de carpinteiros, filhos de cozinheiras, gente “de nome”, não importava; o futebol parecia ser de todos, ali. Traves de tijolos e lampião; bolas de papel, meias e barbante; vidros quebrados; o que importava era jogar futebol. Só a presença da polícia era capaz de proibir o jogo.

Esse jogo improvisado das ruas se repetia nas várzeas dos rios e permitia o uso de um repertório cultural próprio, diferente daquele praticado na Inglaterra, de onde veio o tal esporte.

Não é exagero imaginar uma conexão entre o estilo brasileiro de jogar futebol e as manifestações culturais afro-brasileiras como o samba e a capoeira, conforme já pensava

⁷³ AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo, Carrenho Editorial, 2004.

Gilberto Freire⁷⁴. Uma edição do jornal *O Globo*, de 1931, traz, em destaque, a seguinte análise acerca de um confronto entre lutadores de jiu-jitsu e capoeira:

O *jiu-jitsu* foi feito, após anos de estudo, de experiências, comparações, metódico aproveitamento e aperfeiçoamento dos melhores golpes de todas as outras lutas. Cada golpe seu representa esforços contínuos, pesquisas pacientes, provas e contra-provas. A capoeira, não. Nasceu na rua e é muito menos técnica do que o *jiu-jitsu*. Os seus golpes repontaram, inesperadamente, num belo dia, numa briga de rua. A capoeira se defende segundo as necessidades do momento, as exigências do conflito e o valor do adversário. Tem recursos para tudo, contra-golpes mortais, movimentos imprevistos e estonteadores, negaças que desorientam, *trucs* que desarmam. Tudo isso vem da malícia do malandro, do instinto que não mente e, sobretudo, da necessidade de não apanhar. (...) Contra o científico, técnico *jiu-jitsu*, a malícia diabólica do malandro!⁷⁵

Esse jeito brasileiro, expresso também no futebol das várzeas dos rios e terrenos baldios, onde brincavam moleques, desocupados, desempregados, vadios foi, ao longo das primeiras décadas do século XX, considerado uma perturbação social. Por ser informal, ele desarranjava o universo do lazer regado; por ser praticado por desocupados, desorganizava o mundo do trabalho; e, em função de seus praticantes não seguirem integralmente as regras, e os jogos, às vezes, descambarem para a violência, entrava em choque com a esfera da disciplina e da lei.

Formados em sua maioria por negros e mulatos, os clubes de várzea, como o São Geraldo (da Barra Funda), o Cai-Cai (do Bexiga) e o Sul Africano, começam a despontar em São Paulo já antes de se iniciar a década de 1910⁷⁶.

Na visão de Thomas Mazzoni, a popularização do futebol tem na expansão do futebol de Várzea um de seus fatores principais. Para ele

⁷⁴ Ver introdução de Gilberto Freire em FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.

Ver também Heloísa Bruhns, que insere futebol e capoeira num mesmo universo lúdico brasileiro e apontam “possibilidades e alternativas na relação com a vida (em decorrência da inversão provocada pelos elementos cômicos, irônicos e ambíguos)”. BRUHNS, op. cit., p. 131.

⁷⁵ *O Globo*, 20 out. 1931, primeira edição.

⁷⁶ MORAES, op. cit., pp. 95-96.

a verdadeira história do nosso futebol de bairros nasceu quando os clubes acabaram se agrupando na Várzea do Carmo, dando uma feição de campeonato aos seus encontros domingueiros. Várzea, então, passou a ser o prefixo do futebol modesto, pequeno. Eis a origem da Várzea. É que os pequenos clubes, que naquela época já eram numerosos, começaram a incentivar suas atividades nos vários campos da Várzea do Carmo, como era chamado aquele enorme terreno inculto, onde hoje surge o famoso Parque D. Pedro II.

E prossegue, definindo o significado do termo:

Várzea, depois foi chamado todo e qualquer campo onde surgisse um pequeno clube. Várzea, ainda não era só o lado do Carmo e sim do Gasômetro, do Glicério etc. Foi, porém, na parte da Ladeira do Carmo, que teve seu grande impulso o pequeno futebol. Foi lá que se deu verdadeiramente o seu batismo, a sua infância prodigiosa. E o nome Várzea ficou para sempre⁷⁷.

Ecléa Bosi, em *Memória e Sociedade*, apresenta o depoimento do senhor, Amadeu, nascido em 1906 no Brás, filho de italianos e que chegou a jogar futebol nas várzeas de São Paulo, que se mostra bastante esclarecedor acerca daquela realidade:

Meu tempo de juventude foi muito empregado no esporte; organizava jogos, escalava os times, dava notícias para a 'Gazeta'. Dirigi o Clube São Cristóvão aí do Brás, composto de vendedores de jornal. Depois fui convidado para dirigir o Madri dos espanhóis da Rua Santa Rosa; eram todos carroceiros. Dirigi o Clube Madri onde joguei, militei uns cinco, seis anos, por volta de 1930 ou 33...

Nesse tempo, os jogadores da primeira Divisão podiam jogar na várzea. Não eram profissionais, não ganhavam nada. Joguei no São Cristóvão, que era o melhor clube da várzea. Uma vez o Internacional, por intermédio do Tomás Mazzoni, convidou o São Cristóvão para formar seu primeiro quadro. O Internacional era de Primeira Divisão.

Comecei a jogar futebol com nove anos. Naquele tempo tinha mais de mil campos de várzea. Na Vila Maria, no Canindé, na Várzea do Glicério, cada um tinha mais ou menos cinquenta campos. Barra Funda, Lapa, entre vinte e vinte e cinco campos. Ipiranga, junto com Vila Prudente, pode pôr uns cinquenta campos. Vila Matilde, uns vinte. Agora tudo virou fábrica, prédios de apartamento. O problema da várzea é o terreno. Quem tinha um campo de sessenta por cento e vinte metros acabou vendendo pra fábrica.

⁷⁷ MAZZONI, Thomaz. *História do futebol no Brasil*. São Paulo, Edições Leia, 1950. cap. 3, p. 77.

Se nós vamos procurar na memória quantos jogadores da várzea, de uns quarenta anos atrás (a primeira edição desse depoimento data de 1973), tinha mais de dez mil jogadores ... Cada campo tinha um clube; a maior parte dos campos eram dados pelos donos para o lugar progredir, popularizar. O dono é que pedia pra fazerem um campo nesses terrenos baldios. Quando tinha um clube, vinha o progresso. No domingo vinham duas mil pessoas assistir, e começava o comércio, o progresso.

...O jogo de várzea era o que atraía a maior parte do público. De grande, havia o campo da Ponte Pequena, do Corinthians velho, e o campo do Sírio. Depois veio o Parque Antártica e o Parque São Jorge. A gente dizia: “Em que parque vamos jogar?”. Não tinha ainda estádio, era campo livre, ninguém pagava pra ver.

...Quando foi morrendo o jogo da várzea e o futebol de bairro, começou a se concentrar o público nos estádios.⁷⁸

Esses comentários revelam a transformação de um esporte, inicialmente restrito a uma elite, em esporte popular e, este, em esporte de massa. Além do que, essa relação entre futebol, especulação imobiliária e indústrias, aponta para o papel do futebol nas alterações fisionômicas da vida urbana de São Paulo.

José Sebastião Witter esclarece, no entanto, que esse futebol amador não tinha vínculos com organizações burocráticas ou com o poder público e se organizava autonomamente e sem entidades responsáveis. E salienta que esse tipo de futebol conseguiu manter sua independência apesar das transformações urbanas e das imposições da exploração imobiliária.

Deixa claro também, que, do futebol varzeano, saíram jogadores importantes dos grandes clubes de São Paulo naquele momento. De acordo com *A Gazeta Esportiva* de 08/01/1930, por sinal, na sugestiva seção “Nas várzeas e nos subúrbios – os que hoje são promessas e amanhã se tornarão campeões”, o próprio Friedenreich teria começado sua carreira na várzea, em um time chamado São Paulo F. C.. No entanto, para Witter, a várzea era exclusividade paulista; segundo o autor, em outras localidades havia também futebol amador, mas com outros nomes e outras formas⁷⁹.

Uma dessas formas era o futebol de fábrica, também disseminado em São Paulo. Como já foi dito, o fenômeno de expansão do futebol entre a classe trabalhadora não foi estranho a anarquistas e comunistas, durante aquele período. A questão era tratada

⁷⁸ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo, Cia das Letras, 1995, pp. 138-139.

⁷⁹ WITTER, J. S. In: Porta, (Org.), op. cit., pp. 597-598.

sindicatos, geralmente, como “esporte burguês”, “poderoso ópio capaz de minar a união e a organização da classe”. No entanto, alguns grupos de orientação comunista tentaram, por determinados momentos, sem muito êxito, reorganizar o lazer operário “de modo a contrapor-lo à *cultura burguesa*”, ao estimular o controle dos operários sobre os clubes dos quais participavam⁸⁰.

Assim como os clubes de Várzea, também os clubes de fábrica se espalharam pela cidade e rara era a indústria que não possuísse um time de futebol. Um dos clubes de fábrica mais famosos de São Paulo foi o Votorantim Athletic Club, fundado em 1902 como Savoia Team, por iniciativa de engenheiros e técnicos ingleses da Fábrica de Tecidos Votorantim, no município de Sorocaba. Também a Regoli e Cia Ltda., do bairro da Mooca, em São Paulo, tinha seu clube de futebol. Em 1909, por ocasião da compra da tecelagem por Rodolfo Crespi, o grêmio daquela fábrica passou a se chamar Crespi F.C., tendo sido, anos mais tarde, na década de 1930, rebatizado Clube Atlético Juventus. De acordo com Fátima Antunes, “formou-se uma tradição de futebol amador praticado em clubes de fábrica criados por intermédio dos próprios trabalhadores, mas com apoio das empresas, cuja colaboração material e financeira foi fundamental para a continuidade desta iniciativa”⁸¹.

1.12. *Sem gols não há vitória: Fried e o mundo moderno em construção*

Friedenreich, primeiro nome realmente consagrado do futebol brasileiro, ao mesmo tempo em que era o grande artilheiro e ídolo, que fazia coisas nos campos das quais somente ele parecia ser capaz; também realizava ali, de alguma forma, como uma alegoria, o que cada paulistano, cada paulista, cada brasileiro realizava, sob outras formas, naquela cidade, naquele estado, naquele país que se pretendia tornar moderno⁸².

⁸⁰ BRUHNS, Heloisa Turini, op. cit., p. 63.

⁸¹ ANTUNES, Fátima. *O futebol nas fábricas*. São Paulo, Revista USP nº 22 (Dossiê Futebol), jun./jul./ago., 1994, pp. 102-109.

⁸² De acordo com Agnes Heller, a vida cotidiana é a vida do indivíduo, e “o indivíduo é sempre, simultaneamente ser particular e ser genérico”. HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Ed. Paz e Terra, 1972, p.20.

Em 1921, Monteiro Lobato publicava *A Onda Verde*⁸³. Em uma das crônicas do livro, o autor tratou diretamente do futebol, relatando em sua narrativa como esse esporte se espalhava pelo país, e, em certo momento do texto escrevia o seguinte:

Era assombroso! Estávamos diante da maior revolução de costumes jamais operada em terras de Santa Cruz. E tudo por arte e obra de uma simples esfera de couro estufada de ar...

Antes do futebol, só a capoeiragem conseguiu um cultozinho entre nós e isso mesmo só na ralé. Teve seus períodos áureos, produziu seus Friedenreichs, e afinal acabou perseguida pelo governo, com grande mágoa dos tradicionalistas que viam nela uma das nossas poucas coisas de legítima criação nacional.

O trecho insinua a figura de Friedenreich como um agente fundamental no fenômeno de popularização do futebol e, mais do que isso, aponta esse processo como a “maior revolução de costumes jamais operada em terras de Santa Cruz.” Essas mudanças faziam parte do contexto de transformações pretendidas sob a égide da modernização e se estabeleciam no dia-a-dia de um país que buscava novos rumos.

A busca pelo progresso era a mola central dos discursos e práticas empreendidas em São Paulo, nas primeiras décadas do século XX. O futebol, como componente desse fenômeno, acabou por retratar e contribuir para a construção dessa modernidade conectada ao futuro. Friedenreich, ao assumir a condição de ídolo daquele esporte, ajudou a vivificar no presente um futuro projetado e idealizado, de façanhas, glórias e permeado por todo um repertório de elementos tidos como modernos⁸⁴. Fried, como atleta, artilheiro, enfim, representava o sentido de autonomia do indivíduo e do fazer, do empreender, do realizar, do construir, do vencer⁸⁵.

⁸³ LOBATO, Monteiro. *A Onda Verde*. Monteiro Lobato Editora, 1921.

⁸⁴ No entender de Kosseleck “foi a filosofia do processo histórico quem primeiro separou a Modernidade nascente de seu passado e ao mesmo tempo, inaugurou a nossa modernidade como um novo futuro, isto é, com filosofia do progresso.” KOSSELECK, R. *Futures Past. On the Semantics of Historical Time*, Cambridge, Mass, MIT Press, 1985 (trad. ingl. do original alemão de 1979), pp.16-17.

⁸⁵ De acordo com Francisco Calazans Falcon, trata-se, a modernidade, de um “tempo novo” que traz em seu bojo a “consciência de sua aceleração, a consciência de um presente que é vivido desde o futuro imediato e sentido como passado de seu próprio futuro.” Para ele, a Modernidade, seja ela encarada como época histórica, ideologia, ou discurso filosófico, constitui uma realidade multifacetada, “um autêntico jogo de luzes e sombras cujo leitmotiv é a aposta iluminista na razão, no progresso, na emancipação do homem, ou seja, em síntese, na História.” FALCON, Francisco J. Calazans. *Utopia e Modernidade*. In: *História & Utopias*. Orgs: MONTEIRO, John Manuel e BLAJ, Ilana, ANPUH, 1996, p.132 e 133.

Além disso, é possível se notar, através de Friedenreich, aquele discurso fundado na idéia de que o futebol opera como meio de educação para um mundo moderno industrial⁸⁶ e como forma catalisadora de impulsos prejudiciais ao convívio coletivo em uma sociedade moderna, ao canalizar em si o fluxo da agressividade. Em 1925 o Paulistano, onde então atuava Fried, fez uma bem-sucedida excursão pela Europa e Friedenreich notabilizou-se por ter sido o atleta de maior destaque dentre todos os que participaram dos jogos. O clube do Jardim Europa recebeu, por conta disso, uma enorme quantidade de correspondências que incentivavam o clube, comentavam sobre o acontecimento inédito e felicitavam a equipe pelo feito. Um dos pontos que mais se repetem nesses escritos são as observações acerca da importância do esporte para o mundo moderno, enquadrando-o como instrumento de civilização, inclusive. O texto abaixo é parte da carta de Aleardo Lagreca à diretoria do Clube Athletico Paulistano, datada de 13/05/1925:

Ninguém de boa fé e convencido de que o Brasil é capaz de maiores surtos na senda da civilização, poderá negar que o Clube A. Paulistano honrou de modo extraordinário as páginas mais comoventes da história esportiva, desenvolvendo os jogos com a perícia e a necessária energia, o que vem para atestar a resistência e as tendências modernas da nossa nacionalidade para a conquista da civilização verdadeiramente encaminhados ao supremo progresso de uma organização physica capaz de conservar sempre intacta a integridade colectiva.

Algumas idéias, apresentadas de modo absolutamente nítido, demonstram bem a forma como a mentalidade paulistana daquele momento, já embevecida pelos ideais de modernidade, via o Brasil. Era preciso olhar o país a partir da necessidade de, finalmente, civilizá-lo. E, dentro deste projeto, havia alguns aspectos que, articulados, se impunham como pressupostos essenciais: a energia, a organização física e a integridade coletiva. Energia, conforme já aponta Nicolau Sevcenko⁸⁷, é a fonte não apenas da violência que

Se a ampliação do horizonte de expectativas marca a modernidade nascente conforme se afirma a tendência de vivenciar o presente em função de um futuro sempre mais vasto, Kosseleck questiona se não é aqui que se encaixa a utopia no processo de afirmação da modernidade e se esse “horizonte” não opera como metáfora da modernidade enquanto utopia. Idem, *Ibidem*, p.133.

⁸⁶ Pode-se sugerir que o esporte, entre outras práticas próprias do mundo industrial, há o treino, isto é, a repetição dos movimentos com o objetivo de se atingir um estágio satisfatório de produtividade.

⁸⁷ Nicolau Sevcenko, sobretudo em seu *Orfeu Extático na Metrópole*, reconstitui com precisão a dimensão que a modernidade e a idéia de modernidade alcançaram na sociedade que se urbanizava de modo extremamente acelerado nos anos 20 na cidade de São Paulo e que a transmutação numa metrópole. Desenha

perpassa a vida da cidade, mas é de onde emerge a força emancipadora capaz de transformar o país; a força moderna, urbana e bélica, da qual fluiriam os vetores que orquestrariam a civilização brasileira. A organização física permitiria ao homem suportar o empreendimento do trabalho que, alimentado pela energia, possibilitaria a permanência da integridade coletiva, apesar das mudanças advindas com o mundo moderno. Uma carta que Mário de Andrade escreveu em 1924 a Carlos Drummond de Andrade apontava para a mesma direção:

Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos do mimetismo pra fase da criação. E então seremos universais, porque nacionais⁸⁸.

O encontro com nós mesmos, o entendimento mais claro e a elaboração mais consistente do que de fato é o Brasil, traria, deste modo, a possibilidade da civilização e o reconhecimento externo. Oswald de Andrade, em “Postes da Light”, parte de *Pau Brasil*, de 1925⁸⁹, compôs o seguinte poema, uma óbvia referência – ou reverência – à vitoriosa excursão do Paulistano à Europa:

“A Europa curvou-se ante o Brasil

7 a 2
3 a 1
A injustiça de Cette
4 a 0
2 a 1
3 a 1
E meia dúzia na cabeça dos portugueses”

Depois que os uruguaios conquistaram as Olimpíadas de 1924, a Europa começou a se interessar pelo futebol sul-americano. Assim, um ano depois, cruzaram o atlântico rumo ao velho mundo, o Paulistano do Brasil, o Nacional do Uruguai e o Boca Juniors da

o quadro de valores que protagonizaram essa transformação como elementos centrais nesse processo e, além de retratar esse palco revolucionário em que se converteu a cidade, constrói um texto que possibilita a percepção de noções fundamentais desse etos “moderno” que se engendrava em São Paulo. SEVCENKO, op. cit.

⁸⁸ ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo. Cartas a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.

⁸⁹ ANDRADE, Oswald. *Pau-Brasil*. São Paulo, Globo, Secretaria do Estado da Cultura, 1990.

Argentina, três dos maiores membros da alta aristocracia do “association” da América do Sul.

O encontro de estréia do Paulistano, na Europa, foi com o selecionado representativo da França, realizando-se no gramado de Bufallo, às portas de Paris. A assistência foi uma das maiores registradas na França, tendo comparecido o Embaixador brasileiro, Souza Dantas, o ex-governador de São Paulo, então candidato a presidente do Brasil, Washington Luiz, o príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança, o governador de Paris e o representante oficial do governo francês, além de boa parte da colônia brasileira, contando-se mesmo, muitas pessoas vindas do interior da França e até da Suíça. A condição climática era desfavorável ao Paulistano, fazia muito frio e nevava. O campo, pelo mau estado de conservação, também representava, para os brasileiros, grande desvantagem. O resultado, porém, foi de 7 a 2 para o Paulistano. Os gols foram anotados por Friedenreich (três), Mário, Bartô (aqueles mesmos do poema *Domingo* de Mário de Andrade), Filó e Araken para os brasileiros e Bardot e Galoy para os franceses. Esta vitória mereceu inúmeros elogios da imprensa e dos esportistas franceses, tendo extraordinário relevo nos jornais brasileiros e argentinos. O jornal francês *Le Journal* chamou os jogadores do Paulistano de “Les Rois du Football”.

Em 1925, o futebol brasileiro conquistava a Europa. Agachado, ao centro, o aclamado Rei Friedenreich.

Dois dias depois, o embaixador Souza Dantas, oferecia à toda delegação brasileira um banquete em que tomaram parte também as personalidades de maior destaque na imprensa e no mundo esportivo francês, além de jornalistas e correspondentes ingleses e norte-americanos. No dia 22 de março o Paulistano disputou seu segundo e último jogo em Paris. Encontrou-se, ainda no campo do Bufallo, com o quadro do Stade Française, um dos mais fortes clubes da França, num dia chuvoso, também com neve, e ganhou por 3x1, com gols de Friedenreich.

No domingo, dia 29 de março, o Paulistano jogou em Cette, contra o Cette F. C., clube local. O time de Fried perdeu por 1x0. Sua única derrota em dez jogos e, de acordo com algumas versões, em uma partida na qual o clube brasileiro teria sido claramente prejudicado pela arbitragem – daí a chamada *injustiça de Cette*.

Depois o Paulistano seguiu para Bordeaux. No dia 2 de abril, encontrou-se com o Bastidienne, vencendo por 4x0. Friedenreich assinalou três gols e Arakem completou o marcador. Antes do jogo, o cônsul brasileiro em Bordeaux, Matheus de Albuquerque, oferecera uma fina recepção à delegação do Paulistano.

De Bordeaux a delegação regressou a Paris, para no dia 5 de abril ir a Havre, jogar contra o clube do mesmo nome. O Paulistano venceu mais uma, por 2x1, gols de Netinho e Friedenreich. De volta à capital francesa, o Paulistano preparou-se para a parte mais difícil da temporada. Tratava-se de sair da França, ir à Suíça, onde se encontravam alguns dos melhores jogadores europeus. Em Strasburgo, no dia 10 de abril, o Paulistano ganhou outra vez: 2x1 contra o time que levava o nome da cidade. Seixas e Friedenreich anotaram para os brasileiros. Depois da partida, a delegação seguiu para Berna, onde na tarde do dia seguinte enfrentou o Auto Tour. Nova vitória por 2x0. Mario e Filó foram os artilheiros do jogo. Estava presente a este encontro o presidente da Suíça. Em Berne o Paulistano foi objeto de distinções, tendo da parte do ministro brasileiro Raul do Rio Branco cordial acolhida. Na recepção que o representante do Brasil deu a noite, no Hotel Belleuve, novamente compareceu o presidente da Suíça que fez questão de cumprimentar toda a delegação brasileira.

De Berne o Paulistano foi para Zurich. Ali culminou a temporada, pois enfrentou uma equipe que era praticamente o selecionado nacional suíço, vencendo-o por 1x0, gol de Mário.

De volta a Paris o Paulistano começou a se preparar para o regresso, a despeito de contar com inúmeros convites para jogar em outros países. Tinha na França um último jogo, em Rouen, no dia 19 de abril. O Paulistano venceu por 3x2. Gols de Mário (dois) e Friedenreich. Poucos dias antes da partida da delegação, o presidente do clube ofereceu um almoço de despedida, ao qual compareceu novamente Washington Luiz.

Os brasileiros deixaram Paris no dia 23 de abril. De passagem por Lisboa, receberam convite dos dirigentes locais para enfrentarem a seleção de Portugal. Este jogo vinha se entabulando desde da passagem de ida pela capital lusitana. Foi a última partida do Paulistano na Europa. Foi a última vitória dos brasileiros: 6x0. Os gols foram de Friedenreich, Mário e Filó, que marcaram duas vezes cada.

O regresso foi considerado, à época, apoteótico. Desde o Recife até São Paulo, a torcida brasileira vibrou quando a delegação já consagrada na Europa desceu para receber cumprimentos e honrarias. Na Bahia, em Santos e no Rio as manifestações continuaram em ritmo de festa.

No cômputo geral, foram dez jogos com nove vitórias e uma derrota. A equipe marcou 30 gols e sofreu 8. Os artilheiros foram Friedenreich com 11 gols, Mário 8, Filó 4, Netinho, Arakem e Seixas 2 e Bartô 1 gol⁹⁰.

No poema de Oswald de Andrade, que retrata, com sua linguagem telegráfica, uma parte dessa excursão do Paulistano, além de novamente notar o futebol como parte de um processo de modernização (o poema faz parte da seção que leva o sugestivo nome de “Postes da Light”), percebe-se as vitórias do Paulistano de Friedenreich, isto é, o sucesso da modernidade no Brasil, como um meio de permitir ao país o acesso e conquista de uma posição privilegiada naquele âmbito chamado por Mário de Andrade de “universal”.

Naquele momento em que se buscava a definição do ser brasileiro ou da identidade cultural brasileira, homens como Oswald de Andrade e Mário de Andrade tangenciavam a figura de Friedenreich, aproximavam-se do futebol brasileiro e, mesmo sem tomá-los abertamente como possibilidades claras de explicação para a brasilidade, as noções teóricas elaboradas pelos dois modernistas são praticamente expressões daquilo que Fried e o futebol nascido nas ruas e nas várzeas igualmente manifestam. A apropriação do jogo

⁹⁰ O Museu do Clube Paulistano preserva boa parte da memória relativa à essa excursão realizada pelo clube em 1925. Há uma série de pastas com recortes de jornais europeus e brasileiros, da época, tratando do assunto.

inglês, sua *deglutição* e transformação em algo nosso são o cerne do construto antropofágico – substrato dos pressupostos que entenderiam e explicariam o Brasil sob a perspectiva do modernismo paulista.

Por mais que alguns mecanismos típicos de uma realidade moderna tenham se alicerçado por aqui, essa nova ordem assume caráter peculiar. A trajetória de Friedenreich é capaz de nos mostrar aspectos desta singularidade. Se no Brasil, por exemplo, a negociação muitas vezes driblava o conflito, na vida brasileira e no futebol brasileiro de Friedenreich isso também ocorria. A negociação com o meio, com o outro e com a própria identidade foi a forma que Friedenreich encontrou para trilhar sua história individual.

Fried ainda nos mostra como as ideologias – do embranquecimento, da “paulistanidade” – conjugadas aos modos pelos quais a questão da identidade era percebida e organizada por aquela sociedade, constituiu uma das engrenagens privilegiadas desse sistema moderno e republicano que se gesta em São Paulo e no Brasil. Cada partida que disputava pela seleção paulista era uma forma de dar fala a esse discurso que buscava legitimar São Paulo como centro da nação. Cada partida que jogava com a camisa da seleção brasileira denotava não apenas a força de São Paulo; mas uma idéia de unidade nacional que se começava a pensar dentro de certos parâmetros e também afirmava, de algum modo, a força do Brasil. Os conflitos internos operariam somente como meio de se atingir a vitória, paulista ou brasileira. De fato, a sociedade moderna se constitui como uma sociedade de aparências que tenta camuflar o confronto tácito e as divisões internas. E Friedenreich sabia que seu caminho dependia também de sua aparência e da maneira como ia “jogar” consigo próprio e com aquele mundo.

A Revolução Constitucionalista de 1932, para a qual Friedenreich doou troféus e medalhas e de cujos *fronts* de batalha ele participou como sargento e tenente⁹¹ é amplamente reveladora da tensão daquele aparente mundo novo que se funda sob uma recalcitrante ordem pré-moderna ainda não totalmente superada e, portanto, do tom que assume a modernidade brasileira. Revestido sob a bandeira da defesa da legalidade e da luta pelo fim da Ditadura e por uma Constituição, ou seja, sob um manto tingido pelas cores da modernidade, no cerne da revolução (e revolução, por si só, já é parte dos estímulos e

⁹¹ O museu interno do Clube Atlético Paulistano conserva até hoje a memória da Revolução através de recortes de jornais, da farda e de armas usadas por Fried.

contradições gerados pela vida moderna) encontra-se o interesse da aristocracia paulista em retomar a autonomia estadual e o poder central do país. Fried, como tantos, vestiu a farda do novo bandeirante⁹² envolto naquele clima de revolta e unidade que tomava São Paulo, por acreditar que colocava sua vida em risco em troca do retorno do país a um regime pretensamente republicano e constitucional. Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*⁹³, apontava para a idéia de utilização de supostos princípios republicanos para esconder a manutenção da velha ordem e para a construção de uma “democracia de fachada”. Por trás do verniz de valores modernos, o movimento de 32 buscava fazer ressurgir, para uma parcela daqueles que o encabeçavam, aquele velho mundo dos privilégios, do poder e da cidadania restritos a uma minoritária minoria.

Friedenreich, soldado paulista de 1932, ao lado de Faria, seu colega no time do São Paulo e no exército de São Paulo.

⁹² As questões relativas à identidade paulista, inflada pela Revolução de 32, serão retomadas no capítulo 3: *O peso da camisa e a leveza do drible*.

⁹³ HOLANDA, *op. cit.*, capítulo VII.

Friedenreich talvez não tivesse idéia de tudo o que ele representava e de tudo o que ele ajudou a construir. Mas o fato é que ele soube ser um agente histórico especialmente singular de seu tempo.

Capítulo 2

Paulicéia Desvairada, Friedenreich em campo

“Um a Zero

(...)

Mas, numa jogada genial

Aproveitando o lateral

Um cruzamento que veio de trás

Foi quando alguém chegou

Meteu a bola na gaveta

E comemorou”

(Pixinguinha, Benedito Lacerda e Nelson Ângelo)

Esse *alguém*, de quem fala a música, é *El Tigre*, ou seja, Friedenreich. Inicialmente sem letra – incluída bem posteriormente por Nelson Ângelo – o choro *Um a Zero* foi composto por Pixinguinha e Benedito Lacerda, em homenagem ao gol de Fried contra o Uruguai, no Rio de Janeiro, em 1919⁹⁴, pela final do Sul-americano que consagrou definitivamente Friedenreich e o futebol brasileiro. Há, de fato, uma imbricação fundamental entre a figura de Fried e o futebol no Brasil. Primeiro grande ídolo nacional desse esporte, *El Tigre*, ao edificar sua trajetória vitoriosa, contribuiu decisivamente para alicerçar a pujança do futebol brasileiro, a despeito de toda a mitificação promovida em torno de sua vida.

É interessante notar que Fried e Pixinguinha são figuras com histórias que podem ser aproximadas. Há uma intersecção que os conecta que vai além dessa celebração musical e que repousa na forma como os dois atuam no âmbito cultural de seu tempo. A capacidade de transitar em universos sociais distintos e de tal maneira passar a atuar como

⁹⁴ BESSA, Virgínia de Almeida. *Um bocadinho de cada coisa: trajetória e obra de Pixinguinha. História e Música Popular no Brasil dos anos 20 e 30*. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH/USP, São Paulo, 2005, pp. 52-54.

“intermediário cultural”, de acordo com as formulações de Michel Vovelle⁹⁵, e, conforme propõe Roger Chartier, de se apropriar⁹⁶, de reelaborar formas importadas, adequando-as a padrões locais⁹⁷, parece constituir uma prática comum a ambos e aparentemente surge como critério fundamental para transformá-los, posteriormente, em nomes-chave de uma espécie de “panteão da nacionalidade”.

Pixinguinha, segundo Virgínia de Almeida Bessa,

Desenvolveu uma *escuta aberta*, incorporando à sua música novas sonoridades – oriundas do contexto urbano, da música popular produzida em outros países e divulgada através do disco e da edição de partituras, bem como da rítmica de origem africana, presente nos rituais afro-brasileiros conservados à época na cidade do Rio de Janeiro – ao mesmo tempo em que participava, conscientemente ou não, da construção de uma nova “tradição musical brasileira”⁹⁸.

Ainda de acordo com Virgínia Bessa, essa tarefa de fusão e reconstrução empreendida por Pixinguinha permitiu sua participação num nicho de inserção social que fundamentou a elaboração de uma “nova linguagem musical”. Para Bessa, o músico carioca “soube se valer dos diversos espaços abertos pela *cultura de massa*, até ser engolido por ela”⁹⁹.

Provavelmente como Pixinguinha, Friedenreich ao praticar o futebol dentro da tradição performática da cultura popular brasileira em construção – e, desta maneira, ao contribuir para traduzi-lo em nova linguagem estética e cristalizá-lo em “nova tradição brasileira” – também abriu a possibilidade de ter, de algum modo, parte daquele mundo de coisas novas, modernas, que estava a princípio reservado à elite. E, mais do que isso, também acabou por trilhar um caminho que, de alguma forma, o fez adentrar certos círculos sociais, dos quais ele não fazia parte, inicialmente: os da aristocracia branca que detinha em suas mãos o mando político e econômico do Brasil. Enfim, Friedenreich acabou por ser *alguém*.

⁹⁵ VOVELLE, op. cit., p. 224.

⁹⁶ Para Chartier, o historiador não deve trabalhar com “conjuntos culturais dados como populares em si, mas [com] as modalidades diferenciadas pelas quais são eles apropriados”. CHARTIER, op. cit.

⁹⁷ BESSA, op. cit., pp. 33-40.

⁹⁸ Idem, Ibidem, pp. 10-11.

⁹⁹ Idem, Ibidem, pp. 11-12.

Assim como Fried e Pixinguinha, uma série de outros personagens originários das esferas populares e vivendo naquele mesmo país em ebulição, se associaram a esse movimento de fértil recriação cultural e a esse inconsciente processo de refundação nacional. Erigido a partir das apropriações de contribuições externas – inclusive por parte dos setores subalternos da população urbana brasileira, que passava a tomar contato com uma série de novidades que despontavam como parte do cenário das grandes cidades daquele país que buscava modernizar-se de acordo com modelos europeus – esse fenômeno partilhou e remoldou múltiplas referências advindas do Velho Mundo. O resultado desse processo consubstanciou-se naquilo que a História trata como cerne de nossa identidade: o futebol brasileiro e a música brasileira. Nesse sentido, Michel de Certeau propõe a existência de um conjunto de práticas por ele chamado de “táticas”, que consistiriam, basicamente, em operações cotidianas fundadas na mobilidade e astúcia, relacionadas à apropriação cultural e que representariam a surpresa, a “vitória do mais fraco sobre o mais forte”, atuando dentro do campo de visão do inimigo e no espaço por ele controlado¹⁰⁰. Ora, tal atitude parece estar presente de maneira clara nos casos de Friedenreich ou Pixinguinha.

Se essas massas urbanas lograram algum êxito no sentido de tomarem para si boa parte do patrimônio cultural que chegava da Europa e fazer daquilo algo seu, isso ocorreu, no entanto, às custas de um complicado processo de reversão de imposições estabelecidas pelas elites nacionais. Como lembra Pierre Bourdieu, as camadas dominantes costumam não apenas investir seu capital cultural de maneira que lhe dê mais vantagens, mas também empregar estratégias de distinção, como forma de se diferenciarem de grupos que considera inferiores¹⁰¹. Porém, não se tratava, no caso, de uma questão de busca por um distanciamento unicamente cultural. Fazia parte do conjunto de ações do Estado brasileiro as remodelações urbanas, que acabaram produzindo, em larga medida, a segregação dos segmentos populares. A idéia era que a cidade moderna fosse palco burguês e branco; e aquela gente negra, mestiça e pobre não deveria ser parte visível do país oficial que se pretendia edificar.

Em 1905, Pereira Passos, prefeito do Rio de Janeiro, empreendeu uma grande reforma estrutural na cidade, sob o pretexto da atualização do traçado urbano, de sua

¹⁰⁰ CERTEAU, op. cit., pp. 47-106.

¹⁰¹ BURKE, op. cit. p. 78.

adaptação às novas necessidades de circulação, da construção de obras de saneamento que favoreceriam a higiene pública e do embelezamento que ajustaria aqueles locais aos parâmetros estéticos da modernidade. Sob esses princípios, as regiões centrais da capital federal tiveram ruas revolvidas, um sem-número de habitações demolidas e uma quantidade inestimável de pessoas despejadas. Nesses pontos foram construídos bulevares, largas avenidas arborizadas, parques, praças e outros equipamentos urbanos que valorizaram essas regiões, tornando esses espaços proibitivos à população pobre que anteriormente ali residia¹⁰². Desta forma, empreendeu-se a “negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante”¹⁰³. Refugiado nos morros, aquele povo, soube, entretanto, tomar contato, reler e a partir daí fazer circular por todo o corpo social da cidade aquele arsenal cultural que aportava, inicialmente, para satisfazer às elites.

É impossível negar processos semelhantes aos do Rio de Janeiro de Pixinguinha na conflituosa evolução urbana paulistana. No entanto, a cidade de São Paulo e Friedenreich tinham outras peculiaridades que precisam também ser observadas. Antônio Prado, primeiro prefeito da cidade (e pai de Antônio Prado Junior, durante muito tempo presidente do Club Athletico Paulistano, equipe de Friedenreich por mais de uma década), que a administrou durante doze anos consecutivos, a partir de 1899, tinha como preocupação central, manifestada em seus relatórios anuais, “transformar o centro paulistano numa *polis* européia”¹⁰⁴. Entretanto, na capital paulista não se processou um remodelamento urbano das mesmas proporções que assistiram os cariocas. Aqui foi, sobretudo, o *inchamento* da metrópole que acabou por produzir um resultado não muito distante daquele que se estabeleceu no Rio com a transferência do povo pobre para regiões periféricas. Além dessa hierarquização social da área geográfica da cidade, em São Paulo havia uma espécie de

¹⁰² Uma extensa bibliografia trata das reformas urbanísticas realizadas pelo prefeito Pereira Passos, conhecido como o “Haussman brasileiro”, em alusão ao engenheiro francês que remodelou Paris. Ver BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussman Tropical: a renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992; EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro de meu tempo*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938; NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. São Paulo, Cia das Letras, 1993; SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1983, capítulo I.

¹⁰³ SEVCENKO, *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, op. cit., p. 30.

¹⁰⁴ BARROS, Edgar Luis. “Desenvolvimento e planejamento urbano em São Paulo durante a República Velha”. In: *Revista do Arquivo Municipal*, v. 195, São Paulo, 1982.

caldo étnico¹⁰⁵, que se fermentou graças aos intercâmbios culturais que acabavam se estabelecendo entre as diversas populações imigrantes e os naturais da terra e, claro, engrossado por uma série de elementos chamados modernos, trazidos a princípio para que as elites desfrutassem de sua condição de privilégio sobre o restante da sociedade. O que se viu foi um processo de circularidade entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas, conforme teoriza Carlo Ginzburg¹⁰⁶, e uma relação de “mão dupla” entre estas trocas e de mútua influência, de acordo com o pressuposto teórico de Peter Burke¹⁰⁷. O futebol, como elemento do universo urbano, foi uma das formas de “*abrasileiramento*” e popularização dos bens culturais. Mas, como diz a letra da música de Pixinguinha, *foi quando alguém chegou. Alguém* chamado Friedenreich que cresceu ouvindo falar dos ingleses que praticavam o futebol no nobre campo do Velódromo¹⁰⁸ e que jogava bola nas ruas da cidade e nas suas várzeas suburbanas, ao lado de outros meninos que compunham aquele caldo. *Alguém* que um dia também jogou bola no Velódromo e conquistou títulos no Rio de Janeiro pelas seleções brasileira e paulista. Ou que encantou a Europa, sempre ao lado de outros meninos brasileiros, muitos deles vindos das ruas e várzeas daquela Paulicéia desvairada pelo futebol. *Alguém* que fez compor uma música inesperada a partir de um universo de ambigüidades – pessoais e exteriores – deu um drible imprevisto da história cultural brasileira.

2.1. “E ninguém pegava ele”

No início, os jornais paulistanos mal sabiam grafar corretamente seu nome: “Freidereich”, “Freidenreich”, “Friedrasch”¹⁰⁹. Mas, em pouco tempo, essas mesmas publicações o celebrariam como um verdadeiro herói brasileiro, quase um mito, *alguém* para quem é muito difícil se definir o que foi realidade e o que é lenda:

¹⁰⁵ MORAES, José Geraldo Vinci de. *Sonoridades Paulistanas: final do século XIX ao início do século XX*. Rio de Janeiro, Editora Bial, 1997.

¹⁰⁶ GINZBURG, op. cit.

¹⁰⁷ BURKE, op. cit.

¹⁰⁸ Sobre o Velódromo, consultar a seção 1.1. Aspectos da modernização paulistana: o esporte como hábito da elite, no capítulo I.

¹⁰⁹ *O Estado de São Paulo*, 13/05/1912 e 16/05/1912.

...conheci uma moça loura, muito bonita, que usava uma fita no cabelo. Alguém me disse: “Aquela é a irmã do famoso jogador”. Naquele tempo ele era um ídolo, um deus. Ele era magrinho, alto, *e ninguém pegava ele*. Eu me lembro quando ele fez o gol da vitória no Campeonato Sul-Americano de Futebol, com a boca! Quebrou as duas pernas e os dois braços e fez o gol da vitória com a boca. Imagine que homem valente!¹¹⁰

A trajetória de Friedenreich como atleta, pode-se dizer, representa, por um lado, o percurso da popularização do futebol e, por outro, a sua ascensão pessoal ao universo da elite paulista. É fundamental, portanto, entender o caminho que Fried trilhou pelos clubes de São Paulo e a forma como ele foi obtendo espaço e prestígio do mundo do futebol, ao longo dos anos 10, para consolidar sua carreira na década seguinte no aristocrático Paulistano e a encerrá-la já em um contexto de profissionalismo esportivo em meados dos anos 30. Nessa longa e singular trajetória o paulistano Fried tornou-se o primeiro grande ídolo do futebol brasileiro, como se observa na impressão do Sr. Abel.

Arthur Friedenreich nasceu em São Paulo em 18 de julho de 1892, apenas dois anos antes de Charles Miller trazer a primeira bola de futebol para o Brasil. Era filho de um imigrante alemão, Oscar Friedenreich, com Matilde Friedenreich, uma lavadeira negra. Seu pai era comerciante em Blumenau e conheceu ainda em Santa Catarina a mãe de Arthur. Uma séria crise que abalou a cidade no final do século XIX, possivelmente ligada à abolição da escravidão, obrigando-os a mudar com ela para a promissora cidade de São Paulo.

De acordo com os relatos de seu amigo Geraldo Lunardelli¹¹¹, Friedenreich foi, desde criança, fascinado pelo futebol. As histórias a seu respeito, verdadeiras ou fantasiosas, ressaltam sua habilidade precoce. Aos dez anos, jogando bola descalço na rua, Fried teria chamado a atenção de um atleta da equipe do São Paulo do Bexiga, que participava dos jogos na “várzea paulistana”. Os diretores do clube, de acordo com Lunardelli, proibiam a participação de jogadores não-brancos no time. No entanto, ao conhecerem o futebol do garoto, aceitaram imediatamente Friedenreich nos seus quadros. Obviamente o fato contrariou seu pai, que não acreditava que o futebol pudesse dar futuro a alguém, afinal era uma atividade exclusivamente amadora. Por isso, pressionava Fried a

¹¹⁰ Depoimento do Sr. Abel, cunhado de Fried. BOSI, op. cit., pp. 198-199, grifo meu.

¹¹¹ Ver COSTA, Alexandre. *O Tigre do Futebol – uma viagem nos tempos de Arthur Friedenreich*. São Paulo, DBA, 1999.

levar os estudos mais a sério, para que ingressasse em uma faculdade. Mas estes não eram os planos do rapaz, que conseguiu convencer o pai de que podia seguir fazendo parte do mundo do esporte.

Em mil novecentos e nove, Fried, ainda com 17 anos de idade, por influência paterna tentou sem sucesso largar a várzea e ingressar no Germânia, clube da colônia alemã de São Paulo. Porém, seu biótipo esguio, magro, 52 quilos e 1,75 metro de altura, mais lembrava um bailarino do que propriamente de um jogador de futebol, não se adequava ao estilo de jogo dos demais atletas do time. No entanto, bem provavelmente o fato de ser mestiço também deve ter pesado nessa inadequação de Fried ao Germânia. O garoto não desistiu nesse primeiro insucesso e tratou de procurar outra equipe.

Fried, com a bola sentada ao seu lado direito, no Ypiranga.

Naquela época, havia um clube em ascensão que, diferentemente dos demais, não era freqüentado por rapazes da elite paulista: era o Ypiranga. Fundado em 1906 por trabalhadores da “Casa Lebre”, instalada na esquina da rua Direita com a XV de Novembro. Com apoio do proprietário da loja, estabeleceram-se num porão da rua Ipiranga (dando origem ao nome da equipe), no centro da cidade e jogavam em um dos campos da região da Luz. Como qualquer clube formado por jogadores de poucos recursos, o Ypiranga

enfrentou dificuldades e uma série de sucessivos despejos. Mas em campo o time mostrava bons resultados. Tanto que se passou a cogitar sua tão sonhada entrada para a Liga Paulista de Futebol, fato que ocorreu em 1910, quando vários jogadores do Germânia vieram reforçar a equipe¹¹². Entre eles, um jovem mulato de nome Arthur Friedenreich. Era a estréia de Fried no elitizado campeonato paulista de futebol, atuando em algumas partidas no quadro principal do Ypiranga. Para disputar o torneio, o Ypiranga conseguiu um campo melhor no Parque Antarctica, mas, mesmo com os reforços, não passou do penúltimo lugar (à frente apenas do Germânia)¹¹³. Nessa temporada o torneio foi vencido pela AA das Palmeiras – dissidência do Paulistano. Depois dessa passagem pelo Ypiranga, Fried retornou ao Germânia como titular, mas o time novamente ficou em último lugar na classificação final do torneio.

Em mil novecentos e doze o jovem ingressou na equipe do Mackenzie. Fried havia sido estudante do Mackenzie College, que desde aquela época mantinha um time de futebol e disputava o campeonato paulista. Retomar alguns contatos poderia se traduzir em uma oportunidade para Friedenreich tentar um novo caminho. Foi admitido na equipe e, para surpresa de muita gente, acabou artilheiro do campeonato paulista daquele ano (vencido pelo Americano¹¹⁴). Com seus doze gols colaborou para que seu novo clube terminasse em quarto lugar esse torneio.

No ano que se seguiu Fried deixou o Mackenzie que, coincidentemente ou não, disputaria o certame organizado pela Apea – a liga da elite que surgia naquele momento – e foi convidado a retornar ao Ypiranga, que faria parte do torneio gerenciado pela LPF e congregando outros clubes populares, como o Corinthians. O pretexto para a criação da Apea foi banal, mas sua razão verdadeira era mais profunda. Com a popularização do futebol, os clubes de elite começaram a se queixar do “nível” social dos atletas e torcedores. Esta era, afirmavam, a origem dos freqüentes tumultos que ocorriam durante os jogos. A entrada de dois times populares no campeonato, o Ypiranga em 1910 e o Corinthians três anos depois, contribuiu diretamente para desagradar a elite que se colocava dona do futebol. O estopim da cisão foi uma controvérsia quanto ao estádio que abrigaria os

¹¹² Acervo do Clube Ypiranga.

¹¹³ As informações estatísticas deste capítulo foram retiradas de STORTI e FONTENELLE, op. cit., e de COSTA, op. cit.

¹¹⁴ O Americano foi fundado em Santos, em 1903, mas se transferiu para São Paulo, onde morava a maior parte de seus sócios. Era mais um clube da elite e começou a disputar o campeonato paulista em 1907.

jogos do campeonato. Até então, o Paulistano cobrava duzentos mil réis por jogo pelo aluguel do Velódromo¹¹⁵. O Germânia ofereceu à Liga alugar o Parque Antarctica por duzentos mil réis mensais. A Liga aceitou. O torneio teve início com a vitória do Ypiranga de Fried sobre o Internacional¹¹⁶ por 4 a 1. No domingo seguinte, se enfrentariam Paulistano e Americano. O Paulistano insistia que o jogo estava marcado para o Velódromo e não compareceu ao Parque Antarctica. Os pontos da partida foram dados ao Americano. O Paulistano anunciou, então, que se retirava da Liga e não demorou a cooptar o Mackenzie e a AA das Palmeiras, que, conjuntamente, fundaram a Apea – Associação Paulista de Esportes Atléticos. Sem adversários a altura, o Americano se impôs com certa facilidade no campeonato da LPF, enquanto o Paulistano conquistava o título da Apea. Embora com apenas três clubes, o torneio da Apea, mais elitista, teve maior cobertura da imprensa paulistana. A elite paulista fazia questão de impor – seja onde fosse, no âmbito político ou esportivo – de forma nítida, sua hegemonia, e, mais do que isso, mostrar claramente quem ditava as regras e que interesses deveriam prevalecer.

O fato é que, nos campos, o clube de Friedenreich conquistou o vice-campeonato da LPF e o bom desempenho do atacante nos gramados garantiu um convite do Americano, campeão da liga, para a disputa de um amistoso em Buenos Aires. Lá, Fried e o Americano derrotaram um combinado argentino naquela que foi a primeira excursão e a primeira vitória de um clube brasileiro no exterior¹¹⁷.

Seu bom desempenho acabou redundando na convocação para as seleções paulista e brasileira em 1914. No amistoso do selecionado de São Paulo contra o Rio de Janeiro, recebeu do jornal *O Estado de São Paulo* o seguinte comentário sobre ele, na seção de esportes: “Jogador medíocre e que não está à altura de representar nossa terra”¹¹⁸. A desconfiança abatera-se sobre a figura do jovem Friedenreich. Surgiram dúvidas se aquele rapaz mulato, membro de um time nada nobre, teria espaço nos círculos restritos daquela República de poucos. Porém, cerca de um mês depois de sua estréia no selecionado paulista, Fried teve a oportunidade de jogar pela primeira vez pela seleção brasileira –

¹¹⁵ Sobre o Velódromo, consultar a seção 1.1. *Aspectos da modernização paulistana: o esporte como hábito da elite*, no capítulo I.

¹¹⁶ Sobre o S.C. Internacional, ver a seção 1.3. *Os times de futebol da elite: o Paulistano em destaque*, no capítulo I.

¹¹⁷ MÁXIMO, João e PORTO, Luiz Roberto. *A história ilustrada do futebol brasileiro*. São Paulo, Edibrás, V.1, 1968, p. 76.

¹¹⁸ *O Estado de São Paulo* de 29/06/1914.

naquele que foi o primeiro jogo oficial do Brasil – contribuindo para a vitória de 2 a 0 sobre a equipe inglesa do Exeter City. A memória construída acerca dessa partida a trata como uma espécie de batalha da qual Fried teria saído ensangüentado e sem alguns dentes. Ainda nesse ano e pelo selecionado nacional, Fried venceu a Copa Rocca, historicamente o primeiro título da seleção brasileira. Essas atuações trataram de mudar sua imagem e colaboraram para dar início à construção do mito.

Nos dois anos subseqüentes, ele permaneceu no Ypiranga como principal artilheiro do time. Protagonizou algumas discussões com os dirigentes do clube e tanto ele como sua equipe tiveram um desempenho apenas regular nos torneios disputados. No final de 1915, o jovem Fried, já considerado temperamental, aceitou participar de um amistoso festivo em Santos por uma equipe inicialmente formada apenas para essa partida e que posteriormente seria dissolvida, o Paysandu. A diretoria do Ypiranga não gostou da atitude do jogador, sobretudo ao saber que ele recebeu dinheiro para jogar e resolveu suspendê-lo. Sem clube, Fried permaneceu no próprio Paysandu que afinal acabou não sendo extinto. Durante o ano seguinte, essa equipe chegou a disputar o campeonato da Liga Paulista de Futebol, fazendo uma campanha pífia. Nessa temporada Fried disputou ainda algumas partidas pelo Paulistano, porém sem grande sucesso.

2.2. São Paulo de pernas pro ar

São Paulo, no ano de mil novecentos e dezessete, longe de ser uma grande metrópole, mas já distante também de ser uma vila rural, contava com cerca de meio milhão de habitantes e começava a dar sinais de que aquele processo de crescimento não seria exatamente equilibrado e harmonioso. As fábricas passavam, gradualmente, a tomar conta de parte da paisagem da cidade. A situação do operariado paulista era das piores e não tardou que surgissem organizações operárias – constituídas em boa parte por imigrantes, principalmente italianos e espanhóis, e vinculadas, sobretudo, ao anarquismo – como uma forma de proteção contra a exploração patronal. As condições de trabalho do operariado têxtil, especificamente, eram bastante ruins. Em meados de 1917, os trabalhadores do bairro da Mooca e do Ipiranga iniciaram uma grande greve com o objetivo

de alcançarem melhores condições de trabalho e uma elevação salarial. A paralisação iniciou-se nas unidades do Cotonifício Crespi – que, conforme já foi dito, por muitos anos chegou a ter um time de futebol, inclusive – e rapidamente espalhou-se pelas outras fábricas. Nos dias seguintes a greve se generalizaria, paralisando não somente as manufaturas, mas ainda os transportes urbanos e as ferrovias. Em vários momentos os tumultos tomaram conta de bairros, onde os manifestantes saqueavam armazéns e padarias e cenas de tiroteio foram vistas em certas zonas da cidade. São Paulo ficou praticamente parada. Apesar da repressão policial, o movimento resistia. Diante dessa situação, o patronato optou por negociar e acabou por aceitar uma série de reivindicações dos trabalhadores¹¹⁹.

Esse ano é também o último ano de Fried no Ypiranga. O clube passava por uma séria crise financeira e o futebol foi colocado em segundo plano, pelo clube. Alguns torcedores passaram a pedir o retorno do artilheiro, na esperança de que Friedenreich amenizasse o sofrimento do clube. Ele então optou por voltar e acabou sagrando-se artilheiro do campeonato paulista. Seu time, no entanto, terminaria o certame – novamente unificado – no meio da tabela. Nessa temporada, a Liga se rendeu foi absorvida pela Apea, que decidiu incluir, entre as equipes que faziam parte da LPF, em seu campeonato da primeira divisão, apenas Corinthians e Internacional. A temporada revelaria um novo grande clube: o Palestra Itália, time da colônia italiana de São Paulo. No final do ano, o campeão Paulistano, depois de muito tentar, contava com um novo reforço, Friedenreich, que se desligara do Ypiranga após uma suspensão da Apea, por não ter comparecido a uma partida no Rio contra a seleção carioca. O ponto central, entretanto, é que Fried surgia, pouco a pouco, como um dos principais jogadores de futebol do estado. Os desdobramentos da gripe espanhola que atingiu fortemente a cidade naquela época, suspenderam temporariamente o campeonato e quase impediram que Friedenreich estreasse no time da elite e clube de coração da infância. Retornado em meados de dezembro, em seu novo campo¹²⁰ e com o reforço de um inspirado Friedenreich, o Paulistano chegou ao

¹¹⁹ Ver SADER, Eder. *Movimento Operário Brasileiro*. Belo Horizonte, Editora Vega, s/d.; FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo, Difel, 1976; KHOURI, Yara Aun. *As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária*. São Paulo, PUC, 1978; MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970, p. 286 e CARONE, op. cit.

¹²⁰ Sobre o Jardim América consultar *1.1. Aspectos da modernização paulistana: o esporte como hábito da elite*, no capítulo I.

tricampeonato. No jogo final Fried fez quatro gols e o Paulistano venceu a AA das Palmeiras por 7 a 0. Era o primeiro título de Fried e mais uma artilharia conquistada.

Um dos casos que marcou esse ano, esportivamente, foi um conflito entre a Confederação Brasileira de Desportos e a Apea. A CBD desligou a liga paulista acusada de acobertar o profissionalismo de três jogadores: Friedenreich (Paulistano), Amílcar e Neco (Corinthians), além de suspender os próprios atletas envolvidos na questão. A querela só teve fim às vésperas do Sul-americano de 1919, disputado no Rio: a seleção brasileira não podia prescindir, jogando em casa, dos jogadores paulistas.

Já casado com Joana, professora (e branca), Fried, tido como boêmio e polêmico, nas temporadas que se seguiram apenas consolidou seu nome como ídolo do futebol brasileiro. No âmbito do futebol regional 1919 foi praticamente a reedição do ano anterior. Fried artilheiro, com vinte e cinco gols e o Paulistano obtinha um inédito tetracampeonato. A temporada marcou a consolidação do primeiro “trio de ferro”: Paulistano, Palestra e Corinthians. Era o futebol revelando, em seu microcosmo sintético, a forma como se conformava socialmente aquela cidade: elite aristocrática; imigrantes italianos em busca de inserção e ascensão e uma imensa massa pobre e marginalizada, formada por imigrantes e migrantes de variadas origens, negros, mestiços, caipiras. Os três times dominaram a disputa pelo título e na partida final Friedenreich, com dois gols, decretou a vitória do Paulistano sobre o Corinthians, por 4 a 1.

Se internamente assim se caracterizava o futebol paulista, na esfera nacional, o que se deu foi um momento de ostensiva euforia para o futebol brasileiro, que conquistara em maio, com um gol de Friedenreich na final, o título sul-americano, no Rio. “El Tigre foi carregado em triunfo”¹²¹, pelos espectadores. A empolgação tomou as ruas do país. O jornal *A Noite* nunca havia colocado fotografia alguma em sua primeira página. No entanto, naquele dia, estampou em uma edição especial, em tamanho natural, o pé esquerdo de Fried. Dizia a manchete: “Eis o pé da vitória”¹²². *El Tigre* era, definitivamente, *alguém*.

¹²¹ *O Estado de São Paulo*, 30/05/1919.

¹²² COSTA, op. cit., p. 30.

Agachado, ao centro. Fried foi considerado o principal jogador do Brasil campeão sul-americano de 1919.

2.3. A digestão bem-feita do Brasil

Em treze de agosto de 1922 – ano de publicação de *Paulicéia Desvairada*, de Mario de Andrade, e da célebre Semana de Arte Moderna – a seleção paulista, da Paulicéia de Friedenreich, vencia o primeiro campeonato brasileiro de seleções¹²³. A cidade de São Paulo das coisas modernas parecia mesmo um lugar arrebatador, conforme crivavam os artistas modernistas em seus poemas. O feito do selecionado bandeirante se repetiu no ano seguinte¹²⁴ e ambas as vitórias se deram sobre os cariocas, o que colaborou para acentuar a sensação de superioridade paulista e a rivalidade com o Rio de Janeiro¹²⁵.

Essa disputa regional se aprofundou em razão dos acontecimentos do campeonato sul-americano de 1922, novamente disputado no Brasil. Na estréia contra o Chile, Fried saiu machucado de campo e foi vetado pelo médico da delegação para a partida seguinte,

¹²³ *O Estado de São Paulo*, 14/08/1922.

¹²⁴ O feito teve grande repercussão em diversos veículos da imprensa paulista, dentre eles a Revista *Ilustração de S. Paulo*, edição de nov/dez de 1923, que trouxe uma matéria altamente laudatória, de página completa, sobre a conquista, intitulada “*O Campeonato Brasileiro e a lindíssima victoria paulista*”.

¹²⁵ Esse assunto será retomado com maior profundidade no Capítulo 3 desta dissertação.

contra o Paraguai. Inconformado com a decisão, o artilheiro foi procurar uma segunda opinião com um médico particular. Tal atitude desagradou o comando da CBD. Para piorar a situação, em uma entrevista para um jornal paulista, o jogador fez severas críticas ao comando da seleção brasileira e, por tabela, à CBD. Friedenreich foi afastado do grupo e não participou do restante da campanha que culminaria com o bicampeonato. Indignados com o atleta e solidários com o poder da CBD, a imprensa carioca se colocou contra Fried, chamando-o de velho (ele tinha 30 anos à época) e decadente, afirmando que ele estava superado e não poderia fazer parte de qualquer seleção brasileira. Esse incidente deixaria marcas na sua trajetória esportiva e nas relações com os dirigentes.

Em São Paulo o campeão estadual deste ano foi o chamado time do povo, o Corinthians – seu primeiro título, por sinal – e o Paulistano, da elite e de Friedenreich, ficou apenas com a quarta posição. O bicampeonato corintiano veio no ano seguinte – em um torneio tumultuado do qual o Paulistano se retirou em protesto a uma decisão da Apea em relação a uma partida entre o clube do Jardim América e o Ypiranga. E o tri, em 1924; ao derrotar o Paulistano de Fried e dos donos do poder e da nova metrópole, na final do campeonato, num ano em que a cidade foi castigada por uma revolução empreendida por setores que não participavam da esfera de poder dominada pelos cafeicultores de São Paulo.

Se a hegemonia no futebol brasileiro estava em pés paulistas; a supremacia política nacional centralizada na elite cafeeira de São Paulo, embora bastante questionada, ainda se sustentava e o discurso preponderante acerca da brasilidade, não por acaso chamado de modernismo, partia de São Paulo, a cidade que fazia questão de se dizer moderna.

Em São Paulo – e a partir de São Paulo – aquela vanguarda artística identificada como modernista, buscava compreender e explicar o Brasil, sob a perspectiva de um viés vincado na análise combinada das particularidades nacionais e as tendências artísticas mundiais, a partir de uma ótica dualizada que conjugava a herança cultural popular e os impulsos de modernização. Tentava-se entender o país para transformá-lo, procurando perceber o que lhe seria específico e o que seria proveniente de fora. Os modernistas, no sentido de realizar sua tarefa, buscavam, em certa medida, repetir aquilo que julgavam personificar a cultura brasileira: devorar o que a cultura estrangeira tinha a oferecer, sem perder a identidade nacional que estaria por sua vez diretamente ligada ao popular. Apesar de contundente, o alcance dessas manifestações não ia além dos teatros e salões

freqüentados pelas elites. Num país de iletrados, caracterizado pelo alijamento permanente das camadas subalternas das instâncias de poder, as vanguardas culturais não conseguiram tornar-se o canal de expressão mais efetivo dos demais segmentos da sociedade.

No entanto, a *Antropofagia* modernista que culminou com a chamada Semana de 22, parecia se fazer, de alguma forma, de modo prático, pelo país afora. O futebol brasileiro, àquela altura, já não era mais exatamente o velho esporte bretão, mas uma atividade recriada e incorporada pelo povo. Era, por que não dizer, arte moderna. O tricampeonato paulista do popular Corinthians pode ser encarado como parte, ou índice, desse fenômeno antropofágico.

Na excursão do Paulistano à Europa em 1925, Fried voltou a protagonizar outro conflito com dirigentes, que quase o afastou dos jogos. O presidente Antonio Prado obrigava os atletas da equipe a retornarem de seus passeios pela cidade antes das dez horas da noite. Friedenreich e seu companheiro de equipe Netinho, em uma das noites, acabaram retornando às três horas da manhã ao hotel onde se hospedava a delegação de clube. Antonio Prado, inicialmente, disse aos dois que ia puni-los, embarcando-os no primeiro navio que saísse da França. Alguns atletas tentaram interceder a favor de Friedenreich, mas de nada adiantou. Até o embaixador brasileiro na França foi chamado para tentar persuadir o presidente, que afinal voltou atrás e perdoou os jogadores. Os conflitos com os dirigentes, porém, não impediam que ele atuasse de maneira destacada. Suas participações nessa excursão foram consideradas primorosas a tal ponto que foi julgado pelos jornais franceses “o mais perfeito avante do mundo”¹²⁶ e aclamado o Rei do Futebol¹²⁷. Pelos comentários da imprensa européia era possível, ainda, se ter uma idéia do estilo brasileiro de jogar, que aos poucos deixava a vigorosa e pouco criativa escola inglesa de lado para adotar um jeito mais ágil e vistoso. No dia seguinte à goleada sobre a França, *Le Journal* escreveu:

Vitória nítida, indiscutível, muito superior a que os uruguaiois obtiveram há cinco dias sobre o quadro de Paris... Os brasileiros são mais eficientes pelo jogo fogoso, ardente e insistente, em passes rápidos, seguros e em investidas excessivamente velozes que deixam estupefata a defesa adversária.

¹²⁶ *S. Paulo Sportivo*, abril de 1925, Edição Extra Ilustrada.

¹²⁷ *Mundo Desportivo*, Rio de Janeiro, 04/04/1925.

Friedenreich, com o violão, no navio que levou o Club Athletico Paulistano à Europa, onde a equipe e Fried jogaram como música.

Já o repórter de *Le Miror des Sports* o tratou da seguinte maneira: “Seu centroavante, Arthur *Friedenreich*, vê claro no campo. Ele alimenta ora uma ala, ora a extrema oposta, lança seus interiores e às vezes se encarrega de conduzir o caso pessoalmente”. Gabriel Mistral, correspondente da *United Press*, foi mais efusivo: “Seria supérfluo falar de Friedenreich. Tenho a convicção absoluta de que ele sozinho poderia enfrentar as linhas mais apuradas do continente”¹²⁸. Como se percebe, o processo de construção de um futebol com toques de uma singularidade muito própria e a narrativa em torno dele também ocorreu no Velho Mundo.

Os conflitos entre os dirigentes de clubes também permaneceram até o final da década de 1920, fato que afetava os jogadores, entre eles Fried. Brigada com a Apea e bastante incomodada com a popularização do futebol, a diretoria do Paulistano criou em 1925 a LAF, Liga de Amadores de Futebol. O primeiro campeonato da nova Liga seguiu com precariedade e foi vencido com facilidade pelo Paulistano, que conquistou o título novamente no ano subsequente e tendo Friedenreich como artilheiro, uma vez mais, fatos que se repetiram em 1929. Enfraquecido pela postura amadora e sem a força política da

¹²⁸ Arquivo do Clube Atlético Paulistano.

entidade, o Paulistano acabou encerrando suas atividades futebolísticas neste ano. Neste novo cenário Fried – que sequer cogitava a hipótese de abandonar a carreira – foi obrigado assim a encontrar outro clube. Novos tempos se anunciavam para Arthur Friedenreich.

2.4. A queda dos barões e o repouso do tigre

Antes de Getúlio Vargas derrubar os paulistas do poder a partir da Revolução de outubro de mil novecentos e trinta¹²⁹, a CBD já havia derrotado politicamente a Apea e montado a seleção nacional que disputara a primeira Copa do Mundo de futebol sem a participação paulista¹³⁰. Friedenreich ficou de fora daquele que poderia ter sido seu primeiro e único Mundial.

Se a República brasileira já não tinha mais a elite de São Paulo no comando, o campeonato paulista de mil novecentos e trinta já não tinha mais o Paulistano em campo. A aristocracia paulista, alijada do poder, perdia também na bola. A popularização do esporte, as pressões profissionalizantes, o fim da cisão no futebol paulista e a extinção da LAF levaram o chamado “Glorioso” a fechar as portas de seu departamento de futebol. O mesmo ocorreu com a AA das Palmeiras. Os jogadores dos dois clubes acabaram por formar o São Paulo FC, o chamado “São Paulo da Floresta”. Fried foi um dos que fez parte do novo clube. Porém conseguiram somente o vice-campeonato; o título do torneio desse ano ficaria com o Corinthians. Em abril desse mesmo ano, Fried, aos 37 anos, ganhava o prêmio de “Mais completo esportista brasileiro”, no Rio¹³¹. E no ano seguinte o São Paulo da Floresta, novo time de Fried, agora mais bem organizado, conquistava o título. A idade não parecia ser um problema para *El Tigre*, por enquanto.

¹²⁹ FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira – volume 9*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

¹³⁰ As primeiras décadas de futebol no Brasil são marcadas por uma forte disputa pelo poder entre dirigentes de São Paulo e do Rio de Janeiro. Um dos pontos culminantes dessa história é a hegemonia carioca na Copa do Mundo de 1930.

¹³¹ *A Gazeta Esportiva*, 27/04/1930.

São Paulo da Floresta, campeão paulista de 1931; o último título conquistado por Fried.
Em pé: Armandinho, Barthô, Bino, Araken, Clodô, Friedenreich, Luizinho, Sasso, Milton e Junqueira.
Agachado: Joãozinho.

Mil novecentos e trinta e dois foi um ano especial para São Paulo e para Friedenreich. Ainda em atividade pelo São Paulo da Floresta, Fried lutou no exército constitucionalista, como nos tempos em que servia à seleção de futebol de São Paulo. Mas seus exércitos foram derrotados nos campos de batalha e nos campos de jogo de bola. Os jornais da época deram especial destaque para um jovem soldado que, ao levar um tiro na nuca, morreu nos braços do tenente Friedenreich, em uma trincheira. Fried voltou como herói. Após o conflito a carreira de Fried sofreu certo abalo, apesar de marcar aquele que é considerado o primeiro gol do profissionalismo no país, na vitória do São Paulo da Floresta sobre o Santos. Nesse período ele perdeu a condição de titular absoluto do São Paulo da Floresta e pela primeira vez na carreira, amargou o banco de reservas. *El Tigre* já não era o mesmo e tudo indicava que ia abandonar o futebol. Os jornais já começavam a apontar para esse caminho. A *Folha da Noite*, em 4 de julho de 1934, por exemplo, estampou artigo com título e conteúdo nessa direção:

AS COMEMORAÇÕES JUBILARES DE FRIEDENREICH

Sylvio Lagreca fala à "Folha da Noite" sobre o maior "crack" de todos os tempos - Embarca hoje para o Rio o selecionado paulista - Friedenreich seguiu esta manhã para a Capital Federal - As suas despedidas - O programa dos festejos a serem realizados na Capital da Republica - Um pedido de indulto - Varias notas.

Ultrapassou a todas as previsões a fôrma verdadeiramente carinhosa como as nossas entidades, clubes e os esportistas em geral acataram a lembrança das "Folhas" de se commemorar condignamente a passagem do jubileu esportivo de Arthur Friedenreich, o consagrado campeão que tanto fez pelo nome do esporte nacional a que defendeu e defende ainda com amor insuperavel. De dia para dia novas adhesões valiosas e attitudes sympathicas vão se registrando e contribuindo para que os festejos a iniciar-se amanhã na Capital da Republica fiquem eternamente gravados na historia fulgurante dos esportes do nosso paiz, nas muitas paginas de ouro em que estão gravadas as glorias conquistadas pelo maior "crack de todos os tempos".

O texto do periódico revela com absoluta clareza quem fora Friedenreich, para sua época. "O maior crack de todos os tempos" dizia o jornal. O reconhecimento de sua importância para o futebol brasileiro é colocado de forma muito nítida em cada linha apresentada pela publicação. Mais do que isso, Fried é praticamente tratado como um mito vivo, colaborando assim na construção e fortalecimento da narrativa mitológica em torno do atleta.

No trecho inicial da matéria se lê que ele "Defende o esporte nacional com amor insuperável". Busca-se, portanto, filiá-lo ao amadorismo e fazer disso um valor positivo. No entanto, ao analisar sua trajetória, fica claro que sua posição real era mais ambígua do que esse discurso. Se ele se dizia favorável ao amadorismo, certas atitudes suas revelam que determinadas formas incipientes de profissionalismo foram praticadas algumas vezes: não foram raras as ocasiões em que Fried jogou em troca de gratificações financeiras. A notícia segue comentando as comemorações em torno do atleta, sempre com certo tom grandiloquente, como seria próprio da memória do futebol e da crítica esportiva em formação.

Paulistas contra cariocas

Do programma commemorativo constam, num plano de destaque, as duas partidas entre paulistas e cariocas, patrocinadas pela Federação Brasileira de Futebol, com que a entidade maxima do nosso futebol profissional presta a sua maior homenagem ao grande campeão patricio. E nessa homenagem da Federação Brasileira de Futebol, estão directamente associadas as entidades regionaes que forneceram seus filiados para a constituição dos seleccionados, bem como todos os jogadores que terão ensejo de disputar o prelio com que darão a Friedenreich a sua prova cabal de admiração pelo homem que se póde - sem favor.

Não foi por acaso que, para celebrar a data comemorativa, foram realizadas duas partidas entre paulistas e cariocas. Esse jogo era possivelmente o maior clássico dos anos em que Friedenreich atuou como atleta de futebol. A rivalidade que se estabeleceu nos campos e fora deles teve em Fried, sem dúvida, sempre um estímulo a mais. Era hora, no momento de sua despedida, de relembrar aqueles anos de ouro, nos quais os melhores jogadores do país se apresentavam com as camisas das seleções de São Paulo e Rio de Janeiro.

A palavra de Sylvio Lagreca

Sylvio Lagreca, campeão de outros tempos, que também tem o seu passado glorioso e seu nome ligado pelos seus feitos brilhantes em pról do futebol nacional, falou hoje á "Folha da Noite" sobre o seu antigo companheiro: - Não se encontram palavras sufficientes para classificar Friedenreich, o campeão que ora commemora o seu jubileu esportivo - iniciou o nosso entrevistado. "Tudo o que soube elle se disser será pouco. Os qualificativos que se vêem nos jornaes, como "o consagrado campeão", "El Tigre", "o maior "crack" de todos os tempos", e muitos outros, não dizem ainda tudo o que de Friedenreich se póde dizer. Senão, vejamos: elle foi, como todos sabem, o maior centro-atacante que tivemos. As suas actuações individuaes, principalmente, valiam, por bem dizer, por um quadro. Disciplinarmente, foi também a expressão maxima, embora o seu genio expansivo não deixe transparecer muito bem essa grande qualidade. Possuía o predicado que difficilmente se encontra nos futebolistas: jogava mais com a intelligencia do que propriamente com os pés e dahi adaptar-se a todas as posições em que era collocado sem dizer palavra. A única posição em que Fried não jogou foi na méta e isso mesmo porque nunca foi experimentado. Se o fosse, não sei, não..." E Lagreca preferiu não completar a phrase. Parou numa retiscencia. Continuando, diz-nos: - "Pendibene, Marcovechio, Watz Wuton e outros, tornaram-se verdadeiros idolos, grangeando fama universal. E eu não tenho receios em affirmar

que Friedenreich foi maior do que todos elles. Foi, em summa, insubstituível. Assim, nada mais justo do que os festejos que se realizarão em homenagem a Friedenreich. E esses festejos não pódem deixar de constituir verdadeira optheose , reunindo todos os esportistas a quem elle emocionou com seu jogo artistico e brilhante. E finalizando, tenho certeza de que os esportistas de minha terra não deixarão de contribuir da melhor forma possivel para que o nome do campeão fique mais profundamente gravado nas paginas de ouro do esporte nacional". Eis o que nos disse Lagreca, hoje tecnico de prestigio da nossa entidade profissional, a A.P.E.A.

Sylvio Lagreca foi um dos primeiros técnicos da seleção brasileira, o primeiro a trabalhar nessa função com Fried¹³², tendo sido ainda treinador da seleção paulista e também jogador do tempo de Friedenreich. Participou de várias competições ao lado de *El Tigre*, jogando com ele pelo selecionado nacional, inclusive. Na matéria da *Folha da Noite* Lagreca foi taxativo: "Fried era o melhor de todos até então". "Adaptava-se a todas as posições". Essa versatilidade no campo de jogo era tida, por Lagreca, como um diferencial altamente importante para conferir aquela condição de superioridade a Friedenreich.

Friedenreich seguiu esta manhã para o Rio

Arthur Friedenreich partiu hoje, para o Rio, pelo trem que sae do Norte, ás 7 horas e deve chegar ao Rio, ás 7 horas da noite. Será acompanhado pelo chronista Paulo Varzea convidado especialmente, que se encarregará de transmitir á "Folha da Manhã" detalhes da viagem.

Um appello de Friedenreich

Friedenreich disse, hontem, ao microphone da "Record" as seguintes palavras: Embarcando hoje para o Rio, onde vou abraçar o publico esportivo carioca, não resisti á tentação de visitar os estudos da Sociedade Radio Record, Voz de S. Paulo, onde tenho amigos dedicados, para, pela sua Voz, que é a voz de S. Paulo, saudar o publico esportivo da minha terra, que se tem mostrado sympathico ás generosas homenagens que preparam aos meus 25 annos de futebol, quasi todo de serviços á bandeira paulista e brasileira. Aproveitando a oportunidade extendo os meus agradecimentos a imprensa á Associação Paulista, á Federação Brasileira e á Liga Carioca, aos seus clubes e aos seus jogadores, por terem sollicitamente contribuido com a sua força e seu prestigio para o brilho das commemorações do meu modesto jubileu. Embarco amanhã

¹³² Lagreca chegou a ser atleta e técnico da seleção simultaneamente.

para o Rio, levando sempre a saudade de S. Paulo e dos paulistas. Antes de deixar o microphone quero reafirmar meus agradecimentos ao dr. Paulo de Carvalho, director da Radio Record, e esportista em toda a extensão da palavra, que generosamente tem feito o microphone desta sociedade soprar aos mais longinquos rincões paulistas, e para além das fronteiras de S. Paulo, o meu apagado nome de jogador de futebol”.

O próprio Fried faz questão de ressaltar essa relação com São Paulo e com o Brasil ao lembrar de seus “serviços prestados à bandeira paulista e brasileira”. Friedenreich soube, mais do que ser *alguém*, ser um herói de São Paulo e um herói nacional, a partir de suas conquistas nos campos de futebol¹³³. Ele era ciente dessa sua condição e fazia questão de, com orgulho, zelar por ela.

Os festejos no Rio

A comissão carioca organizou um desenvolvido programma que será observado no Rio e de que participarão os paulistas. Inicia-se elle, hoje, na seguinte ordem: I - As 21 horas - Espectaculo promovido pela Empresa Pugilistica Brasileira, no Estadio Riachuelo. Quinta-feira - Dia 5: I - Almoço offerecido pela Federação aos Veteranos e novos jogadores de futebol. II - Jogo de futebol, ás 21 horas, entre os seleccionados da Liga Carioca de Futebol e da Associação Paulista de Esportes Athleticos, no estadio do C. R. Vasco da Gama. Sexta-feira - Dia 6: I - Almoço offerecido pela Federação Brasileira de Futebol. II - Visita ás altas autoridades federaes e locaes. III - Visita á Associação de Chronistas Desportivos. IV - Visita á Liga Carioca de Futebol e á Federação Brasileira de Futebol, seguidas de recepção. V - Espectaculos de gala no theatro Carlos Gomes, ás 22 horas. Sabbado - Dia 7: Pela manhã – Partida para São Paulo.

A recepção

Escreve o "Jornal dos Esportes": El Tigre receberá uma manifestação estrondosa em sua chegada, amanhã, a esta capital, como se fóra uma alta autoridade governamental. O programma de recepção terá inicio logo que o homenageado entrar em territorio fluminense. Nesse sentido, a Federação Brasileira já se entendeu com a Federação Fluminense de Esportes que providenciou para cumprir integralmente a sua parte nos festejos. A Sub-Liga receberá Friedenreich em Cascadura, representada por todos os presidentes e directores dos gremios filiados delegação essa que se fará acompanhar de uma banda de musica. O

¹³³ Esse assunto será retomado com maior profundidade no próximo capítulo.

desembarque na "gare" Pedro II constituirá em espetáculo de alta importância. Todos os clubes do Distrito Federal mesmo os do chamado esporte menor, enviarão delegados para receberem a maior figura do futebol patrio. Será uma recepção retumbante.

Para aquela celebração, Fried foi recebido no Rio como autoridade governamental. Chegou, dessa forma, ao patamar máximo da cidadania, na capital federal, palco de tantas partidas importantes em sua carreira, onde o Rio era, muitas vezes, o símbolo daquilo pelo qual Fried lutava e, outras vezes, a terra inimiga.

A despedida oficial de Fried pela seleção brasileira aconteceu num jogo contra o River Plate, a 23 de Fevereiro de 1935, vencido pelo Brasil por 2 a 1. Apesar do tom permanente de despedida, e já sem vínculos com o São Paulo da Floresta, Fried jogou ainda algumas partidas pelo Santos em uma excursão ao Rio Grande do Sul. No retorno recebeu diversos convites para retornar aos gramados não cessavam. *El Tigre* escolheu o Flamengo. Alguns diziam que era uma espécie de tapa de luva de pelica em seus adversários; outros, que se tratava de um “antigo caso”. O fato é que Fried foi para a equipe rubro-negra participar dos jogos finais do campeonato estadual daquele ano. Apenas quatro difíceis partidas contra o América e o Fluminense. O artilheiro paulistano pouco treinou, sequer mudou de São Paulo. Chegava ao clube carioca nas vésperas dos confrontos. Mesmo assim, a cada apresentação o veterano levava muita gente aos estádios da capital federal. Porém a aventura carioca não resultou em título, nem em gols. No Rio, o “Rei do Futebol”, aos quarenta e três anos de idade, não fez sucesso. Era hora de parar.

No fim, o Flamengo.

Friedenreich ainda manteve-se ligado ao futebol. Apitou algumas partidas, depois de abandonar a carreira de atleta, e também foi técnico de uma equipe de futebol amador do Clube Tietê de São Paulo, por alguns meses. Em 1938 foi convidado pela Companhia Antarctica Paulista para coordenar a publicidade da empresa no interior de São Paulo, na qual passou alguns anos. Sua imagem como ídolo esportivo foi associada à publicidade,

numa época em que essas práticas ainda eram absolutamente incipientes. Como diz o velho choro, mais uma *bola na gaveta*.

Capítulo III

O peso da camisa e a leveza do drible

“...felinidade tanto mental como physica, (Friedenreich) alia a coragem do leão à flexibilidade do tigre (...) De súbito se mostrava um turbilhão, avançando, estendendo-se, torneando, vencendo, afinal. Nele vibra intensamente todo o dinamismo brasileiro, todo esse mistério de raça, de lugar e de época, que é para nós mesmos um enigma e para os outros um assombro (...) é também, cumpre não esquecê-lo, um verdadeiro brasileiro.”

(“Álbum – Homenagem ao Glorioso Club Athletico Paulistano”, São Paulo, 1925)

A epígrafe é trecho de uma publicação encomendada pelo Club Athletico Paulistano, em 1925, para celebrar a vitoriosa excursão que a equipe de futebol acabara de realizar à Europa. Cada atleta foi homenageado com um pequeno texto e o que coube a Friedenreich, craque da temporada e lá eleito o Rei do Futebol, não poderia ser mais revelador. Fried é praticamente tido como síntese de uma construção múltipla, espécie de recôndito arquétipo plural e polissêmico a ser desvendado que congrega o dinamismo do modo de ser moderno e o “*verdadeiro brasileiro*”. Ele é tomado como personificação do

mistério de ser brasileiro e ao mesmo tempo moderno. De acordo com o texto, esse sujeito multifacetado embora ainda oculto em sua essência, tem qualidades inquestionáveis e decisivas, afinal, como afirma, à sua misteriosa maneira, vence. Talvez Fried nos conte que mistérios são esses.

O processo inaugurado com a abolição da escravidão, parte primordial do programa republicano e modernizador, implicou o crescimento da importação de mão-de-obra européia, e também colaborou para o desenvolvimento da urbanização e de sua extensa cadeia de transformações sociais, econômicas, culturais e políticas. Era a chance de São Paulo, a chance do Brasil. Ou dos donos de São Paulo, dos donos do Brasil. Mas muita gente acreditou que aquela poderia ser também a sua chance. De vencer.

A cidade que não parava de crescer, de forma caótica e fragmentária, acabava, de alguma forma, por estimular a necessidade da criação de novos sentidos de coesão que produzisse o amálgama necessário para estruturar este processo. Práticas e discursos – eleitos e desautorizados – imbricam-se na construção polifônica e cotidiana da metrópole e da vida de seus habitantes.

Essa mesma busca pela identidade, que era local, atingia também o Brasil. A demanda pelas características que conformariam a nacionalidade passa, igualmente, a ser encarada como um desafio a ser vencido. Era preciso desvendar, ou formular, com clareza, o que seria, afinal, aquele país.

3.1. O futebol e o Brasil de Friedenreich

Dois parâmetros fundamentavam o solo epistemológico dos intelectuais brasileiros de fins do século XIX e início do XX: raça e meio. Os termos deterministas explicariam, numa perspectiva evolucionista, a suposta inferioridade dos tipos brasileiros. Era necessário, então, esclarecer as razões desse “atraso” e tentar superá-lo, buscar vislumbrar “a possibilidade de o Brasil se constituir enquanto povo, isto é, enquanto nação”¹³⁴. A interpretação do país passava pelo estudo do “caráter nacional”, o que acabava se reportando à formação de um Estado Nacional, na visão de Renato Ortiz. Para ele, meio e

¹³⁴ ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

raça traduziam então “dois elementos imprescindíveis para a construção de uma identidade brasileira: o nacional e o popular”¹³⁵.

No início da década de 1920, o Brasil passava ainda pelo impacto da Primeira Guerra Mundial e, como o mundo, sofria alterações no campo das idéias. Subjacente aos horrores do conflito armado vinha o reconhecimento de nossa situação de fragilidade frente à cobiça externa, assim como fazia cair aqui também o mito da liberdade da era internacional que tornava obsoletos os nacionalismos. Assistia-se à retomada de tais valores nos países europeus e no Brasilurgia nos situarmos como um país que tinha especificidades capazes de traçar uma identidade de nação. Não é por acaso que, em 1916, a *Revista do Brasil* era criada no sentido de conduzir este debate em torno da questão da nacionalidade e tornar-se núcleo da propaganda nacionalista. Nesse sentido, “encontrar um tipo étnico específico capaz de representar a nacionalidade torna-se o grande desafio enfrentado pela elite intelectual”¹³⁶. Tratava-se de uma missão que se impunha à intelectualidade: encontrar a identidade nacional, rompendo com um passado de dependência cultural. Data dessa época uma série de estudos cujo eixo central era a busca da identidade nacional, através da reverificação do passado, da revisitação de todo o período colonial e da reinterpretação do fenômeno de mistura de raças que constituiu o povo brasileiro.

Com o advento dos grupos modernistas, embora o nacional e o popular permanecessem como pontos centrais do debate, outros valores passaram a configurar a base das teorias ligadas à questão da interpretação da história nacional e do ser nacional. Procurava-se agora uma compreensão mais clara e efetiva da brasilidade buscando apoio em idéias-força como a modernidade, a civilização e a universalidade. Para os modernistas, “a operação que possibilita o acesso ao universal passa pela afirmação da brasilidade”¹³⁷. Oswald de Andrade propunha em seu “*Manifesto Antropófago*” uma modernidade brasileira que se caracterizaria por saber ingerir e digerir criativamente o que vem de fora. Mais do que isto, o que Oswald argumentava é que os brasileiros se dedicaram a esta prática desde o começo de sua história.¹³⁸

¹³⁵ Idem, Ibidem.

¹³⁶ VELLOSO, Mônica Pimenta. A brasilidade verde-amerela: nacionalismo e regionalismo paulista. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 1993, p. 90.

¹³⁷ MORAES, Eduardo J. de. *A brasilidade modernista. Sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro, Graal, 1978, p.105.

¹³⁸ ANDRADE, Oswald de. “Manifesto Antropófago”. *Do Pau Brasil às Antropofagias e às Utopias*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.

E diante da perspectiva “antropofágica”, de deglutir o que viesse “de fora” para regurgitá-lo com traços nacionais, eram os modernistas simpáticos à prática do futebol¹³⁹. Mas essa inclinação não foi consensual entre os intelectuais do período, como mostra a declaração de Graciliano Ramos, de 1921, a respeito da pertinência da inserção do futebol na sociedade brasileira:

Mas por que o ‘football’?
Não seria, porventura, melhor exercitar a mocidade em jogos nacionais, sem mescla de estrangeirismo, o morro, o cacete, a faca de ponta, por exemplo?
Não é que me repugne a introdução de coisas exóticas entre nós. Mas gosto de indagar se elas são assimiláveis ou não.
Ora, parece-me que o ‘football’ não se adapta a estas boas paragens do cangaço. É roupa de empréstimo, que não nos serve.
... Temos esportes em quantidades. Para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras?
O ‘football’ não pega, tenham certeza.¹⁴⁰

Graciliano Ramos não foi o único a depor contrariamente ao futebol. Em 1916, o Brasil foi disputar o I Campeonato Sul-Americano, na Argentina. Tudo estava acertado para que o escrete fosse a Buenos Aires no navio Júpiter. O problema é que no mesmo navio iria a comitiva diplomática do Brasil para as comemorações do centenário da independência argentina. O chefe da comitiva era o então conselheiro Rui Barbosa. Ao saber que os diplomatas viajariam no navio dos jogadores de futebol, o político baiano foi taxativo: com jogadores de futebol ele não viajaria em hipótese alguma. Rui Barbosa considerava aquele esporte coisa de vagabundos desocupados. Nem mesmo o argumento de que o time era formado por estudantes, comerciantes e profissionais liberais de boas famílias convenceu o conselheiro. Diante da intransigência de Rui, os jogadores brasileiros tiveram que ir de trem para disputar o certame.

Na mesma direção de oposição ao futebol, porém partindo de premissas bastante diferentes das de Rui Barbosa, estava Lima Barreto. Compreender seu olhar sobre esse

¹³⁹ Pode-se sugerir, nesse sentido, que a antropofagia era sugerida por certo setor da elite e praticada pelas camadas populares.

¹⁴⁰ ANTUNES, Fátima M. R. F. “Com brasileiro não há quem possa!” – Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora Unesp, 2004, p. 24.

esporte é fundamental para a composição de um panorama que revele a forma conflituosa pela qual o Brasil percebia então o futebol.

Dos artigos “*Vantagens do foot-ball*” e “*Uma partida de foot-ball*”, escritos por Lima Barreto para a revista *Careta*, respectivamente de 19 de junho de 1919 e 4 de outubro de 1919, surge a imagem de um jogo brutal e sem sentido, totalmente diferente do elemento de regeneração social preconizado por Coelho Neto¹⁴¹, para desespero da imprensa brasileira, quase toda ela empenhada em prestigiar o futebol — com raríssimas exceções como, por exemplo, a do jornalista e escritor carioca Carlos Sussekind de Mendonça. Em 1921, então editor do jornal *A Época*, do Rio de Janeiro, Sussekind de Mendonça teve seu livro “*O sport está deseducando a mocidade brasileira*”¹⁴² publicado com o subtítulo “dedicado a Lima Barreto”, hoje obra raríssima. Lima Barreto viria a publicamente agradecer e fazer comentários ao livro de Sussekind no artigo “*Como resposta*”¹⁴³.

As aludidas “verdadeiras atrocidades promovidas pelo futebol”, apresentadas por Sussekind, eram denunciadas também por Lima Barreto – como na crônica intitulada “*Divertimento?*”, publicada na revista *Careta* em 04 de dezembro de 1920, em que destacava os inúmeros conflitos e constantes brigas ocorridos nos campos, com tumultos e batalhas entre torcidas diferentes, registradas nos jornais diários a cada segunda-feira, culminando com o tiroteio numa partida em 18 de dezembro de 1920 – como atestados de que, mais do que casos isolados seriam “o fim próprio e natural do jogo”, como sustenta no artigo “*Uma conferência esportiva*”¹⁴⁴.

Lima Barreto via no futebol um fator de degeneração da cultura e da política nacional, pois patrocinava uma injusta e gritante diferenciação social e regional, como declarou em entrevista ao *Rio-Jornal* em 13 de março de 1919:

Está aí, uma grande desvantagem social do nosso foot-ball. Nos dias em que, para maior felicidade dos homens, todos os pensadores procuram apagar essas diferenças acidentais entre eles, no intuito de obter um mútuo

¹⁴¹ Lima Barreto acusava Coelho Neto de fazer “*somente brindes de sobremesa para satisfação dos ricos*” e sustentava que a simpatia de Neto pelo futebol seria mero oportunismo, um meio de agradar às ricas famílias, vindo de “*um homem que não entende sequer a alma de uma criada negra*”. Revista *Careta*, 19 de junho de 1919 e 4 de outubro de 1919.

¹⁴² Empresa Brasil Editorial, Rio de Janeiro.

¹⁴³ *Careta*, 8 de abril de 1922.

¹⁴⁴ Revista *Careta*, 1 de janeiro de 1921.

e profundo entendimento entre as várias partes da humanidade, o jogo do ponta-pé propaga sua separação e o governo o subvenciona.

Criticava, ainda, os “favores e favorezinhos” que os clubes de futebol recebiam do governo para “criar distinções idiotas e anti-sociais entre os brasileiros, e longe de tal jogo contribuir para o conagraçamento, para uma mais forte coesão moral entre as divisões políticas da União, separa-as”: segundo ele, os clubes de futebol seriam “portadores de uma pretensão absurda, de classe, de raça, etc.” Isso porque os defensores do futebol, ainda Coelho Neto à frente, sustentavam ser “um sport que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo”¹⁴⁵ e reclamavam “que alguns jogadores não tinham o nível social de há uns anos atrás”¹⁴⁶.

Porém, não eram apenas econômicas e sociais as distinções combatidas por Lima Barreto, mas, também raciais, aquelas que vedavam aos negros a participação nos grandes clubes de futebol: em 1921 quando o próprio presidente Epitácio Pessoa proibiu jogadores negros de fazerem parte do selecionado que ia à Argentina disputar um campeonato, Lima foi duro nas críticas, publicando no mesmo dia 1 de outubro de 1921 dois artigos — “*O meu conselho*” e “*Bendito foot-ball*” — no jornal A . B. C., onde afirma que “quando não havia foot-ball, a gente de cor podia ir representar o Brasil em qualquer parte” e aponta o caráter nocivo do futebol para o país. “É o fardo do homem branco: surrar os negros, a fim de trabalharem para ele. O foot-ball não é assim: não surra, mas humilha, não explora, mas injuria e come as dízimas que os negros pagam”.

Vendo nos sócios dos grandes clubes os herdeiros dos antigos senhores de escravos, Lima enxergava no futebol “uma das formas de continuação da dominação exercida durante décadas pelo regime escravista, onde se troca a violência pela humilhação de quem paga impostos para sustentar, com subvenções oficiais, um jogo ao qual não tem acesso”, o futebol aparece nos textos de Lima Barreto como

um poderoso instrumento de domínio utilizado por uma raça que se julga eleita por Deus graças às suas habilidades nos pés; como a escravidão, sua única finalidade é criar uma separação idiota entre os brasileiros,

¹⁴⁵ Jornal *Sports*, de 6 de agosto de 1915.

¹⁴⁶ Jornal do Brasil, de 3 de maio de 1920.

perpetuando as desigualdades e continuando um passado de diferenciação e segregação¹⁴⁷.

O novo, e talvez o preponderante, no entanto, a partir dos anos 20, era a utilização dos padrões estéticos europeus como inspiração de caráter positivo para se empreender o mergulho no Brasil, para a redescoberta do passado colonial e para a pesquisa folclórica; como fez, por exemplo, Mário de Andrade, a partir de São Paulo. Enfim, embora os meios e as formas – se é que se pode separá-los do conteúdo – não fossem "nacionais", perseguia-se desvendar as raízes da nacionalidade.

São Paulo, na época, desejava se apresentar como estado brasileiro símbolo de modernidade e brasilidade. O otimismo em relação ao estado originava-se, na década de 20, do processo de desenvolvimento econômico que experimentava. Historicamente tal imagem forjada devia-se a todo movimento de expansão territorial e, portanto, de configuração geográfica do país, que estava atrelado ao bandeirismo paulista. São Paulo aparecia assim, aos olhos da nação, como o grande empreendedor, o centro do trabalho, o território que deu origem ao verdadeiro brasileiro – quase que herói – e, nesse sentido, o único estado capaz de promover a construção da identidade nacional. Segundo Mônica P. Velloso, o Modernismo refundaria essa crença na superioridade paulista, o que evidencia o fato de em muitas das obras o Brasil aparecer confundido com São Paulo¹⁴⁸. Tal questão nos remete a uma polêmica nodal do Movimento Modernista: a discussão acerca do caráter regionalista ou nacionalista das produções. Enquanto alguns grupos – já que a discussão gerou divisões dentro do movimento – buscavam estabelecer o símbolo da nacionalidade a partir das características do estado/região, ou seja, de encontrar a nacionalidade em algum espaço geográfico que fosse eleito o "mais brasileiro"; outros propunham encontrar nossa identidade exatamente na diversidade que compunha o nacional (unidade de diversos culturais). Importa assinalar ainda que o próprio Mário de Andrade formularia uma nova concepção sobre o regional e o nacional que parece se consolidar em *Macunaíma*. O escritor defenderia a idéia da "desgeografização do Brasil", posto que a unidade, a nossa identidade, só poderiam ser traçadas no âmbito de uma análise histórica da formação da nacionalidade brasileira. Recorrer a esse processo provavelmente significaria colher os

¹⁴⁷ Artigo “*O nosso esporte*”, publicado no jornal A . B. C., de 26 de agosto de 1922.

¹⁴⁸ VELLOSO, Mônica Pimenta, op. cit.

elementos regionais, folclóricos, característicos de cada região para torná-los elementos da identidade nacional.

Reação significativa àquele enfoque analítico que estabelecia meio e raça como fatores que determinariam a condição nacional partiu de Gilberto Freyre e se deu com a publicação de *Casa Grande e Senzala*, em 1933. Freyre procurou analisar a formação da sociedade patriarcal brasileira pelo prisma da cultura, desvinculada da idéia de raça. A marca de sua interpretação foi o reconhecimento das contribuições oferecidas pelos diferentes grupos sociais que conviveram e interagiram no mundo colonial, para a formação social brasileira. Ao mesmo tempo, enfatizou o processo de miscigenação cultural que se operou no Brasil, sobretudo no âmbito privado, pela aproximação de negros, índios e brancos, pela “permeabilidade entre casa-grande e senzala”¹⁴⁹, num “amálgama tenso, mas equilibrado”¹⁵⁰. Para José Miguel Wisnik, Gilberto Freyre “sugere afinal o mestiço, racial e cultural, como intérprete por excelência da *reciprocidade de culturas* que forma a sociedade brasileira”¹⁵¹.

Sérgio Buarque de Holanda, em 1936, um ano após Friedenreich deixar os gramados, portanto, publicava seu *Raízes do Brasil*. Ali, chamou a atenção para uma análise atenta acerca de uma série de outros aspectos que seriam fundamentais para o entendimento da sociedade brasileira: a herança rural presente na estrutura social do país; os legados do paternalismo à burguesia urbana; o homem cordial e personalista, fruto do predomínio das vontades particulares nos círculos sociais e do caráter emotivo que marca o conjunto de relações entre os membros da comunidade; e a idéia de democracia como fachada para a manutenção da velha ordem¹⁵².

O Brasil, ao mesmo tempo em que assistia uma parcela dos brasileiros, de sempre marginalizada, tomar as ruas do país e tentar fazer parte dele, reorganizava as bases dos discursos que definiriam seu caráter nacional.

¹⁴⁹ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1988; e WISNIK, op. cit., pp. 412-413.

¹⁵⁰ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e paz: Casa grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo, Editora 34, 1994, p. 57.

¹⁵¹ WISNIK, op. cit., pp. 414-415.

¹⁵² HOLANDA, op. cit. e WISNIK, op. cit., p. 417.

3.2. *Friedenreich, ídolo paulista, mas “cumpre não esquecê-lo, um verdadeiro brasileiro”*

Tomando as palavras de Nicolau Sevcenko, São Paulo, naqueles anos,

não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem européia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical nem subtropical; não era ainda moderna, mas já não tinha passado¹⁵³.

Uma espécie de repetição, enfim, do texto dedicado a Friedenreich, no Álbum comemorativo do Paulistano: “todo esse mistério de raça, de lugar e de época, que é para nós mesmos um enigma e para os outros um assombro”.

A metrópole, palco privilegiado da modernidade, demandava a moldagem de um padrão identitário que emprestasse ordem, coesão e vigor àquela sociedade multifacetada e descontínua que surgia. Era preciso fazer com que todos aqueles milhares de imigrantes e nacionais de múltiplas origens passassem a se congregar sob outros signos e se assentassem em uma nova identidade comum que fosse capaz de servir como eixo construtor do futuro.

Montserrat Guibernau apresenta a identidade como uma relação do *eu* com o *coletivo*. Para ela, “as identidades só existem nas sociedades, que as definem e organizam”. Assim, um paulista só se torna um paulista se existe por trás dessa idéia uma construção capaz de apontar o que é ser paulista. Friedenreich só é Friedenreich dentro de um grupo, que indica o que ele é: mulato – por conta da sua pele, de seu cabelo; branco – por jogar em equipes restritas para brancos; paulista; brasileiro. Guibernau estabelece dois critérios de definição da identidade: continuidade no tempo – resultado de uma concepção que toma a nação ou a comunidade como “uma entidade historicamente enraizada que se projeta no futuro” – e diferenciação em relação aos outros. O ser paulista, por exemplo, se cristalizava à medida que, não apenas se apresentava como grupo social com uma história própria e como um tipo dotado de características específicas, mas também quando se opunha com o ser carioca. Deste modo, a identidade, para Guibernau, preencheria três funções principais:

¹⁵³ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole, São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20*, op. cit., p.31.

ajudar a fazer escolhas, tornar possíveis as relações com os outros e conferir capacidade de adaptação. E prossegue, ao tratar das conexões entre identidade e cultura:

valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas são transmitidos aos novos membros que recebem a cultura de uma determinada sociedade. O processo de identificação com os elementos de uma cultura específica implica um forte investimento emocional. Todas as culturas escolhem partes de uma realidade neutra e impregnam-na de significado. Os indivíduos nascem em culturas que determinam o modo pelo qual eles se consideram em relação aos outros (...) uma cultura comum favorece a criação de laços de solidariedade entre os membros de uma dada comunidade e permite-lhes imaginar a comunidade a que pertencem como separada e distinta das outras (...) Os indivíduos que ingressam numa cultura carregam emocionalmente certos símbolos, valores, crenças e costumes, interiorizando-os e concebendo-os como parte deles próprios (...) A força do nacionalismo procede não do pensamento racional apenas, mas do poder irracional das emoções que se originam dos sentimentos de pertencer a um grupo determinado.¹⁵⁴

De tal modo, a uma imensa massa de imigrantes que chegava à cidade, eram sugeridos alguns valores, como a idéia de que a vitória era não apenas possível como era uma constante ali, e o futebol emocionante de Friedenreich lá estava para reforçar esse discurso. A emoção, aliás, é de fato um dos pontos-chave naquela cidade em intensa transformação. No dizer de Elias Saliba

entre os heróis desta nova predisposição mental, desta espécie curiosa de cidadania fundada na emoção, que impregnava o comportamento dos paulistanos, estavam Arthur Friedenreich, *o maior artilheiro de todos os tempos*; e Edu Chaves, o herói dos raids aéreos, que em 1920 vence, com apoio do governador do estado, Washington Luís, o maior desafio aéreo sul-americano, o raid entre São Paulo e Buenos Aires.¹⁵⁵

¹⁵⁴ GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos – O estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, s/d, pp.82-86.

¹⁵⁵ SALIBA, Elias T. Cultura Modernista em São Paulo, in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, pp. 128-137.

Guibernau propõe ainda que a cultura é a dimensão que cria a identidade, ao mediar o modo pelo qual os membros da comunidade “se relacionam consigo mesmos, com os outros e com o mundo exterior”. Assim, os elementos de uma cultura modernizante – dentre eles o futebol – poderiam dar forma a São Paulo ou ao Brasil. No seu modo de ver, a “cumplicidade contribui para a criação de uma consciência comum e o desenvolvimento de laços de solidariedade entre os membros do grupo”¹⁵⁶. De fato, cumplicidade é o que se estabelece entre ídolo e torcida. A mesma Guibernau aponta para a importância do conteúdo simbólico do nacionalismo. Em seu entender, “a consciência de formar uma comunidade é criada através do uso de símbolos e da repetição de ritos que dão força aos membros” daquele grupo. A comunidade desenha as fronteiras que as diferenciam das outras ao favorecer “ocasiões em que eles (membros de uma mesma sociedade) podem sentir-se unidos, e exibindo emblemas – símbolos – que representem sua unidade”¹⁵⁷. Sob sua perspectiva, a nação, a comunidade, usa um conjunto próprio de símbolos e deste modo “mascara a diferenciação dentro de si mesma, transformando a realidade da diferença na aparência da similaridade, permitindo assim às pessoas se revestirem da comunidade com integridade ideológica”. Isso, para ela, explicaria a “capacidade do nacionalismo de reunir pessoas de níveis culturais e contextos sociais diferentes”. Deste modo, as pessoas construiriam a comunidade de uma forma simbólica e a transformariam em um referencial de sua identidade. Acredita ainda que os símbolos, para manterem sua vitalidade e significação, precisam constantemente ser reinterpretados e recriados, dentro dos novos contextos que emergem¹⁵⁸. As partidas de futebol, sobretudo das seleções paulistas e brasileiras, podem ser tomadas como uma forma ritual que renova e reafirma as simbologias daquelas comunidades. Os uniformes, o modo de jogar, a torcida, as “derrotas injustas”, as vitórias gloriosas, enfim, uma série de elementos próprios à prática do jogo reeditam um sentido de grupo que aglutina jogadores e torcedores à sombra de uma mesma bandeira e sob uma única identidade.

¹⁵⁶ GUIBERNAU, op. cit., p. 89.

¹⁵⁷ Idem, Ibidem, p. 90.

¹⁵⁸ Idem, Ibidem, pp. 92-93.

Anthony Smith percebe a construção da identidade como uma linha simbólica que integra passado, presente e futuro em uma dimensão cultural¹⁵⁹. Neste mesmo sentido, Montserrat Guibernau argumenta que em “um mesmo passado histórico, que inclui ter sofrido, desfrutado e esperado conjuntamente, e um projeto comum para o futuro, reforçam os elos entre os membros de uma dada comunidade”¹⁶⁰. O processo de recriação do passado, empreendido em São Paulo a partir da canonização do mito do bandeirante e da produção de um imaginário laudatório da paulistanidade¹⁶¹ foram o substrato a partir do qual operaram os fenômenos de adesão, assimilação, resistência e exclusão daquelas populações aos padrões hegemônicos. A chamada “ideologia da paulistanidade” buscava legitimar uma idéia de pujança paulista atrelada por sua vez ao âmbito da modernidade. No dizer de Nicolau Sevcenko, “o passado é revisitado e revisto para autorizar a originalidade do futuro”. O moderno traria em seu bojo a emancipação, a autonomia; logo, surgia como sinônimo de liberdade, ou libertação. “Era a própria introdução do princípio do “non ducor duco” no cotidiano do cidadão paulista”¹⁶². O estímulo à iniciativa, à ruptura de laços, à ousadia conectava em uma mesma direção um presente caótico e um passado reinventado, e essa direção era a de um futuro que se pretendia grandioso. Os paulistas, inclusive os recém chegados, deviam ser sempre bandeirantes. A modernidade, conjugada àquela tradição forjada, dava sentido à intrincada e aparentemente incongruente realidade presente e lançava as bases seguras de um futuro que só poderia ser promissor. E o futebol – e claro, seus ídolos e repertório simbólico – acabou por servir como uma peça a mais nesse discurso, sobretudo através da maneira pela qual era tomado pela imprensa como mais uma manifestação da grandeza paulista. Cultura física, movimento, dinamismo, velocidade, força, coragem eram valores que confeririam identidade àquela cidade e amalgamavam em

¹⁵⁹ SMITH, Anthony. *Conmemorando a los muertos, inspirando a los vivos. Mapas, recuerdos y moralejas em la recreación de las identidades nacionales*. In *Revista Mexicana de Sociología*, vol. 60, número 1, 1998, pp. 61-80.

¹⁶⁰ GUIBERNAU, *op. cit.* p.86.

¹⁶¹ Sobre a chamada ideologia da paulistanidade, ou bandeirante, entre outros: ABUD, Kátia. *O sangue itimorato e as nobilíssimas tradições; a construção de um símbolo paulista, o bandeirante*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH-USP, 1985; QUEIROZ, M. Isaura P. de. “Ufanismo paulista”. São Paulo, *Revista USP*, nº 13, 1998; FERREIRA, A. Celso. *A epopéia bandeirante; letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo, UNESP, 2002.

¹⁶² SEVCENKO, *Orfeu Extático na Metrópole, São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20*, *op. cit.*, p.230.

um discurso comum a reinterpretação do passado bandeirante, a vida atual que se pretendia moderna e próprio futebol.

A despeito desse construto ideológico fundado na questão da paulistanidade e na supremacia de São Paulo, o que se observa é uma sobreposição de discursos modernizadores, que passam por questões raciais, culturais, políticas, sociais e econômicas e que conformam o corpo simbólico deste tempo e tentam cavar seu espaço no senso comum de uma cidade em vertiginosa expansão e que existe, pode-se dizer, para oferecer à sua elite predados valorosos e suporte integral a seu projeto de poder. Além da demanda pela legitimação do poder sob o cetro do baronato cafeeiro paulista, havia a necessidade de inclusão, ou convencimento, de enormes contingentes que afluíam para a metrópole e para o estado; e de exclusão dos grupos indesejáveis, em um determinado esquema social; a prioridade em estabelecer a importância do trabalho; políticas de embranquecimento da população e a estigmatização de manifestações populares. Esses pontos se imbricaram e se interceptaram com propostas teóricas que valorizam o ser nacional em suas bases mestiças, nas primeiras décadas do século XX em São Paulo, produzindo mentalidades e identidades dotadas de uma natureza própria, complexa e contraditória.

Neste contexto nota-se que Friedenreich sintetiza uma série de níveis de identidade: é mulato, filho de um alemão e uma negra; paulista; brasileiro. Essa complexidade, aliada ao igualmente complexo panorama histórico do qual ele é parte, demanda uma análise cuidadosa e que fuja de esquematizações teóricas simplificadoras.

Para uma compreensão mais efetiva do contexto do qual emerge Arthur Friedenreich é necessário também tomar como suporte um arcabouço teórico consistente que sirva de fundamento a essa discussão e, aqui, mostram-se extremamente importante as elaborações sistematizadas por Florestan Fernandes, em seus estudos sobre os negros e mulatos em São Paulo. Florestan data o período compreendido entre 1900 e 1930 – portanto, em grande parte, o mesmo vivido por Friedenreich no futebol – como aquele de consolidação da ordem competitiva, porém ainda sob forte persistência da concepção tradicionalista de mundo. Propõe, como uma de suas idéias principais, “que as motivações e orientações do comportamento social do ‘negro’, em suas manifestações individuais ou coletivas, são calibradas e dirigidas pelo afã de pertencer ao sistema”. Ora, o futebol reproduz essa lógica. Ao analisar o modo pelo qual o negro se situa nesse momento de

emergência da sociedade de classes, Florestan postula que “a desagregação do regime escravocrata e senhorial operou-se, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre”. Além disso, percebe que a concorrência entre o ex-escravo com os trabalhadores nacionais não negros e principalmente com a mão-de-obra importada da Europa foi “altamente prejudicial aos antigos escravos, que não estavam preparados para enfrentá-la”. As posições de trabalho no sistema econômico paulistano a partir dos fins do século XIX eram “monopolizadas pelos brancos”; o que teria deixado o negro “à margem do processo”. Não fosse o fato de ser filho de um alemão e o mulato Friedenreich talvez tivesse encontrado dificuldades maiores – como, definitivamente, aconteceu com a maior parte dos negros e mulatos, então – para atuar nos clubes que atuou. O fator determinante do fenômeno de exclusão social do qual foi vítima o negro em São Paulo, segundo Florestan, teria sido o desconhecimento, por parte dele, negro, ao se ver largado a sua própria sorte pela sociedade brasileira, dos mecanismos e práticas do mundo burguês urbano e capitalista. No dizer de Florestan Fernandes,

o imigrante aparece como o lídimo agente do trabalho livre e assalariado, ao mesmo tempo que monopoliza, praticamente, as oportunidades reais de classificação econômica e de ascensão social, abertas pela desagregação do regime servil e pela constituição da sociedade de classes.

De tal forma, para o autor, restaram para o negro e o mulato

aceitar a incorporação gradual à escória do operariado urbano em crescimento ou abater-se penosamente, procurando no ócio dissimulado, na vagabundagem sistemática ou na criminalidade fortuita meios para salvar as aparências e a dignidade de homem livre¹⁶³.

Ou podiam tentar a sorte e lutar contra os preconceitos, jogando a seu modo aquele jogo de bola que tanto os seduzia. É desse panorama social que surgiu Friedenreich, filho de um alemão, porém mulato. Muito provavelmente, em função do patriarcalismo e paternalismo próprio da sociedade brasileira, se a situação fosse a inversa, se Fried fosse

¹⁶³ FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, Dominus, s/d.

filho de mãe alemã e pai mulato, ele encontraria dificuldades consideravelmente maiores para estabelecer sua carreira da forma como fez¹⁶⁴.

Em 1933 Fried contava com quase vinte e cinco anos de carreira no futebol. Nesse mesmo ano é lançado *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freire, um verdadeiro tratado acerca da sociedade patriarcal brasileira engendrada a partir dos anos de colonização portuguesa. Mais do que isso, conforme escreve Fábio Franzini,

difundindo-se por toda a sociedade, o elogio da mestiçagem vai ajudar, e muito, a legitimar algumas práticas populares que vinham ganhando força no cotidiano do país, transformando-as em expressões da cultura brasileira – dentre as quais o futebol¹⁶⁵.

E Friedenreich teve responsabilidade nessa construção cotidiana, pela dimensão que tomou sua condição de ídolo. Por mais que alisasse ou escondesse os cabelos, todos sabiam que aquele craque era um mulato. De alguma maneira seu sucesso acabou por auxiliar no gradual processo de legitimação da participação popular nas esferas oficiais do futebol brasileiro.

Mário Filho, em *O negro no futebol brasileiro*, apresenta Friedenreich como uma espécie de herói que, suplantando as barreiras raciais, teria – em função de sua qualidade como jogador e, sobretudo por conta de sua “cor popular” que o identificava com o “*ethos* nacional” – legitimado o mulato como a epítome da brasilidade. É indiscutível que Friedenreich tenha sido considerado em seu tempo um grande ídolo e que suas vitórias tenham marcado uma época e de fato ajudado no processo de apropriação do futebol pelas camadas populares. No entanto, é preciso desconstruir essa perspectiva reducionista e de um romantismo que não se sustenta e perceber com mais precisão as ambigüidades de Friedenreich. Um olhar mais cuidadoso sobre seu percurso como atleta aponta para a noção de que ele não era unicamente a representação do mulato ou do negro. Era também filho de um branco; paulista exemplar. Se Friedenreich foi um dos elementos principais da ascensão do futebol popular, isso se deu porque ele soube jogar com sua própria identidade até onde

¹⁶⁴ Outra forma de paternalismo extremamente comum ao universo do futebol se dá na relação entre os dirigentes e os atletas e isso também não foi estranho a Friedenreich, que teve uma relação bastante próxima com uma série de dirigentes nos clubes em que passou e seleções que defendeu.

¹⁶⁵ FRANZINI, Fábio. *As Raízes do país do Futebol. Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH – USP, 2000, p. 102.

era possível. Embora Mário Filho tenha a noção de que Friedenreich “não queria ser mulato”, ao pensá-lo como o mestiço redutor dos antagonismos¹⁶⁶ desconsidera uma série de outros aspectos incongruentes em sua trajetória.

Uma análise mais atenta em relação às matérias de jornais e revistas que tratam de episódios da carreira de Friedenreich são extremamente reveladoras desse jogo de identidade que permitia *El Tigre* usar aquele mundo a seu favor e ser usado por ele. Ser branco ou negro, paulista ou brasileiro, atleta de clube aristocrático ou *peladeiro varzeano*, era tudo uma questão de contexto e as circunstâncias indicavam que “personagem” ele deveria assumir, que aspecto de sua identidade seria o mais pertinente em cada ocasião, qual Friedenreich as pessoas veriam, ou qual Friedenreich as pessoas deveriam ter visto.

Nas décadas de 1920 e 1930 eram mais ou menos comuns jogos amistosos entre selecionados de brancos contra selecionados de negros, sobretudo os jogos “comemorativos” da Abolição da Escravidão realizados nos 13 de maio, entre a “Seleção Paulista de Brancos” e a “Seleção Paulista de Pretos”. O *Correio Paulistano*, de 14 de maio de 1927, traz uma reportagem intitulada “A competição de ontem em homenagem à data de 13 de maio – a vitória do combinado negro”. Quase uma página inteira é usada para descrever a vitória da Seleção Paulista de negros por 3 a 2 sobre a Seleção Paulista de brancos. Friedenreich jogou pelos brancos. No ano seguinte, conforme atesta a matéria “Futebol - Commemoração do 13 de Maio - Seleccionado *Branco* vs. Seleccionado *Preto* – organização dos quadros”, de 13/05, em *O Estado de São Paulo*, novamente a partida se repete e com Fried escalado na equipe dos brancos. E muitas vezes era o capitão da equipe. O amistoso “comemorativo” do aniversário da Lei Áurea foi disputado pela primeira vez naquele ano – 1927 – e se repetiu por mais de uma década. E Friedenreich, mulato, atleta do aristocrático Paulistano e já então grande ídolo do futebol brasileiro atuou, nesses jogos entre os dois combinados paulistas, pela seleção de brancos. Ele não “era branco” apenas nesses selecionados, era também por ter iniciado no clube dos alemães, o Germânia (por influência paterna) e por ter cumprido a melhor fase de sua carreira durante todos os anos 20 no Paulistano, clube que melhor representava a elite paulista naquele momento.

No entanto aqui surge um dos pontos interessantes da trajetória de Friedenreich e das questões que envolvem as dificuldades em definir sua identidade – dificuldades que

¹⁶⁶ FILHO, Mário. op. cit.

eram dele, das pessoas a sua volta e também nossa: existem registros de partidas nas quais Friedenreich joga por um selecionado de negros de São Paulo contra uma seleção Carioca. O jornal *O Clarim da Alvorada*, vinculado a movimentos negros de São Paulo, naquele momento, traz, em 03/02/1929, a seguinte reportagem: “Esporte. Futebol. Uma bella Victoria da nossa mocidade. O grande encontro amistoso do combinado lafeano¹⁶⁷ (pretos de São Paulo) vs. combinado carioca da Metro.”¹⁶⁸ Abaixo dessa chamada, está estampada a foto de Friedenreich com a referência ao “capitão do quadro preto” e o resultado: Paulistas 6 x Cariocas 2. E sua identidade como mulato não se definia só por ter atuado em seleções de negros, mas também por não ter conseguido, por conta inclusive de seu biótipo franzino e possivelmente também em função de um preconceito racial extremamente comum à época, se firmar na equipe dos alemães.

José Miguel Wisnik, em *Veneno Remédio*, insiste em estabelecer Friedenreich como o arquetípico mulato machadiano “nem rejeitado nem admitido”¹⁶⁹. É uma forma de se olhar para Fried. Mais consistente do que aquela proposta por Mário Filho, provavelmente, mas ainda assim, apenas uma forma de vê-lo, apenas uma fórmula para vê-lo. Ora, é possível se sustentar que Fried, a despeito de sua complexa ambigüidade, foi, sim, admitido, em boa medida. Jogou no aristocrático Paulistano, era o capitão da seleção dos brancos e da seleção paulista, foi celebrado como herói em 32. E isso não se intersecta, ainda, com o fato de muitas vezes ele ter sido rejeitado ou sofrido derrotas de diversos tipos, porém, é inegável que Friedenreich tenha, também e, sobretudo, vencido. Mais do que transitar pelo meio do caminho, Fried conheceu os dois lados daquele mundo.

Um mulato no Club Athletico Paulistano.

¹⁶⁷ Referente à L.A.F. – Liga de Amadores de Futebol, uma das duas entidades oficiais do futebol de São Paulo naquele período.

¹⁶⁸ “Metro” vem de “Metropolitana”, ou Associação Metropolitana de Esportes Athléticos; entidade futebolística carioca.

¹⁶⁹ WISNIK, op. cit., p. 198 e 222.

Se Friedenreich negociava até onde podia sua condição étnica, de branco ou negro; sua “paulistanidade” era um traço nítido e absolutamente determinante em sua vida. O futebol era parte daquele mundo moderno e do processo civilizatório, e os paulistas se arvoravam responsáveis pela introdução desse esporte no Brasil. Numa época em que o nacional era uma construção mais distante e obscura do que o regional, as seleções estaduais – ecoando as origens regionalizadas da sociedade brasileira – despertavam fortemente os sentimentos de identidade entre as populações que começavam a se fascinar com o futebol e estimulavam, em algum nível, uma pretensa unidade paulista e uma decantada hegemonia de São Paulo que com o tempo passa a sofrer evidentes abalos e se enfraquecia no conjunto da federação. Neste sentido – de defesa da força de São Paulo – a imprensa local assumiu papel fundamental, como o *Jornal Correio Paulistano*, que, sob a forma de uma espécie de órgão oficial do PRP, atuava como um centro articulador da identidade paulista e agente privilegiado do culto ao passado e às glórias de São Paulo¹⁷⁰. Herói paulista dos campos de futebol, Friedenreich foi tomado como um elemento a mais nesse discurso. Se o paulista verdadeiro era branco, ou, no máximo, descendente do mameluco fruto do cruzamento entre brancos e ameríndios durante o período colonial¹⁷¹, o mulato disfarçado de branco conseguiu referendar seu nome como herói paulista e tornar-se inclusive capitão da seleção de São Paulo. A vitória paulista no futebol era, não raramente, transformada em simplesmente uma vitória paulista pela imprensa. Os futebolistas de São Paulo eram tratados como portadores das novas vitórias bandeirantes, como homens capazes de elevar o nome de São Paulo e, portanto, como modelos de verdadeiros paulistas.

Em 1922 o mulato Friedenreich ajudou a seleção paulista a vencer a partida que teria sido a final do primeiro campeonato brasileiro de futebol. Na realidade há controvérsia sobre a condição deste certame, pois para alguns esse já era o segundo campeonato nacional e para outros, esse torneio não era considerado ainda o campeonato brasileiro. O fato é que o *Correio Paulistano*, de 30/10, traz o seguinte:

¹⁷⁰ FERRETI, Danilo José Zioni. *A construção da Paulistanidade: identidade, historiografia e política em São Paulo (1856-1930)*, São Paulo, tese de doutoramento apresentada à FFLCH-USP, 2004, p.228 e 327-328.

¹⁷¹ É o que pretendiam alguns dos ideólogos da paulistanidade, como Alfredo Ellis Junior, que lançava, em 1926, *Raça de Gigantes*. ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Raça de Gigantes*. São Paulo, Hélios, 1926.

SPORT. Football. Os matches inter-estaduaes. A sensacional prova paulistas-cariocas – O que foi o grande embate – A pressão da assistência – A Victoria dos paulistas.

No campo de pugna outros incidentes significativos da velha rivalidade, não diremos mais esportiva, mas sim social, existente entre os dois grandes centros do paiz, foram notados, produzindo a mais justa revolta entre todos os espíritos sensatos e isentos do partidarismo exagerado (...) .agressão a Neco (...) .luta corporal da qual participaram Arthur (Friedenreich) e Chico Netto.

Como era usual, a final do campeonato foi disputada no Rio, e os paulistas, apesar da pressão sofrida pelo fato de serem visitantes, venceram a partida decisiva. A agressão da qual teria sido vítima o paulista Neco e o episódio da “luta corporal” que envolveu Fried e um atleta carioca revelam com nitidez o espírito que envolvia o confronto. Não se tratava mais apenas de um esporte de cavalheiros. Outras coisas também estavam em jogo: se o nome de São Paulo estava à prova, Friedenreich literalmente brigava por ele.

Ao se olhar para além do horizonte dos gramados, entende-se melhor essa exacerbação da rivalidade entre São Paulo e Rio, ao longo dos anos 20. De acordo com Marly da Silva Motta, a comemoração do centenário da Independência, também em 1922, catalisa as discussões a respeito do Brasil moderno e de suas perspectivas para o futuro. No bojo desses debates forja-se no meio intelectual um movimento de “desqualificação do Rio como cabeça da nação, e sua substituição por São Paulo como locus da produção de uma nova identidade nacional”¹⁷². São Paulo, terra de bandeirantes e imigrantes-bandeirantes, “a cidade que não pode parar”, “seria o modelo ideal para conduzir o país pelos trilhos do progresso – a sua locomotiva”. Já a capital federal, “por sua natureza privilegiada que induzia mais à contemplação que ao trabalho” era transformava em uma espécie de anti-nação. Nesse sentido, Fábio Franzini propõe que “os atritos do futebol podem ser vistos como parte, ou reflexo, dessa luta que se travava em outras esferas”¹⁷³.

A matéria da revista *Ilustração* de S. Paulo de nov/dez de 1923, celebrou a conquista do bi-campeonato brasileiro conquistado pelos paulistas (mas, considerado pela revista como sendo o primeiro a ser disputado):

¹⁷² MOTTA, Marly Silva. *A nação faz 100 anos. A Questão Nacional no Centenário da Independência*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1992, pp. 101-102.

¹⁷³ FRANZINI, op. cit., p. 8.

SPORT. Futebol. O Campeonato brasileiro e a lindíssima Victoria paulista.

Terminou o primeiro campeonato brasileiro de futebol como todos esperavam que terminasse: com a Victoria completa e esmagadora do quadro paulista (...) Chegado, afinal, o grande dia em que, segundo os cálculos da população carioca, seriam terrivelmente abatidos os campeões da Paulicêa (...) E assim, embalado por essa fagueira ilusão, todo o Rio se encaminhou para o estádio do Fluminense, enchendo-o literalmente. (...) São Paulo, porém, mesmo com elementos deslocados de suas habituaes posições e mesmo com o emprego de suas reservas, é sempre São Paulo, isto é, um núcleo intemerato de jogadores de escol, que nada desanima, nada enfraquece, nada diminue a capacidade formidável de energias que o distingue.

Se trocarmos a palavra “jogadores” por “homens”, podemos ter: “São Paulo (...) é sempre São Paulo, isto é, um núcleo intemerato de homens de escol, que nada desanima, nada enfraquece, nada diminue a capacidade formidável de energias que o distingue”. Em outras palavras: a seleção paulista é a representação legítima do homem paulista; são mesmo como bandeirantes devem ser.

Porém, a reportagem não cessa e continua neste mesmo tom, reforçando o discurso vencedor, regionalista e de oposição ao Rio de Janeiro:

Triumphantes os nossos, succedeu o que não podia deixar de acontecer: vieram as lamúrias da imprensa carioca, as eternas, esfarrapadas desculpas e os insultos e as diatribes contra S. Paulo, porque o Rio, embora soffra derrotas sobre derrotas, embora não lhe seja possível, em ocasião alguma, abater os futebolistas de nossa terra, nada existe que lhe tire a convicção de sua superioridade, comquanto essa superioridade se manifeste em campo de fórma absolutamente negativa. Deixemol-os que se lamentem, que se arrepelem, que esbravejem. Esqueçamos as injustiças, os desaforos e os insultos a São Paulo – cada um da o que lhe sobra – e prossigamos impávidos e desassombrados a nossa rota, que não pode ser mais bella nem mais promissora. Continuemos a aperfeiçoar os nossos campeões como até aqui temos feito, organizemos sempre os nossos conjunctos sem politicalhas e sem preferências desmerecidas, e os paulistas, no terreno esportivo, serão, futuramente, o que foram no passado e o que vêm sendo no presente: os mestres mais acatados, cujos conhecimentos technicos os emparelham com o que de melhor existe em qualquer paiz civilizado. Quanto aos cariocas, que

continuem como campeões de victorias moraes. Nesse terreno, sem duvida não há quem lhes leve a palma...

Não só os atletas da seleção de São Paulo defendiam os brios paulistas contra os jogadores do Rio. A imprensa local também assumia esse papel ao tomar como oposição, igualmente, a rival carioca. A defesa e a legitimação das vitórias paulistas obtidas pelos nossos “heróis do futebol” cabia, portanto, à imprensa de São Paulo.

As participações do artilheiro paulista no selecionado nacional, muitas vezes também foram usadas para reforçar a idéia da grandeza de São Paulo, conforme se verifica em uma reportagem de página inteira no *Correio Paulistano* de 30/05/1919. Por ocasião da conquista do primeiro título sul-americano de futebol pela seleção brasileira o jornal apresentou a seguinte matéria:

Football Campeonato Sul-americano.O match de desempate do importante torneio – Os brasileiros conquistam brilhante victoria sobre os campeões uruguaiois:

(...) o dia de hontem marca para o sport brasileiro um dos mais memoráveis triumphos do nosso football (..) conquistada com um esforço sobrehumano (...) Friedenreich, o admirável jogador brasileiro, com um poderoso shoot obteve o único ponto do dia...

O gol da vitória do primeiro título do futebol brasileiro foi anotado por Friedenreich, fato que lhe assegurou a condição de primeiro ídolo do futebol nacional. Como se lê no álbum comemorativo do Paulistano, ele era “*um verdadeiro brasileiro*”. Porém, a matéria do *Correio Paulistano* segue seu rumo próprio:

E, uma vez que nos referimos ao incomparável êxito do seleccionado nacional, é de justiça que salientemos ainda o papel preponderante que nelle desempenhou o elemento de nosso Estado. Aos footballers paulistas, que formaram em absoluta maioria no scrach brasileiro, cabem de modo especial as honras de memorável victória (...) Acresce ainda, para maior mérito dos valorosos campeões de São Paulo, a circumstancia de terem sabido manter nesses prélios a que foram chamados fóra de sua terra natal, o admirável espírito de despreendimento pessoal e desinteresse regional com que, invariavelmente, tomaram parte nas luctas, visando com seu esforço, sempre efficiente e inegualado, engrandecer o Brasil, alçando-o à sua presente situação de

inconfundível brilho nos meios sportivos internacionaes. Os paulistas revelaram-se mais uma vez dignos das suas gloriosas tradições.

O texto é tão claro que se torna desnecessária qualquer argumentação: é a cristalização completa do *Pro Brasília Fiant Eximia* e a reafirmação e glorificação das tradições paulistas.

A matéria prossegue, estabelecendo a clara identificação entre povo paulista e seus representantes no campo de futebol:

É difícil descrever o entusiasmo de que se tomou o povo paulista ante a disputa do sensacional match de desempate de hontem ... era extraordinária a massa popular reunida na Praça Antonio Prado, acompanhando com vivo interesse o desenrolar da pugna através das notícias transmittidas do Rio, pelo telephone. A emoção, que a todos dominava, gradualmente foi augmentando, a medida que se tornavam conhecidas as peripécias da lucta (...) Foi com essa intensidade que o povo paulista se identificou com os seus representantes no seleccionado brasileiro, assistindo-os mesmo de longe e acompanhando-os em espírito na acção brilhante que todos desenvolveram, com admirável esforço e inegalável valor, na defesa do renome sportivo do Brasil, levado hontem ao mais alto grau de destaque no continente sul-americano.

A magnitude do evento é revestida de até de certo carácter oficial e o papel de São Paulo como promotor privilegiado das vitórias brasileiras surge com grande nitidez:

O sr. Presidente do Estado comunicou aos directores da A. P. S. A.¹⁷⁴, em data de hontem, que o governo paulista offerece uma medalha de ouro a cada um dos jogadores brasileiros vencedores do campeonato sul-americano. (...)

Estatística dos goals do Campeonato sul-americano. Brasileiros – 12 goals pró e 3 goals contra. Uruguaio – 7 goals pró e 5 goals contra. Argentinos – 7 goals pró e 7 goals contra. Chilenos – 1 goal pró e 12 goals contra

Autores dos goals do campeonato sul-americano. Brasileiros: Friedenreich (paulista), 4. Neco (paulista), 4. Haroldo (paulista),

¹⁷⁴ Associação Paulista de Sports Athleticos; posteriormente Associação Paulista de Esportes Atléticos, ou Apea.

1Heitor (paulista), 1. Amílcar (paulista), 1. Milton (paulista), 1.
Total, 12 goals.

A estatística aparece como dado objetivo da ciência para reforçar a legitimidade da conquista de São Paulo. Como se vê, todos os gols marcados pelo Brasil foram feitos por paulistas e Friedenreich divide a artilharia com seu conterrâneo Neco. São Paulo – como aparentemente se pretendia comprovar – era quem realmente fazia as coisas acontecerem e que estava acima de tudo e de todos.

Fried de cabelos lisos, na seleção brasileira.

A atuação de Fried pelo clube Paulistano também revelava essa sobreposição da identificação de ser paulista e brasileiro. O clube na realidade sempre foi uma espécie de digno depositário das “nobres tradições paulistas”. Por ocasião da primeira excursão do futebol brasileiro à Europa, realizada pelo Paulistano em 1925 com enorme sucesso, conforme já foi salientado, seu presidente Antonio Prado recebeu carta assinada pelos “paulistas de Paris”: “Esses meninos, mais do que tudo, eram um pedaço de nós mesmos, um pedaço da pátria, um pedaço da cidade bandeirante”¹⁷⁵. Novamente surge a identificação entre “todos os paulistas” e uma equipe de futebol de São Paulo. O Paulistano era um pedaço “da cidade bandeirante” e seus atletas eram como bandeirantes que carregam o nome e a grandeza de São Paulo na Europa. Vale dizer, é em relação à Europa que se define o valor do Brasil.

Fried muitas vezes assumiu verdadeiramente essa faceta do herói paulista bandeirante, ultrapassando as fronteiras esportivas, como em 1932. Ao participar ativamente na Revolução Constitucionalista, doando seus troféus para a Campanha *Ouro para o Bem de São Paulo*, ao se alistar nas tropas de São Paulo e tomar parte nas batalhas,

¹⁷⁵ Trecho de uma das dezenas de cartas recebidas pelo Paulistano, em 1925. Não está datada mais especificamente. Acervo do Clube Atlético Paulistano.

ele definitivamente deixa de ser apenas o herói nos campos de futebol para ser cabalmente um herói paulista.

Geralmente as seleções estaduais tinham o pretexto de servirem como uma espécie de laboratório para a Confederação Brasileira convocar o selecionado nacional. Em outras palavras, o bom trabalho dos paulistas e a possível vitória de São Paulo estariam diretamente vinculados à forja de bases sólidas que assegurassem a grandeza do Brasil. Uma vez mais, *Pro Brazilia Fiant Eximia*, conforme se lê no brasão estadual – por sinal criado no mesmo ano que Friedenreich inicia sua carreira. Dessa forma, o ser paulista não se contrapunha ao ser brasileiro; ser paulista era uma forma de ser brasileiro, uma forma mais bem conhecida, privilegiada e vencedora de ser brasileiro. *O Estado de São Paulo* de 13 de agosto de 1922 traz o seguinte comentário, sobre a final do Campeonato Brasileiro de Futebol (entre paulistas e cariocas, que se realizaria naquele dia):

luta que por dever ser dura e ardua e brilhante nem por isso deixará de revestir um cunho de alta fraternidade, pois ambos os contendores tem um fim mais elevado que a victoria do dia e que é o jogarem o melhor possível, o dar o maximo dos seus esforços, para que os seus elementos formem o quadro nacional de futebol que breve ... enfrentarão os quadros das republicas platinas.

Se havia a noção do que era ser brasileiro e discutia-se nosso passado e a construção do futuro da nação, algumas diretrizes ao menos estavam estabelecidas para essa construção. E dentro desta lógica, bem provavelmente a centralidade no eixo Rio-São Paulo e as rivalidades com os argentinos foram mecanismos primordiais na estruturação de uma unidade mínima que ao menos possibilitassem vislumbrar o *outro* e a partir dele ensaiar alguma noção de identificação e de coesão. Já em 1912, *O Estado de São Paulo*, em 09/09, tratava uma partida amistosa entre brasileiros e argentinos, com a participação de Fried, como uma “brilhante batalha entre argentinos e brasileiros”. As palavras para o jogo e para a guerra muitas vezes são as mesmas. Tornou-se relativamente famoso o episódio em que Friedenreich abandonou o campo para salvar das chamas uma bandeira brasileira queimada por torcedores argentinos durante uma partida em Buenos Aires, 1921, quando o Paulistano venceu o River por 1 a 0, com gol de Fried. Um ato, indubitavelmente, mais do que suficiente para transformar qualquer brasileiro em “*um verdadeiro brasileiro*”.

Entretanto, os conflitos políticos que envolviam as ligas e federações paulista e carioca, nos quais não raramente Friedenreich se via diretamente envolvido, demonstravam o forte regionalismo e a ausência de um projeto unificado e de sentimento nacional esportivo mais consistente que pudesse vencer os localismos. Em 1930, por conta de um típico desentendimento entre os dirigentes paulistas e cariocas, Friedenreich e os demais jogadores paulistas, ficam de fora da seleção brasileira que ia à Copa do Mundo. Uma equipe formada unicamente por atletas cariocas foi enviada ao primeiro Campeonato Mundial de Futebol, no Uruguai. (O paulista Araken acabou embarcando com a delegação, furando o bloqueio). O *Correio Paulistano* só se referia à delegação brasileira como “a representação carioca no campeonato mundial de football”¹⁷⁶. A *Gazeta Esportiva* repetia o tratamento e se referia ao selecionado brasileiro por “turma da CBD” ou simplesmente “cariocas”¹⁷⁷. O depoimento a seguir é de um dirigente do Huracán, clube argentino que excursionava por São Paulo quando os “brasileiros-cariocas” foram eliminados daquela Copa do Mundo:

“Na tarde em que os brasileiros, pela fatalidade, perdiam de 2 a 1 dos iuguslavos, eu passava por uma rua onde tinha um jornal. Vivas e mais vivas eram entoados e eu disse: ‘Os brasileiros venceram’. Um rapaz próximo de mim disse então: ‘Não senhor, os cariocas perderam por 2 a 1’. E com espanto maior vi desfilar um funeral, onde os cânticos fúnebres e morras aos cariocas ecoaram! Fiquei bobo e pensei como nós, argentinos, tínhamos pena de ver os brasileiros, alijados do campeonato, gozarem seus irmãos! Pensei que não era o território brasileiro...”¹⁷⁸

A ausência de Arthur Friedenreich era também capaz de produzir grandes acontecimentos. O senso comum em São Paulo dizia que, se os melhores jogadores de São Paulo – ou ao menos seu maior craque – não estão na seleção brasileira, esta seleção não é verdadeiramente brasileira e não mereceria o respeito dos paulistas. Só restou ao povo de São Paulo, naquele momento, torcer contra o selecionado oficial formado pelos cariocas. Mil novecentos e trinta é o ano que marca a deposição dos paulistas do poder central da

¹⁷⁶ A expressão aparece pela primeira vez na edição do dia 02/07/30, à p. 7.

¹⁷⁷ Conforme traz a edição de 21/07/30, por exemplo.

¹⁷⁸ Depoimento de Felix INARRA, dirigente do Huracán, citado no 1º fascículo de “A história das Copas”. *Folha de São Paulo*, 15/05/94, p. 3.

nação; e o novo regime que se impõe, estabelece a centralização nacional a partir do Rio de Janeiro. São Paulo já há algum tempo via sua hegemonia ser combatida e a Revolução de 30, a derrocada política na República, vem acompanhada de uma espécie de prolegômeno esportivo: a derrota nos bastidores do futebol para os dirigentes do Rio de Janeiro por ocasião da Copa de 30. Mais uma vez, o futebol é capaz de contar, à sua maneira, a história.

3.3. Herói da elite e herói popular

Com a bola nos pés, a cor da pele, os sobrenomes e as boas maneiras pouco importavam nos campos de futebol de São Paulo, naqueles tempos. Se por um lado os times de futebol, cada qual, com seus quadros formados por grupos específicos de uma cidade socialmente fragmentada, representavam aquela sociedade de compartimentos sociais delimitados, cindida entre ricos e pobres, brancos e negros, patrões e operários, paulistas e italianos, por outro lado, no entanto, os campos de futebol, com o tempo, passaram a ser o espaço privilegiado da revogação dessas fronteiras. Era onde essa cidade, recortada como um quebra-cabeça, tinha suas peças de algum modo encaixadas e – mais do que isso – era onde pobres, negros, operários e imigrantes podiam não somente estar juntos, num mesmo espaço social, com os ricos, brancos e “paulistas de verdade”, como também era onde poderiam superá-los e alcançar de alguma maneira, a vitória, a concretização simbólica de tudo o que aquele mundo prometia. Porque o que realmente mais importava ali, nos campos de futebol, no fim das contas, era saber fazer.

Friedenreich sabia muito bem realizar esse fazer. Soube, como tantos, desconstruir aquela nova atividade esportiva e reconstruí-la¹⁷⁹, de um modo reconhecidamente mais eficiente, talentoso, brilhante, como poucos. Era uma figura contraditória como sua época dividida entre a modernização que construía o futuro e as heranças do passado. Ele era o mulato que jogava como se estivesse na várzea, mas não mostrava seus cabelos carapinha no clube da elite branca, o Paulistano. Era o pobre que tentava esconder sua ascendência negra, mas que fazia gols que causavam comoções em quem quer que seja e foi um dos

¹⁷⁹ No dizer de Joel dos Santos, “Friedenreich rasgou os manuais ingleses que ensinavam a jogar futebol”. SANTOS, Joel Rufino dos. *História Política do Futebol Brasileiro*. São Paulo, Brasiliense, 1981, pp.18-19. Ver também WISNIK, op. cit.

protagonistas do processo que elevou o futebol produzido pelo povo nos campos enlameados dos subúrbios da cidade à condição de uma espécie de mola propulsora possível para atingir melhores condições de vida, de um meio quase mágico de inclusão e ascensão nessa nova ordem, um rito de entrada no mundo moderno¹⁸⁰. Com seu futebol nascido nas várzeas, dribla a precariedade de sua cidadania e improvisa soluções, nos campos e na vida. E, inconscientemente talvez, ajudou decisivamente a fazer desse futebol um dos substratos da nacionalidade e parte fundamental do arcabouço da nação¹⁸¹.

O percurso de Friedenreich permite a visualização de uma série de práticas que constroem no cotidiano toda uma cultura e uma mentalidade próprias da vida urbana e moderna que instalava em São Paulo no início do século XX. Friedenreich muito provavelmente não tinha noção do quanto seus jogos, suas jogadas, seus gols e tudo aquilo o que fazia dentro e fora de campo serviria para formar um determinado *ethos* baseado em uma série de ambigüidades próprias daquele processo caótico de urbanização e na competitividade¹⁸² e ajudaria a cristalizar e afirmar o espírito fundado na idéia de vencer que dominaria São Paulo. Ir atrás da vitória é mote não somente da carreira de qualquer futebolista – e, em especial daqueles que se acostumam com ela, como Friedenreich – como também é o eixo que dinamiza a sociedade moderna competitiva – e, em São Paulo isso não é diferente.

Friedenreich se passava por algo que não era: branco – porquanto era mulato. Assim, consegue ascender e ser, em alguma medida, como seus colegas brancos e ricos do Paulistano. Obteve, ao ocultar parcialmente sua origem negra e atuar em equipes como o Paulistano, enorme reconhecimento, fama, tornou-se de fato *alguém* importante naquela sociedade. Porém, graças a seu talento, contribuiu, de alguma forma, para o processo de popularização do futebol, por mais que declarasse o contrário – afinal ele também compartilhava dos valores da elite da qual ele se sentia parte. Ainda assim, por mais que tentasse ser branco, ele era mulato e jogava como os mulatos e pobres da várzea e isso, de

¹⁸⁰ Em “No país do futebol”, Luiz Henrique de Toledo aponta o futebol amador da época já então como uma opção de ascensão social e postula que essa ética amadora funcionava como uma espécie de autodefesa de classe e distinção social, por parte da elite, perante essa possibilidade de ascensão dos segmentos populares. TOLEDO, *op. cit.*, p.54.

¹⁸¹ Boa parte da legitimação do papel desse futebol “genuinamente brasileiro” na conformação do discurso identitário nacional foi elaborada por Mário Filho em “O Negro no futebol brasileiro”: FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.

¹⁸² Luis Henrique de Toledo, em *No país do futebol*, relaciona o futebol a um “*ethos competitivo que se ambicionava generalizar*”. TOLEDO, *op. cit.*, p. 21.

alguma maneira, legitimou a presença de outros não-brancos e não-aristocratas naquele âmbito. O fenômeno de popularização do futebol pode ser visto também como tentativa de apropriação do moderno e de elementos de um mundo próprio da elite, por certas camadas populares urbanas. O futebol reafirma a idéia da possibilidade da ascensão social – ou, ao menos, da inclusão – substrato do esquema moderno e capitalista; e ao mesmo tempo se apresenta como componente importante da identidade urbana moderna em construção na cidade de São Paulo. Por outro lado, se o futebol estabelece uma certa igualdade de condições, alguns elementos, como o gorro usado por Fried para esconder sua negritude, são como sinais de que essa equidade não é de fato completa.

A modernidade brasileira apresenta um caráter singular sob certos aspectos. Entre eles, a permanência de uma série de elementos refratários próprios de uma realidade social pré-republicana, como a sociedade firmemente hierarquizada e o racismo absolutamente claro, e que Friedenreich tentou driblar – muitas vezes com sucesso – por toda sua vida. Em boa parte das fotos preservadas do tempo em que Fried era atleta, ele aparece de cabelos alisados ou usando um gorro, como aqui, nessa formação do Germânia.

Além de sua própria trajetória individual, a leitura da forma como Friedenreich negociava com sua identidade pode revelar uma boa medida das relações sociais e culturais daquele lugar histórico e o modo pelo qual suas identidades culturais interagiam. Os modelos que tratam das relações entre cultura dominante, ou escrita, e cultura subalterna, ou popular, conforme já apresentados anteriormente, podem servir de apoio teórico para um entendimento mais claro acerca dos modos de funcionamento da sociedade paulista, ou brasileira, das primeiras décadas do século XX, a partir das relações percebidas no mundo do futebol, ao se tomar como foco o caso de Friedenreich.

Fried surgiu para o futebol a partir da várzea, espaço popular e suburbano da prática do jogo sistematizado trazido da Inglaterra a princípio somente para os homens da elite local. Nascido como expressão popular atuante na zona cinzenta que separa lúdico e bélico, o futebol que Charles Muller nos trouxe é, no entanto, resultado de um movimento próprio do capitalismo, de enquadramento, normatização e padronização dos comportamentos e procedimentos sociais de um modo geral; é mais um índice da especialização das funções e

da quantificação dos resultados. É, enfim, um mecanismo do fenômeno dito civilizacional, um meio de educar para o mundo moderno¹⁸³. No entanto, conforme já dito, as populações marginais se (re)apropriaram daquela prática e a reeditaram dentro de seus parâmetros culturais. Fried é um dos primeiros, no Brasil, a jogar o futebol popular no universo da elite. Jogava como um mulato da várzea, com o ritmo das danças da cultura rural brasileira. Mas ele alisava o cabelo, jogava no aristocrático Paulistano, na seleção dos brancos contra a seleção dos negros; era capitão dos selecionados paulistas. Foi, literalmente, um soldado paulista, em 1932. Era um soldado paulista, e ser paulista era ser bandeirante, se dizia. Ora, ser bandeirante significa levar a civilização. Friedenreich, o homem-drible, um prelúdio do malandro, portador da civilização. Os modernistas chamavam isso de antropofagia: a deglutição do outro apenas nos alimenta. As contribuições externas apenas fortaleceriam as bases nacionais. Porém, de certa forma, aquele futebol nascido das várzeas era uma tentativa de ter um pouco daquilo que os ricos tinham, de ser um pouco daquilo que os ricos eram. Se por um lado houve a reafirmação de uma expressão mestiça, tradicional, do ser brasileiro, por outro estavam todos praticando aquele esporte vindo da Europa e buscando, na medida do possível, um lugar ao sol, naquele novo mundo que parecia ter donos. Pode-se dizer que o drible sintetiza as ambigüidades dessa contradição. É a liberdade praticável e individual; o subterfúgio real de quem sabe que o conflito direto significará a derrota; e a expressão de uma situação que, ao mesmo tempo permite a permanência de traços do passado e o estímulo a novas possibilidades que possam se encaixar naquela realidade; a negociação.

Pode-se argumentar que o percurso de Friedenreich, por conta da maneira ambivalente, em larga medida, como ele e os outros lidavam com sua identidade, se enquadra naquele espaço que Homi Bhabha chama de “entre-lugar”: os contextos intersticiais que constituem os campos identitários, subjetivos ou coletivos, nas relações e nos processos interculturais. As fronteiras entre o *eu* e o *outro*, porosas e impermeáveis, fazem com que o *eu* contenha o *outro* e o *outro* contenha o *eu*, conformando uma condição de hibridismo dentro dos processos de elaboração de significados nas relações intergrupais e intersubjetivas¹⁸⁴. Deste modo, Friedenreich joga luz sobre as conexões culturais entre, de

¹⁸³ FRANCO Jr., op. cit., p.25.

¹⁸⁴ BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 1998.

um lado, uma forma de identidade popular construída nas várzeas¹⁸⁵ e, de outro, um padrão forjado, civilizado e europeu. Uma fundada no improviso e no fazer cotidiano – aquela que diz respeito à *flexibilidade do tigre*; a outra, na sistematização dos manuais. De qualquer forma, Fried parece ser mais ambíguo do que preciso; mais flexível do que exatamente um paulista ou um brasileiro, mais indeterminado do que propriamente o mulato que surgiu das várzeas ou o branco do Paulistano.

A forma pela qual Friedenreich negociava sua identidade é também reveladora de uma série de valores que permeavam as mentalidades naquele momento e, portanto, de uma gama de aspectos capazes de caracterizar a identidade paulista naquele período. Elitismo e preconceito, cristalizados sob a forma de uma ética esportiva amadora, conformavam uma espécie de grade de proteção da aristocracia, contra a popularização e profissionalização do futebol e contra – o que não é difícil enxergar – a idéia de qualquer transformação ou possibilidade que destituísse essa classe dirigente de suas posições e privilégios. Por outro lado, Friedenreich driblava esses obstáculos e apontava para a existência de um movimento próprio de sociedades urbanas e burguesas identificado com a idéia de ascensão social e de um desejo – passível de realização – de ser como a elite, de compartilhar de seus valores e práticas, de vencer. Mas para isso ele teve que ser o herói sem nenhum caráter; ou melhor, o homem capaz de ser transformado no herói com todos os caracteres, no herói de um tempo e lugar que, por terem todos os caracteres, não têm nenhum e, de tal forma, buscava por seus heróis misteriosos.

Friedenreich carregava em si o que seu mundo lhe oferecia: entre outras coisas, uma antiga e vultosa herança cultural e a nova possibilidade de vencer. A cada semana, a cada partida, a cada gol, a cada vitória e a cada derrota, Fried construía a sua história e, ao dinamizar todas as representações, valores e idéias que congregava em si, nutria a possibilidade de transformar uma prática de poucos em uma prática de muitos e revelava também a história de seu tempo e lugar.

O jogo de Fried, o modo como ele negociava com tudo e com todos, inclusive consigo mesmo, a maneira como se pode tomá-lo como uma espécie de Macunaíma real,

¹⁸⁵ A *Gazeta Esportiva* de 08/01/1930 traz uma matéria em sua seção “*Nas Várzeas e nos Subúrbios – os que hoje são promessas e amanhã se tornarão campeões*” que identifica na várzea o início da carreira de Friedenreich, em um time chamado, coincidentemente, São Paulo Futebol Clube, conforme já citado anteriormente.

permitem sustentar a perspectiva de que Friedenreich de alguma forma é simbólico de um tempo novo, de um país que procura a si próprio e de um complexo processo social que então se engendrava em São Paulo naqueles frementes anos que ensinaram às pessoas a lição da vitória.

El Tigre do Brasil, *El Tigre* de São Paulo, *El Tigre* branco, *El Tigre* mulato, *El Tigre* negro, *El Tigre* popular, *El Tigre* aristocrático. Friedenreich nos mostra como um herói que foi apropriado como um dos mestiços simbólicos primordiais do ser brasileiro foi, anteriormente, usado como uma espécie de novo bandeirante pelo discurso da paulistanidade na fundação da metrópole, na reinvenção de São Paulo. Tal qual um enigma, que pode servir a qualquer um que ousar vencer o assombro e lograr desvendá-lo.

Considerações Finais

O jogo à brasileira

“Nunca fomos catequizados. Fizemos foi carnaval.”
(Oswald de Andrade, Manifesto Antropófago, 1928)

Não é nosso interesse estabelecer aqui conclusões derradeiras ou colocações definitivas acerca das questões levantadas nesta dissertação. Nosso objeto de estudo – ele mesmo intrincado e contraditório, por si só – não permitiria. O que podemos fazer é sugerir algumas possíveis direções de análise, a partir da pesquisa realizada a respeito de Friedenreich e da forma como sua trajetória constrói e se articula com a história de São Paulo e do Brasil. Fried não foi apenas mais um jogador de futebol. O modo pelo qual trilhou seu percurso como atleta e a memória construída a seu respeito o identificam diretamente com as supostas “raízes” do futebol brasileiro e muitas vezes o posicionam como um dos depositários primordiais daquilo que se chama de futebol-arte ou estilo brasileiro de jogar.

A próxima frase de Oswald de Andrade, na epígrafe que abre essa seção final e que remete ao Manifesto Antropófago, seria: “*O índio vestido de senador do Império*”. Certo, Fried não era um índio, era um mulato; e não era um senador do Império, era um atleta do Paulistano e da seleção nacional. Não obstante, a metáfora de Oswald revela nitidamente uma condição bastante semelhante à de Friedenreich: a de um brasileiro que não é branco se passar por “outro”, fingir ser algo que não é em função de uma necessidade real ou imaginária. Muito provavelmente essa ambivalência de Fried, aliada à forma estética como jogava e a seu reconhecido talento como jogador fez do atleta Friedenreich, o ídolo e o herói Friedenreich.

O carnaval, bem como o estilo brasileiro de jogar o futebol, é o resultado de um movimento de *negociação* e, em algum nível, de insubordinação àquela tentativa de “catequização”, de subversão da precária injunção de moldagens externas. O futebol, diferentemente do que aconteceu com a maior parte dos outros elementos modernos trazidos para esse país, mais do que simplesmente *negociado*, foi conspurcado, incorporado, recarnavalizado e repopularizado¹⁸⁶ no vórtice antropofágico do *improviso*, pelos pobres, negros e mestiços nas várzeas, no começo do século passado. Processado na conspícua dinâmica dessas cadeias sistêmicas, fundido ao repertório simbólico da cultura rural brasileira, foi transformado e reconstruído sob uma nova forma. Não seria mais

¹⁸⁶ A origem do futebol, na Europa, é popular. O esporte, ao chegar no Brasil, já havia passado por um processo de reelaboração e sistematização, dentro de uma lógica fundada na padronização e normatização do mundo, a partir do qual recebeu regras, ganhou mecanismos disciplinadores e tornou-se outro elemento de exportação do Império Britânico. FRANCO Jr., op. cit., pp. 18-26

absoluta e puramente moderno, portanto. Os brasileiros não passaram a deter a posse do esporte inglês; porém, mais do que isso, reformularam o jogo em campos de percepção populares e o traduziram espontaneamente em outra linguagem de tradição própria, assumindo mais tarde papel hegemônico no imaginário futebolístico internacional.

O duplo padrão comportamental obedecido pelos mestiços como Fried – de ser negro e ser branco – configura-se, pode-se dizer, em um vetor crucial desse modelo sócio-cultural brasileiro da *negociação*. Fried não era um negro e não era um branco. Mas podia parecer um negro e podia parecer um branco. A *negociação* não se dava apenas com o meio e com o “outro”, mas também consigo próprio, com sua própria identidade. E esse trocar de máscaras de acordo com as necessidades possivelmente acabou conformando a especificidade maior não apenas de Friedenreich, mas também talvez desse grupo híbrido que é a sociedade brasileira. Esse caráter ambíguo, de alguma forma, contribuiu para levar Fried às glórias da seleção brasileira, ao sucesso no Paulistano, à fama conquistada na Europa. Graças a essa ambivalência advinda da *negociação* e da sua capacidade diferenciada de colocar a bola nas redes – que provavelmente até tenha sido fruto desse seu caráter polissêmico e de uma riqueza técnica obtida talvez ainda em função desse intercâmbio cultural – pode-se apontá-lo como o melhor jogador “branco” de seu tempo e o melhor jogador “negro” de seu tempo.

Se a ética da *negociação* marcaria o cotidiano brasileiro e a identidade de seu povo, ela acabaria, então, por concorrer para a manutenção de uma sociedade fracionada e inconclusa. Friedenreich não foi o único mulato de nossa história a tentar se passar por branco. O índio do Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade não foi o único índio a se vestir de senador do Império. E esses mulatos, índios; mestiços e negros; só deixarão as camadas subalternas se abandonarem, em algum nível, sua condição de mulatos, índios, mestiços e negros e lograrem atravessar o abismo que divide o país e conseguirem se assentar do outro lado. Porque, se essa gente estigmatizada e marginalizada alcançou obter o estatuto de legítimos brasileiros, essa vitória raramente ultrapassa as fronteiras do discurso. As portas abertas dissimuladamente por Fried, todavia, indicam um dos caminhos possíveis para a conquista da cidadania plena, por parte dos setores populares mestiços e negros deste país.

A provisoriedade da identidade de Friedenreich e de boa parte dos brasileiros gestaria, dessa forma, a permanência do inacabado, a *negociação* consigo mesmo, com o meio e com o “outro” que nunca se completariam. Revelaria o *jeitinho* como forma vinculada à performance do povo e como idéia reguladora das práticas cotidianas de boa parte da sociedade. Ajudaria a determinar a malandragem como auto-imagem arquetípica nacional. No fim das contas, *negociação*, provavelmente, para o “eu” ao menos não ser passado para trás. Para não ser *rejeitado* e, quem sabe, ser *admitido*. *Negociação* para se ser *alguém*, chegar lá. Fried chegou. Mas, a despeito das lendas, levou na ponta da chuteira o futebol brasileiro dos meninos das ruas e do povo dos campos de barro de uma cidade que se reinventava e acreditava na vitória.

FONTES

1 – IMPRENSA

1.1 – Revistas

Gazeta Esportiva

Sports

Careta

1.2 – Jornais

A Gazeta

A Noite

A Platéia

Correio de São Paulo

Correio Paulistano

Folha da Manhã

Folha da Noite

Folha de São Paulo

Gazeta Esportiva

Jornal do Brasil

Jornal do Commercio

Mundo Desportivo

O Clarim da Alvorada

O Estado de São Paulo

O Globo

O Menelick

Rio-Jornal

São Paulo Sportivo

1.3 – Outras Publicações

Almanach Esportivo 1928, 1931 e 1933. Thomaz Mazzoni.

Album – Homenagem ao Glorioso Club Athletico Paulistano. São Paulo, 1925.

2 – ARQUIVOS

-Arquivo do Estado de São Paulo

-Arquivos dos clubes (Club Athletico Paulistano, Clube Atlético Ypiranga, Pinheiros – antigo Germânia, Mackenzie e São Paulo Futebol Clube; e da Federação Paulista de Futebol)

3 – CRONISTAS E MEMORIALISTAS PAULISTANOS

AMERICANO, Jorge. *A lição dos fatos*. São Paulo, Saraiva, 1924.

AMERICANO, Jorge. *São Paulo nesse tempo (1915-1935)*. São Paulo, Melhoramentos, 1962.

AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo, Saraiva, 1957.

ANDRADE, Oswald. *Um homem sem profissão – memória e confissões: 1890-1919*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

ANDRADE, Oswald. *Pau-Brasil*. São Paulo, Globo: Secretaria do Estado da Cultura, 1990.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

BUENO, Francisco de Assis Vieira. *A cidade de São Paulo*, São Paulo, Biblioteca da Academia Paulista de Letras, v.2, 1976.

CORACY, Vivaldo. *O Caso de São Paulo*. São Paulo, Ferraz, 1931.

COSTA, Cyro e GÓES, Eurico. *Sob a metralha, histórico da revolta em São Paulo, de 5 de julho de 1924*. São Paulo, Monteiro Lobato, 1924.

COUTO, Ribeiro. *O Espírito de São Paulo*. Rio de Janeiro, Schmidt, 1932.

DEL PICCHIA, Menotti. *A revolução paulista através de um testemunho do gabinete do governador*. São Paulo, s.c.e., 1932.

FLOREAL, Sylvio. *Atitudes*. São Paulo, Duprat, 1922.

FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite. Vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*. São Paulo, Typografia Cupolo, 1925.

FREITAS, Afonso de. *Tradições e reminiscências paulistanas*. São Paulo, Col. Reconquista do Brasil, Nova Série, Itatiaia, 1985.

- MACHADO, Alexandre Marcondes (Juó Bananere). *La Divina Incrência*. São Paulo, Editora 34, 2001.
- MACHADO, Antônio Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda*, São Paulo, IMESP/DAESP, 1982.
- MACHADO, Antônio Alcântara. *Laranja da China*. São Paulo, IMESP/DAESP, 1982.
- MOURA, Paulo Cursino. *São Paulo de outrora (evocações de metrópole)*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, Col. Reconquista do Brasil, 1980.
- PENTEADO, Jacob. *Belenzinho, 1910; retrato de uma época*. São Paulo, Martins, 1962.
- RAFFARD, Henrique. *Alguns dias na Paulicéia*. São Paulo, Biblioteca da Academia Paulistana de Letras, 1977.
- SESSO, Geraldo. *Retalhos da velha São Paulo*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1983.
- SILVA, Herculano de Carvalho e. *A Revolução Constitucionalista*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1932.
- TÁCITO, Hilário. *Madame Pommery*. São Paulo, Biblioteca da Academia Paulista de Letras, 1977.

4 – DEPOIMENTOS

Depoimento de Leônidas da Silva para o Arquivo da cidade do Rio de Janeiro.

5 – CARTAS

Carta de Aleardo Lagreca à diretoria do Clube Athletico Paulistano, de 13/05/1925.

Carta de “A Colombo” ao Clube Athletico Paulistano, de 11/05/1925.

BIBLIOGRAFIA

1. São Paulo

- ABUD, Kátia. *O sangue itimorato e as nobilíssimas tradições; a construção de um símbolo paulista, o bandeirante*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH-USP, 1985.
- AMARAL, Antonio Barreto do. *Dicionário de História de São Paulo*. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1980.
- ANDRADE, Mário de. *Obras Completas*. São Paulo, Martins, 1944.
- ANDREWS REID, George. *Negros e brancos em São Paulo*. Bauru, Edusc, 1991.
- ARROYO, Leonardo. *São Paulo Antigo – São Paulo Moderno*. São Paulo, Melhoramentos, 1953.
- BARROS, Edgar Luis. “Desenvolvimento e planejamento urbano em São Paulo durante a República Velha”. In: *Revista do Arquivo Municipal*, v. 195, São Paulo, 1982.
- BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. *Relações Raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo, Anhembi, 1955.
- BREFE, Ana Claudia Fonseca. *A cidade das memórias: São Paulo dos relatos memorialistas*. In: *História*, vol.15. São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- BRUNO, Ernani Silva. *História e Tradições da Cidade de São Paulo. Volume 3*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954.
- CALDEIRA, Nelson Mendes. *Aspectos da evolução urbana de São Paulo*. São Paulo, Depto Estadual de Estatística, 1939.
- CAMPOS, Cândido Malta. *Os rumos da Cidade; urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo, Senac, 2002.
- CANO, Wilson. *Base e superestrutura em São Paulo: 1886-1929*. In: *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*, LORENZO, Helena e COSTA, Wilma (orgs.), São Paulo, Unesp/fapesp, 1998.
- CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. Campinas, Unicamp, 1998.
- CARDIM, Mario. *Ensaio de analyse de factores econômicos e financeiros do Estado de São Paulo e do Brasil no período de 1913-1934 pelo methodo de números índices*. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Industria e Comercio, 1936.

- CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro de. *Ritmos e Impressões: Modernidade e Cosmopolitismo em São Paulo: 1899-1920*. Tese de Mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 2003.
- COHEN, Ilka Stern. “*Para onde vamos?*” *Alternativas políticas no Brasil 1932-1937*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH-USP, 1997.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo 1927-1934*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Raça de Gigantes*. São Paulo, Hélios, 1926.
- FERNANDES, Florestan. *Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo*. São Paulo, Anhembi, 1961.
- FERREIRA, A. Celso. *A epopéia bandeirante; letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo, UNESP, 2002.
- FERRETI, Danilo José Zioni. *A construção da Paulistanidade: identidade, historiografia e política em São Paulo (1856-1930)*, São Paulo, Tese de Doutorado apresentada à FFLCH-USP, 2004.
- FREITAS, Affonso A. de. *Tradições e reminiscências paulistanas*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1985.
- IOKOI, Zilda M. Grícoli. *Imagens de São Paulo: história e historiografia*. Rio de Janeiro, In: *Anais do Simpósio da Associação Nacional dos professores de História*.
- KHOURI, Yara Aun. *As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária*. São Paulo, PUC, 1978.
- LEME, Marisa Saenz. *Aspectos da Evolução Urbana de São Paulo na 1ª República*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH-USP, 1985.
- LOVE, Joseph. *A locomotiva – São Paulo na federação brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- MACHADO, Luis Toledo. *Antônio de Alcântara Machado e o modernismo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.

- MORAES, José Geraldo Vinci de. *As sonoridades Paulistanas: a música popular da cidade de São Paulo – final do século XIX ao início do século XX*. Rio de Janeiro, Funarte, 1995.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. *Cidade e Cultura Urbana na Primeira República*. São Paulo, Atual Editora, s/d.
- MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *O nacionalismo no pensamento político brasileiro da 1ª República*. Rio de Janeiro, CPDOC.
- PERRONE, Maria Lucia (org). *Evolução Urbana na Cidade de São Paulo. Estruturação de uma Cidade Industrial*. São Paulo, Eletropaulo, 1989.
- PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e Sobrevivência. A vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo (1890 – 1914)*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1994.
- PINTO, Zélio Alves (org.) *História e personagens. Cadernos paulistas*. São Paulo, Imprensa Oficial, Editora Senac, 2002.
- PORTA, Paula (org) *História da Cidade de São Paulo*, v. 3. São Paulo, Paz e Terra, 2004.
- PRADO, Paulo. *Paulística e retrato do Brasil*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1965.
- QUEIROZ, M. Isaura P. de. “Ufanismo paulista”. São Paulo, *Revista USP*, nº 13, 1998.
- RAIMUNDO, Silvia Lopes. *A invenção do mito bandeirante; tradição e pensamento regionalista na historiografia paulista das décadas de 1920-1930*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 2001.
- SALIBA, Elias T. Cultura Modernista em São Paulo, in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11.
- SALIBA, Elias T. *Juó Bananere e o humor ítalo caipira*. São Paulo, Cultura Vozes, 1992.
- SALIBA, Elias T. *Raízes do riso – a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo, Cia da Letras, 2002.
- SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano – São Paulo e pobreza (1890-1915)*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 1998.
- SEABRA, Odete Carvalho de Lima. *Urbanização de fragmentação. Cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. Tese de livre-docência em Geografia, Universidade de São Paulo, 2003.

- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole, São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20*. São Paulo, Cia das Letras, 1992.
- SILVEIRA, Joel. *Grã-finos em S. Paulo e outras notícias do Brasil*. São Paulo, Cruzeiro do Sul, 1946.
- TOLEDO, Benedito Lima. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo, Ed. Duas Cidades, 1983.
- VAMPRÉ, Octávio Augusto. *Raízes e evolução da rádio e da televisão*. São Paulo, FEPLAN, 1979.
- VARGAS, Maria Thereza. *Teatro operário na cidade de São Paulo*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1980.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. A brasilidade verde-amerela: nacionalismo e regionalismo paulista. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 1993.
- VILALVA, Mário. *Como se faz uma instituição: notícia histórica sobre o Centro Paulista (1907 – 1937)*. Rio de Janeiro, Revista dos Tribunais, 1937.

2. Brasil

- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e paz: Casa grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo, Editora 34, 1994.
- AZEVEDO, Célia Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco: O negro no imaginário das elites – século XIX*. São Paulo, Paz e Terra, s/d.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Huassman Tropical: a renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.
- BESSA, Virgínia de Almeida. *Um bocadinho de cada coisa: trajetória e obra de Pixinguinha. História e Música Popular no Brasil dos anos 20 e 30*. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH/USP, São Paulo, 2005.
- BETHEL, Leslie. (org.) *História da América Latina: de 1870 a 1930. Volume V. Parte IV. O Brasil*. São Paulo, Edusp, 2002.
- CARONE, Edgar. *O Pensamento Industrial no Brasil, 1880-1945*. São Paulo, Difel, 1971.

- CARONE, Edgar. *A República Velha – Instituições e classes sociais*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.
- CARONE, Edgar. *A Primeira República*. São Paulo, Difel, 1969.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 1990.
- EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro de meu tempo*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938.
- FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo, Difel, 1976.
- FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira – volume 8*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.
- FERNANDES, Florestan. *Mudanças Sociais no Brasil*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960.
- FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. São Paulo, Domínus Editora, 1965.
- FOOT-HARDMAN, Francisco. *Nem pátria nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1988.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
- IANNI, Octavio. *Raças e Classes Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- IANNI, Octavio. *A idéia de Brasil Moderno*. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- LOBATO, Monteiro. *A Onda Verde*. São Paulo, Monteiro Lobato Editora, 1921.
- LOBATO, Monteiro. *Literatura do Minarete. Obras completas*. São Paulo, Brasiliense, 1964.
- MORAES, Eduardo Jardim de. *A constituição da idéia de modernidade no modernismo brasileiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1983.
- MORAES, Eduardo J. de. *A brasilidade modernista. Sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro, Graal, 1978.

- MOTTA, Marly Silva. *A nação faz 100 anos. A Questão Nacional no Centenário da Independência*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1992.
- NEEDEL, Jeffrey D. *Belle Epoque Tropical*. São Paulo, Cia das Letras, 1993.
- REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil – de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- RICARDO, Cassiano. *Martim Cererê*. São Paulo, Saraiva, 1962.
- SADER, Eder. *Movimento Operário Brasileiro*. Belo Horizonte, Editora Vega, s/d.
- SCHWARCZ Lilia M. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e a Questão Racial no Brasil 1870 – 1930*. São Paulo, Cia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil 3*. São Paulo, Cia das Letras, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. *Transformações da Linguagem e Advento da Cultura Modernista no Brasil*, in *Estudos Históricos*, nº 11, *Os Anos 20*, janeiro-junho/1993.
- SEVCENKO, Nicolau. “Rio de Janeiro y San Pablo: desarrollo social y cultural comparativo, 1900-1930”. In: HARDOY, Jorge E. e MORSE, Richard (orgs.) *Nuevas perspectivas em los estudios sobre historia urbana latinoamericana*. Buenos Aires, Instituto Internacional de Medio Ambiente y Desarrollo, 1989.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- SEVCENKO, Nicolau. “O cosmopolitismo pacifista da Belle Époque: uma utopia liberal”. In: *Revista de História*, nº 114, USP, São Paulo, janeiro-junho, 1983.
- SEVCENKO, Nicolau. *Pindorama Revisitada – cultura e sociedade em tempos de virada*. São Paulo, Ed. Fundação Peirópolis, 2000.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Capitalismo e revolução burguesa no Brasil*. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1990.
- VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.
- WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo, Nacional, 1946.

3. Teórica

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*, Lisboa, Ed. Presença, 1980.
- ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo. Cartas a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1944.
- ANDRADE, Oswald de. “Manifesto Antropófago”. *Do Pau Brasil às Antropofagias e às Utopias*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo, Perspectiva, 1979.
- ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo, Hucitec/UnB, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1981.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.
- BRAUDEL, F. *História e Ciências Sociais. A longa duração*. In *Escritos sobre a História*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- BROUGERE, G. *Jogo e Educação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- BURKE, Peter. *Historia e Teoria Social*. São Paulo, UNESP, 2002.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo, Cia das Letras, 1989.
- CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.
- CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e Bordados: Escritos de História e Política*. Belo Horizonte, UFMG, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.
- CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. “Cultura popular: Retorno a un concepto historiografico”, In *Manuscripts* n. 12, Gener, 1994.

- CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/Bertrand Brasil, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. *Crítica e Ideologia*. In: *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo, Moderna, 1980.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- CHUDACOF, Howard P. *A Evolução da Sociedade Urbana*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- COSTA, Ângela M. e SCHWARCZ, Lília M. *1890 – 1914 – No Tempo das Certezas*. São Paulo, Cia das Letras, s/d.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel. *Imigração, urbanização, industrialização*. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1964.
- DOSSE, François. *La apuesta biográfica*. Publicacions de la Universitat de València, Valência, 2007.
- ELIAS, Norbert. *A Busca da Excitação*. Lisboa, Difel, 1992.
- FALCON, Francisco J. Calazans. *Utopia e Modernidade*. In: *História & Utopias*. Orgs: MONTEIRO, John Manuel e BLAJ, Ilana, ANPUH, 1996.
- FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo, Difel, 1977.
- FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína (orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FERRETTI, Danilo José Zioni. *A construção da paulistanidade: identidade, historiografia e política em São Paulo (1856 – 1930)*, São Paulo, tese de doutoramento apresentada a FFLCH-USP, 2004.
- FERRO, M. *A História Viglada*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- GIDDENS, Antony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo, Cia das Letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo, Cia das Letras, 1987.

- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GUARINELLO, Norberto Luiz, *Cotidiano, História e Mudança Social*, 2003.
- GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos – O estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, s/d.
- HAROUEL, Jean-Louis. *A História do Urbanismo*. Campinas, Papirus, 1990.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- HOBBSBAWN, Eric. *Mundos do Trabalho, Novos Estudos sobre História Operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo, Perspectiva, 1990.
- HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1992.
- KOETHE, Flávio. “O percurso do herói”, In: *Tempo Brasileiro (passagem da modernidade)*. nº 69, abr/jun. 1982.
- KOSSELECK, R. *Futures Past. On the Semantics of Historical Time*, Cambridge, Mass, MIT Press, 1985 (trad. ingl. do original alemão de 1979).
- LE GOFF, Jacques. “História”; “Memória” e “Documento / Monumento” In: *Enciclopédia Einaudi Memória-História*, Campinas, Editora da Universidade de Campinas, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *História e Nova História*. Lisboa, Editorial Teorema, 1986.
- LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa, Estampa, 1980.
- LIMA, Luiz Costa (org). *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- MARTIN-BARBERO. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

- MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do Homem Simples, Cotidiano e História na Modernidade Anômala*. Editora Hucitec.
- MARTINS, Wilson. *O Modernismo*. São Paulo, Cultrix, s/d.
- MCLUHAN, M. *Jogos: Extensões do Homem*, In *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo, Cultrix, 1974.
- MORAES, Eduardo J. de. *A brasilidade modernista. Sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- MORAES, Eduardo J. de. *A constituição da idéia de modernidade no modernismo brasileiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1983.
- MOUFFE, Chantal. “Por uma política da identidade nômade”. In: *Debate Feminista*. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1999.
- ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- PARK, Robert Ezra. *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In: VELHO, Otávio (org.) *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro*. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- RICOEUR, Paul. *Idéologie et Utopie*, Lisboa, 1991 (tradução portuguesa do original de 1986).
- SALIBA, Elias Thomé. *A Sombra do Imortal; reflexões sobre a Nação e a memória* IN *Anais do Museu Paulista*, v.4 jan./dez.1996.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo*. Petrópolis, Vozes. 1997.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Conflicto e armonia de las razas en America (Conclusiones)* In: *Ideas en torno de Latinoamerica*. México, UNAM, 1986.
- SCHWARZ, Roberto. “As Idéias fora do lugar” In: *Ao vencedor, as batatas*. São Paulo, Editora 34, 2000.

- SMITH, Anthony. “Conmemorando a los muertos, inspirando a los vivos. Mapas, recuerdos y moralejas em la recreación de las identidades nacionales”. In *Revista Mexicana de Sociologia*, vol. 60, número 1, 1998.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado – A História Oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. *A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista*. Rio de Janeiro, Estudos Históricos, 1993.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

4. Futebol

- AGOSTINO, G. *Vencer ou Morrer – futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro, Faperj/Mauad, 2002.
- ANJOS, José Luiz dos. *O tradicional e o moderno – faces da cultura popular no futebol brasileiro*. São Paulo, Tese de Doutorado, Ciências Sociais/PUC, 2003.
- ANTUNES, Fátima. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, 1992.
- ANTUNES, Fátima. *O futebol nas fábricas*. São Paulo, in *Dossiê Futebol*. São Paulo, Revista USP, junho/julho/agosto 1994.
- ANTUNES, Fátima. “Com brasileiro não há quem possa!” – *Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo, Editora Unesp, 2004.
- ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e futebol – o caso Palestra Itália*. São Paulo, IDESP/Sumaré, 2000.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Corpo e Alma de um clube centenário – 1900-2000*. São Paulo, DBA, 2000.
- BRUHNS, Heloisa Turini. *Futebol, carnaval e capoeira – entre as gingas do corpo brasileiro*. Campinas, Papirus, 2000.
- BUARQUE, Chico. “O moleque e a bola”, in Eduardo Coelho (org.), *Donos da bola*. Rio de Janeiro, Língua Geral, 2006.

- CALDAS, Waldenyr. *Aspectos Sociopolíticos do Futebol Brasileiro* in *Dossiê Futebol*. São Paulo, Revista USP, junho/julho/agosto 1994.
- CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial, Memória do Futebol Brasileiro*. São Paulo, Ibrasa, 1990.
- Club Athletico Paulistano – Um clube que cresceu com a cidade*. São Paulo, PROAL, 1970.
- CORRÊA, Floriano Peixoto. *Grandezas e misérias do nosso futebol*. Rio de Janeiro, Flores e Mano, 1933.
- COSTA, Alexandre. *O Tigre do Futebol – uma viagem nos tempos de Arthur Friedenreich*. São Paulo, DBA, 1999.
- COSTA, Francisco. “A Bola na Ponta da Caneta” in *Dossiê Futebol*. São Paulo, Revista USP, junho/julho/agosto 1994.
- COSTA, M. R. *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo, Musa, 1999.
- DAMATTA, Roberto. *Universo do Futebol – esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothèque, 1982.
- DAMATTA, Roberto. “Antropologia do Óbvio” in *Dossiê Futebol*. São Paulo, Revista USP, junho/julho/agosto 1994.
- DUARTE, Orlando e FILHO, Severino. *Fried versus Pelé*. São Paulo, Makron Books, 2000.
- FIGUEIREDO, Antônio. *História do football em São Paulo*. São Paulo, O Estado de São Paulo, 1918.
- FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- FRANCO, Hilário Júnior. *A dança dos deuses – futebol, sociedade, cultura*. São Paulo, Cia das Letras, 2007.
- FRANZINI, Fábio. *As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, 2000.
- GAY, Guy. *Dicionário do futebol*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1929.
- Germânia/Pinheiros: Nove Décadas*. São Paulo, Alameda, 1992.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo, Nova Alexandria, 2002.

- GONDIM, Nailson. *Corinthians – Paixão do Povo*. São Paulo, Global, 1976.
- GORDON Jr., César C. “História Social dos negros no futebol brasileiro”, *Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*, Rio de Janeiro, UERJ, Departamento Cultural/SR-3, n.2, 1995.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no Campo do Futebol - estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói, Edulf, 1998.
- HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses – futebol e cultura de massas no Brasil*. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.
- HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio J. e LUVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol – mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Editora Mauad, 2001.
- HELENA JR., Alberto. *Palmeiras: a eterna academia*. São Paulo, DBA, 2002.
- KLEIN, Marco Aurélio e AUDININO, Sergio Alfredo. *O Almanaque do Futebol Brasileiro*, São Paulo, Scala, 1996.
- LOPES, José Sergio Leite. *A Vitória do Futebol que Incorporou a Pelada* in *Dossiê Futebol*. São Paulo, Revista USP, junho/julho/agosto 1994.
- MÁXIMO, João e PORTO, Luiz Roberto. *A história ilustrada do futebol brasileiro*. São Paulo, Edibrás, V.1, 1968.
- MAZZONI, Thomaz. *Almanaque Esportivo*. São Paulo, 1928 a 1946.
- MAZZONI, Thomaz. *História do futebol brasileiro*. São Paulo, Leia, 1950.
- MAZZONI, Thomaz. *O Brasil no campeonato sul-americano de futebol*. CBD, s/d.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom e WITTER, José Sebastião. *Futebol e Cultura – Coletânea de Estudos*. São Paulo, IMESP/DAESP, 1982.
- MILLS, John. *Charles William Miller – 1894 * 1994 – Memoriam S.P.A.C.* São Paulo, Price Waterhouse, 1996.
- MILLS, John. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo, Editora Panda Books, 2005.
- MURAD, Maurício. *Futebol e Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro, UERJ, s/d.
- MURRAY, B. *Uma História do Futebol*. São Paulo, Hedra, 2000.

- NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e Rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo – 1910-1916*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, História/PUC, 1992.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *A nação entra em campo – futebol nos anos 30 e 40*. São Paulo, Tese de Doutorado, História/PUC, 1998.
- PATUSCA, Araken. *Reis do Futebol*. São Paulo, [S. n.], 1976.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania – Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
- PRADO, Décio de Almeida. “Décio de Almeida Prado: dois textos” in *Dossiê Futebol*. São Paulo, Revista USP, junho/julho/agosto 1994.
- PRONI, Marcelo W. e LUCENA, Ricardo de F. *Esporte – história e sociedade*. Campinas, Editora Autores Associados, 2002.
- RAMOS, Ricardo. *A Palavra É... Futebol*. São Paulo, Scipione, 1990.
- RAMOS, Ricardo. *Futebol – Ideologia do poder*. Rio de Janeiro, Vozes, 1984.
- RIBEIRO, Rubens. *O Caminho da Bola – 50 anos Paulistão – 1902 – 1952*. São Paulo, FPF, 2000.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- SANT’ANNA, Leopoldo. *O Foot-Ball em São Paulo – Notas Crítico-Biográficas*. São Paulo, Piratininga, 1918.
- SANT’ANNA, Leopoldo. *Veteranos e Campeões*. São Paulo, Tip. Idar, 1924.
- SANT’ANNA, Leopoldo. *Supremacia e Decadência do Futebol Paulista*. São Paulo, Instituto D’anna Rosa, 1925.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História Política do Futebol Brasileiro*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- SANTOS, Jorge Artur dos. *Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947)*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 2000.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo – primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.
- SCLIAR, Salomão e CATTANI, Marco Aurélio de Oliveira R. *A História Ilustrada do Futebol Brasileiro*, quatro volumes, São Paulo, Edobras, 1968.

- SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desatinos” in *Dossiê Futebol*. São Paulo, Revista USP, junho/julho/agosto 1994.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol – O Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte, UFMG, 2006.
- SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Futebol, malandragem e identidade*. Vitória, SPDC/UFES, 1994.
- SOUZA, Jair de; RITO, Lucia e LEITÃO, Sérgio Sá. *Futebol – arte, cultura e o jeito brasileiro de jogar*. Empresa das Artes, 1998.
- STORTI, Valmir e FONTEELLE, André. *A História do Campeonato Paulista*, São Paulo, Publifolha, 1997.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do futebol*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*. São Paulo, Tese de Doutorado do Departamento de Antropologia da FFLCH/USP, 2000.
- TUBINO, Manoel José Gomes. *O esporte no Brasil: do período colonial aos nossos dias*. São Paulo, Ibrasa, 1996.
- VICENTINI, Walter Scott. *O primeiro chute*. São Paulo, Studio Art Indústria Gráfica, s/d.
- VICENTINI, Walter Scott. *O segundo chute*. São Paulo, Studio Art Indústria Gráfica, 2005.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio. O Futebol e o Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 2008.

ANEXO

Partidas disputadas e gols marcados por Arthur Friedenreich entre 1909 e 1935, de acordo com levantamento realizado por Alexandre Costa e apresentado em *O Tigre do Futebol*, 1999:

1909

GERMÂNIA

? The London (15/8) - não há informação sobre o jogo

1910

YPIRANGA

5 x 1 São Paulo (10/4) - não há informação sobre os marcadores

0 x 4 Americano (19/6)

1911

GERMÂNIA

1 x 2 Ipiranga (13/5) - 1 gol de Fried

1 x 2 São Paulo Athletic (21/5)

1 x 4 Ypiranga (25/6) - 1 gol de Fried

0 x 3 Paulistano (2/7)

4 x 3 Palmeiras (16/7) - 2 gols de Fried

1 x 3 Botafogo (6/8) - não há informação sobre os marcadores

2 x 7 Americano (27/8)

1 x 3 Americano (8/9)

3 x 2 Paulistano (1/10) - não há informação sobre os marcadores

3 x 1 Paulistano (15/10) - não há informação sobre os marcadores

0 x 2 São Paulo Athletic (22/10)

2 x 1 Americano (29/10) - não há informação sobre os marcadores

? Americano (19/11) - não há informação sobre o jogo

Total de gols: 4

1912

MACKENZIE

2 x 3 Americano (20/4)

8 x 2 Ypiranga (3/5) - 4 gols de Fried

4 x 0 Internacional (13/5) - 2 gols de Fried

0 x 3 Americano (24/6)

0 x 2 Paulistano (29/6)
6 x 2 São Paulo Athletic - 2 gols de Fried
1 x 2 Germânia (20/7)
2 x 2 Germânia (15/8) - 1 gol de Fried
5 x 0 São Paulo Athletic (24/8) - 3 gols de Fried
4 x 3 Ypiranga (7/9) - 2 gols de Fried
3 x 3 Americano (12/10) - 1 gol de Fried

SELEÇÃO BRASILEIRA

7 x 0 Seleção paulista (7/7) - 2 gols de Fried

COMBINADO PAULISTA

4 x 3 Combinado argentino (4/9)
1 x 2 Combinado chileno (27/9)

COMBINADO BRASILEIRO

3 x 6 Combinado argentino - 1 gol de Fried
1 x 2 Combinado estrangeiro - não há informação sobre os marcadores

Total de gols: 18

1913

YPIRANGA

4 x 1 Internacional (6/4) - 3 gols de Fried
4 x 2 Germânia (18/5) - 2 gols de Fried
1 x 1 Corinthians (8/6)
0 x 2 Americano (6/7)
1 x 2 Germânia (21/9)
0 x 0 Corinthians (5/10)
0 x 0 Americano (12/10)
1 x 3 Paulistano (23/11)

AMERICANO

2 x 0 Combinado de Buenos Aires (10/8) - 1ª excursão de equipe brasileira
1 x 2 Combinado de Montevideú (15/8)
0 x 2 Combinado argentino (17/8)
0 x 2 Combinado uruguaio (24/8)
2 x 4 Combinado uruguaio (26/8)

COMBINADO BRASILEIRO

5 x 1 Combinado estrangeiro (4/5) - 1 gol de Fried
0 x 1 Chile (25/9)

SELEÇÃO PAULISTA

1 x 3 Chile (27/9)

PAULISTA

2 x 1 Penha (25/12) - não há informação sobre os marcadores

Total de gols: 6

1914

PAULISTA

0 x 3 Penha (6/1)

0 x 2 Mogi (11/1)

ATLAS

2 x 0 Amparo (25/1) - 1 gol de Fried

YPIRANGA

3 x 1 Scottish (5/4)

2 x 2 Mackenzie (21/4) - 1 gol de Fried

2 x 3 Paulistano (26/4) - 2 gols de Fried

1 x 1 Palmeiras (11/6) - 1 gol de Fried

2 x 2 São Bento (7/6)

0 x 2 Mackenzie (14/7)

2 x 0 Paulistano (19/7) - 2 gols de Fried

3 x 1 América (6/9) - 3 gols de Fried

2 x 1 São Bento (13/9) - 2 gols de Fried

5 x 0 Palmeiras (11/10) - 3 gols de Fried

1 x 3 Scottish (25/10) - 1 gol de Fried

2 x 1 Paulistano (20/12) - 1 gol de Fried, que perdeu um pênalti

SELEÇÃO PAULISTA

4 x 2 Combinado brasileiro (24/6) - 1 gol de Fried

1 x 1 Rio de Janeiro (28/6)

1 x 2 Contra-Scratch (16/7) - 1 gol de Fried

4 x 2 Rio de Janeiro (30/8)

2 x 1 Pró-Vercelli (13/8) - 1 gol de Fried

COMBINADO YPIRANGA/PAULISTANO

3 x 2 Combinado São Bento/Mackenzie (15/11) - 2 gols de Fried

COMBINADO SÃO BENTO/IPIRANGA

2 x 2 Pró-Vercelli - 2 gols de Fried

SELEÇÃO BRASILEIRA

2 x 0 Exeter City (21/7)

0 x 3 Argentina (20/9)

3 x 1 Columbia (24/9) - 1 gol de Fried

1 x 0 Argentina (27/9)

Total de gols: 25

1915

SELEÇÃO PAULISTA

? Liga infantil (20/9) - não há informação sobre o jogo

8 x 0 Rio de Janeiro (7/11) - 2 gols de Fried

YPIRANGA

1 x 1 Mackenzie (21/4)

1 x 4 Palmeiras (9/5) - 1 gol de Fried

0 x 2 Paulistano (20/6)

1 x 2 Wanderes (18/7) - 1 gol de Fried

2 x 0 Internacional (20/7) - 1 gol de Fried

2 x 3 Palmeiras (1/8) - 1 gol de Fried

0 x 1 Mackenzie (7/9)

0 x 6 Paulistano (8/9)

3 x 0 Paulistano (12/9) - 2 gols de Fried

2 x 1 São Bento (19/9)

3 x 0 Wanderes - 1 gol de Fried

3 x 1 Brasil (12/10)

PAYSANDU

4 x 1 Brasil, de Santos (5/12) - não há informação sobre os marcadores

1 x 1 Guarani (12/12) - não há informação sobre os marcadores

5 x 1 Americano (25/12) - não há informação sobre os marcadores

Total de gols: 9

1916

PAYSANDU

1 x 2 Corinthians (30/1) - 1 gol de Fried

? Minas Gerais (13/2) - não há informação sobre o jogo

? Paulista (20/2) - não há informação sobre o jogo

3 x 1 Germânia (12/3) - não há informação sobre os marcadores

? Ítalo (2/4) - não há informação sobre o jogo

4 x 0 Brasil (3/5) - 3 gols de Fried, que perdeu um pênalti

SELEÇÃO PAULISTA

5 x 0 Rio de Janeiro (13/8) - 3 gols de Fried

3 x 1 Rio de Janeiro (24/9)

PAULISTANO

2 x 1 Palmeiras (14/10)

3 x 2 Scratch (17/12)

SELEÇÃO BRASILEIRA

1 x 1 Chile (8/7)

1 x 1 Argentina (10/7)

1 x 2 Uruguai (12/7) - 1 gol de Fried

1 x 0 Uruguai (18/7)

Total de gols: 8

1917

YPIRANGA

2 x 1 Palmeiras (21/4) - 2 gols de Fried

3 x 1 São Bento (3/5) - 1 gol de Fried

7 x 2 Mackenzie (13/5) - 3 gols de Fried

4 x 2 Santos (20/5) - 4 gols de Fried

6 x 0 Internacional (17/6) - 3 gols de Fried

1 x 2 Palestra (29/6) - 1 gol de Fried

FLAMENGO

1 x 1 Barracas, da Argentina (11/05)

PAULISTANO

2 x 1 Dublin (12/1) - 1 gol de Fried

2 x 3 Palestra (18/3) - não há informação sobre os marcadores

1 x 4 Comercial (25/3)

3 x 5 Seleção paulista (15/8) - não há informação sobre os marcadores

3 x 1 Corinthians (19/8) - não há informação sobre os marcadores

0 x 2 Combinado Palmeiras/Corinthians (12/10)

SELEÇÃO PAULISTA

1 x 5 Dublin (14/1) - 1 gol de Fried

1 x 0 Rio de Janeiro (25/6)

7 x 0 Palestra (15/11) - 2 gols de Fried

9 x 1 Rio de Janeiro (25/12) - 5 gols de Fried

SELEÇÃO BRASILEIRA

1 x 1 Barracas, da Argentina (6/5) - 1 gol de Fried

Total de gols: 24

1918

PAULISTANO

14 x 1 Minas Gerais (28/3) - 5 gols de Fried
7 x 3 Santos (20/4) - 2 gols de Fried
4 x 2 São Bento (28/4) - 1 gol de Fried
4 x 1 Internacional (13/5) - 3 gols de Fried
7 x 1 Ypiranga (27/5) - 2 gols de Fried
7 x 0 Mackenzie (16/6) - 2 gols de Fried
1 x 3 Fluminense (11/6)
3 x 1 Palestra (30/6) - 2 gols de Fried
2 x 1 Palmeiras (18/8) - 2 gols de Fried
1 x 2 Corinthians (8/9)
0 x 1 Santos (15/9)
11 x 0 Minas Gerais (29/9) - 3 gols de Fried
5 x 0 Internacional (15/12)
1 x 0 Corinthians (22/12) - 1 gol de Fried
3 x 0 Minas Gerais (29/12) - 2 gols de Fried

SELEÇÃO PAULISTA

1 x 0 Dublin (3/2)
4 x 2 Rio de Janeiro - 2 gols de Fried
1 x 2 Rio de Janeiro (9/7)
2 x 3 Rio de Janeiro (4/8) - 1 gol de Fried
5 x 0 Rio de Janeiro (12/8) - 3 gols de Fried
8 x 1 Rio de Janeiro (1/9) - 3 gols de Fried
7 x 3 Contra-Scratch (8/10) - 4 gols de Fried
5 x 0 Rio de Janeiro (12/10) - 1 gol de Fried

SELEÇÃO BRASILEIRA

0 x 1 Dublin (27/1)

Total de gols: 39

1919

PAULISTANO

0 x 1 Ypiranga (5/1)
6 x 1 São Bento (12/1) - 4 gols de Fried
7 x 0 Palmeiras (19/1) - 4 gols de Fried
1 x 0 Flamengo (?/5)
1 x 1 Palestra (22/6) - 1 gol de Fried
5 x 1 Palmeiras (29/6) - 2 gols de Fried
3 x 1 Santos (13/7)
1 x 3 Ypiranga (20/7) - 1 gol de Fried, que perdeu um pênalti
3 x 3 Corinthians (3/8) - 2 gols de Fried
0 x 2 São Bento (10/8)

5 x 0 Taubaté (17/8)
5 x 0 Internacional (1/9) - 2 gols de Fried
4 x 0 Mackenzie (8/9) - 2 gols de Fried
5 x 1 Minas Gerais (14/9) - 1 gol de Fried
2 x 0 Santos (28/9) - 1 gol de Fried, que perdeu um pênalti
7 x 3 Internacional (12/10) - 3 gols de Fried
5 x 2 Ypiranga (19/10) - briga entre os atletas; Fried é retirado do campo
2 x 1 Palestra (16/11) - 1 gol de Fried
7 x 0 Palmeiras (30/11) - 2 gols de Fried
2 x 0 São Bento (7/12) - briga envolvendo Fried e atletas do São Bento
4 x 1 Corinthians (20/12) - 2 gols de Fried

SELEÇÃO PAULISTA

3 x 1 Rio de Janeiro (15/6) - 2 gols de Fried

SELEÇÃO BRASILEIRA

6 x 0 Chile (11/5) - 3 gols de Fried
3 x 1 Argentina (18/5)
2 x 2 Uruguai (25/5)
1 x 0 Uruguai (29/5) - 1 gol de Fried

Total de gols: 34

1920

SELEÇÃO PAULISTA

7 x 1 Rio de Janeiro (6/6) - 3 gols de Fried

COMBINADO TUTU/MIRANDA

3 x 3 Santo Amaro (7/3) - 1 gol de Fried

PAULISTANO

7 x 3 Brasil (RS) (25/3) - 3 gols de Fried
4 x 1 Fluminense (28/3) - 1 gol de Fried
5 x 2 Santos (21/4) - 3 gols de Fried
3 x 3 Minas Gerais (2/5) - 3 gols de Fried
12 x 0 Palmeiras (16/5) - 5 gols de Fried
Quando treinava pela seleção brasileira, Fried se contundiu e ficou afastado do futebol para se tratar cerca de dois meses.
7 x 2 Internacional (1/8)
5 x 0 Mackenzie (8/8) - 2 gols de Fried
1 x 1 Palestra (15/8)
1 x 2 São Bento (22/8) - 1 gol de Fried
6 x 0 Palmeiras (29/8) - 2 gols de Fried
5 x 0 Paraná (7/9) - 3 gols de Fried
2 x 0 Internacional (12/9)

3 x 1 São Bento (1/10) - 1 gol de Fried, que perdeu um pênalti
5 x 4 Paulista (10/10) - 4 gols de Fried
3 x 1 Minas Gerais (7/11) - 2 gols de Fried
1 x 3 Corinthians (14/11) - 1 gol de Fried
3 x 0 Mackenzie (21/11) - 2 gols de Fried
5 x 1 Ypiranga (5/12) - 3 gols de Fried
1 x 0 Palestra (12/12) - 1 gol de Fried
1 x 2 Palestra (19/12)

Total de gols: 41

1921

PAULISTANO

4 x 1 Palestra (1/5) - 1 gol de Fried
9 x 1 Internacional (15/4) - 3 gols de Fried
7 x 0 Sírio (29/5) - 3 gols de Fried
5 x 0 Portuguesa/Mack - 5 gols de Fried
5 x 0 Germânia (12/6) - 1 gol de Fried
4 x 1 Palmeiras (3/7) - 2 gols de Fried
6 x 0 São Bento (17/7) - 3 gols de Fried
5 x 0 Minas Gerais (24/7)
0 x 0 Corinthians (7/8)
0 x 0 Palestra (21/8)
12 x 1 Ypiranga (28/8) - 4 gols de Fried
7 x 0 Santos (3/9) - Fried destroncou o braço
2 x 1 Minas Gerais (17/9) - 1 gol de Fried
4 x 0 Santos (25/9) - 2 gols de Fried
3 x 2 Ypiranga (9/10) - 2 gols de Fried
6 x 0 São Bento (16/10) - 3 gols de Fried
2 x 0 Portuguesa/Mack (30/10)
1 x 0 Palestra (6/11)
5 x 0 Germânia (15/11) - 3 gols de Fried
0 x 2 Corinthians (29/11)
4 x 3 Palmeiras (11/12) - 1 gol de Fried
3 x 2 Sírio (24/12) - 1 gol de Fried

COMBINADO BELA VISTA/CONSOLAÇÃO

2 x 2 Bom Retiro (24/3) - 1 gol de Fried

Total de gols: 36

1922

SELEÇÃO PAULISTA

13 x 0 Minas Gerais (18/7) - 3 gols de Fried
4 x 2 Rio Grande Sul (2/8) - 2 gols de Fried
3 x 0 Bahia (6/8) - 1 gol de Fried
4 x 1 Rio de Janeiro (13/8) - 2 gols de Fried
2 x 1 Rio de Janeiro (27/8) - 1 gol de Fried

PAULISTANO

5 x 0 Rio Claro (9/4)
2 x 2 Corinthians, de Jundiaí (17/4) - 2 gols de Fried
6 x 3 Paulista (21/4) - 1 gol de Fried
2 x 0 Portuguesa (30/4)
3 x 1 Sírio (4/6) - 2 gols de Fried
6 x 2 Santos (11/6) - 5 gols de Fried
4 x 0 Internacional (18/6) - 1 gol de Fried
2 x 3 Germânia (25/6)
2 x 3 Corinthians (2/7)
6 x 0 Palestra (15/8) - 3 gols de Fried
4 x 1 Argentina (28/10)
2 x 0 Uberaba (2/11)
3 x 2 Ypiranga (6/11) - 1 gol de Fried
5 x 0 Minas Gerais (12/11)
2 x 2 Palmeiras (19/11)
0 x 3 São Bento (3/12)
3 x 2 Palestra (10/12) - 1 gol de Fried
2 x 4 Ypiranga (17/12) - 1 gol de Fried
4 x 1 Palmeiras (25/12)
5 x 3 Minas Gerais (31/12) - 3 gols de Fried

SELEÇÃO BRASILEIRA

1 x 1 Chile (17/9)
0 x 0 Uruguai (1/10)

Total de gols: 29

1923

SELEÇÃO PAULISTA

4 x 1 Rio Grande Sul (23/8)
5 x 1 Paraná (7/9) - 2 gols de Fried
4 x 0 Rio de Janeiro (28/10)

PAULISTANO

3 x 3 Sírio (14/1) - 2 gols de Fried
5 x 1 Palestra (20/1) - 1 gol de Fried
0 x 2 Corinthians (4/2)
3 x 0 Sírio (22/4) - 1 gol de Fried

5 x 2 Primeiro de Maio (1/5) - 2 gols de Fried, que perdeu um pênalti
 3 x 0 São Bento (6/5) - 1 gol de Fried
 3 x 3 Minas Gerais (13/5) - 1 gol de Fried
 4 x 1 Portuguesa (26/5) - 3 gols de Fried
 2 x 0 Santos (10/6)
 6 x 0 Internacional (17/6) - 2 gols de Fried
 3 x 3 Palestra (24/6)
 1 x 0 Ypiranga (1/7)
 0 x 1 Guarani (15/7)
 1 x 0 Santos (19/8) - 1 gol de Fried
 0 x 3 Flamengo (7/9)
 1 x 2 Flamengo (12/10) - 1 gol de Fried
 4 x 2 Universal, do Uruguai (11/11) - 2 gols de Fried

COMBINADO PAULISTANO/PALESTRA

3 x 3 Universal, do Uruguai (18/11) - 2 gols de Fried

COMBINADO PAULISTANO/FLAMENGO

0 x 3 Universal, do Uruguai(2/12)

Total de gols: 21

1924

PAULISTANO

0 x 3 Palestra (23/3)
 3 x 0 Porto Ferreira (6/4) - 1 gol de Fried
 3 x 1 Palestra (21/4) - 2 gols de Fried
 1 x 1 Santos (3/5) - perdeu um pênalti
 3 x 2 São Bento (11/5) - 1 gol de Fried
 3 x 1 Brás Atlético - 2 gols de Fried
 3 x 0 Corinthians (29/5) - 1 gol de Fried
 2 x 2 Sírio (1/6) - 1 gol de Fried
 2 x 0 Internacional (15/6) - 1 gol de Fried
 0 x 1 Guarani (15/7)
 7 x 1 Palmeiras (10/8) - 3 gols de Fried
 1 x 0 Corinthians (17/8) - 1 gol de Fried
 1 x 2 Ypiranga (31/8) - 1 gol de Fried
 2 x 1 Guarani (17/9)
 2 x 3 Palmeiras (21/9) - 2 gols de Fried
 4 x 4 Savóia (28/9) - 1 gol de Fried
 3 x 0 Germânia (5/10) - 2 gols de Fried
 5 x 0 Ypiranga (19/10) - 2 gols de Fried
 1 x 0 Sírio (26/10) - 1 gol de Fried
 2 x 4 Flamengo (15/11) - 2 gols de Fried
 2 x 0 Brás Atlético - 1 gol de Fried

0 x 1 Santos (30/11)
0 x 0 São Bento (14/12)
4 x 1 Portuguesa (28/12) - 1 gol de Fried

Total de gols: 26

1925

PAULISTANO

0 x 1 Corinthians (11/1)
7 x 2 França (15/3) - 3 gols de Fried
3 x 1 Stade Français (26/3)
0 x 1 Sette (29/3)
4 x 0 Bordeaux (1/4) - 3 gols de Fried
2 x 1 Havre (3/4) - 1 gol de Fried
2 x 1 Estrasburgo (10/4) - 1 gol de Fried
2 x 0 Auto Tour (11/4)
1 x 0 Suíça (13/4)
3 x 2 Normandia (19/4) - 1 gol de Fried
6 x 0 Portugal (28/4) - 2 gols de Fried
3 x 2 Germânia (24/5) - 2 gols de Fried
1 x 0 Sírío (30/5)
2 x 1 Auto (7/6)
1 x 1 Santos (21/6)
2 x 4 Palestra (28/6)
1 x 0 Fluminense (14/7)
4 x 0 Portuguesa (4/10) - 2 gols de Fried
3 x 0 Porto Ferreira (11/10) - 1 gol de Fried
3 x 1 Internacional (18/10) - 1 gol de Fried
3 x 0 Ypiranga (25/10)
1 x 0 Corinthians (1/11)
0 x 1 São Bento (8/11)

SELEÇÃO PAULISTA

4 x 0 Rio Grande do Sul (2/8) - 1 gol de Fried
3 x 1 Seleção Santista (30/8) - 2 gols de Fried

SELEÇÃO BRASILEIRA

5 x 2 Paraguai (6/12) - 1 gol de Fried
1 x 4 Argentina (13/12)
3 x 1 Paraguai (17/12)
2 x 2 Argentina (25/12) - 1 gol de Fried

Total de gols: 22

1926

PAULISTANO

1 x 0 Paulista (21/3)
6 x 0 Independência (18/4) - 2 gols de Fried, que perdeu um pênalti
7 x 1 Paulista (25/4) - 3 gols de Fried
7 x 0 Germânia (3/5) - 2 gols de Fried
4 x 1 Antarctica (16/5) - 1 gol de Fried
3 x 2 Carioba (23/5)
5 x 1 Atlético (30/5)
9 x 2 Britânia (6/6) - 2 gols de Fried
3 x 2 Palmeiras (27/6)
4 x 0 Amparo (29/6) - 1 gol de Fried
1 x 0 Antarctica (18/7)
0 x 0 Porto Ferreira (25/7)
2 x 0 Santista (1/8)
4 x 2 Liga Amadora de Futebol (LAF)- 1 gol de Fried
6 x 1 Hepacaré (22/8) - 1 gol de Fried
2 x 2 Independência (5/9) - 1 gol de Fried
1 x 0 Paulista (7/9)
2 x 2 Germânia (12/9)
1 x 2 Internacional (26/9)
4 x 1 Britânia (3/10)
3 x 2 Rio Claro (17/10) - não há informação sobre os marcadores
4 x 0 Britânia (3/11)
2 x 0 Palmeiras (15/11)

SELEÇÃO PAULISTA

? Seleção santista (31/10) - não há informação sobre o jogo
1 x 2 Argentina (14/11) - 1 gol de Fried
2 x 5 Argentina (28/11)

Total de gols: 15

1927

PAULISTANO

2 x 2 Germânia (3/4) - 1 gol de Fried
4 x 0 Espanha (24/4) - 1 gol de Fried
1 x 1 São Bento (1/5) - 1 gol de Fried
2 x 3 Corinthians (8/5) - 1 gol de Fried
2 x 2 Independência (5/6) - 1 gol de Fried, que perdeu um pênalti
0 x 1 Corinthians (26/6)
5 x 1 Internacional (10/7) - 2 gols de Fried
4 x 1 Santista (24/7) - 2 gols de Fried
5 x 0 Sírio (7/8) - 2 gols de Fried

4 x 0 Paulista (28/8) - 3 gols de Fried
7 x 0 Antarctica (4/9) - 2 gols de Fried
2 x 2 Palmeiras (18/9) - 1 gol de Fried
1 x 0 Santana (25/9)
3 x 2 Guaxupé (28/10) - não há informação sobre os marcadores
3 x 1 Internacional (20/11)

COMBINADO DE BRANCOS

2 x 3 Combinado de pretos (13/5) - 1 gol de Fried
4 x 2 Combinado de pretos (14/8) - 1 gol de Fried

Total de gols: 19

1928

SELEÇÃO PAULISTA

0 x 5 Rio de Janeiro (15/1)
9 x 1 Rio de Janeiro (25/3) - 4 gols de Fried

COMBINADO JACARÉ

2 x 3 Espanha - não há informação sobre os marcadores

PAULISTANO

3 x 3 Ponte Preta (8/4) - 1 gol de Fried
1 x 1 São Bento (22/4)
2 x 3 Antarctica (3/5) - 1 gol de Fried
6 x 2 Internacional (6/5) - 2 gols de Fried
3 x 2 União da Lapa (3/6) - 3 gols de Fried
2 x 3 Espanha (17/6) - 1 gol de Fried
1 x 1 Santista (2/7)
2 x 0 Ponte Preta (15/7)
2 x 0 Germânia (22/7) - 1 gol de Fried
4 x 0 Palmeiras (29/7) - 3 gols de Fried
2 x 2 Paulista (5/8)
1 x 3 Independência (19/8) - 1 gol de Fried
3 x 0 Ponte Preta (2/9) - 2 gols de Fried
2 x 0 XV de Piracicaba (9/9) - 1 gol de Fried
9 x 0 União da Lapa (16/9) - 7 gols de Fried, que perdeu um pênalti
3 x 0 Antarctica (30/9) - 2 gols de Fried
1 x 0 Internacional (7/10) - 1 gol de Fried
2 x 0 Santista (21/10)
3 x 0 Palmeiras (15/11) - 2 gols de Fried; discussão entre Fried e atletas do Palmeiras
5 x 2 Independência (8/12) - 2 gols de Fried
3 x 0 Paulista (16/12) - 1 gol de Fried
4 x 0 São Bento (22/12) - 1 gol de Fried

0 x 2 Internacional

COMBINADO DE BRANCOS

2 x 4 Combinado de pretos (13/5)

COMBINADO JACARÉ

2 x 3 Espanha (12/2)

Total de gols: 36

1929

PAULISTANO

0 x 2 Internacional (1/1)

4 x 0 Internacional (13/1)

1 x 1 Internacional (7/4)

3 x 0 Antarctica (21/4) - 1 gol de Fried

5 x 0 Portuguesa (5/5) - 2 gols de Fried

0 x 1 Internacional (12/5)

4 x 2 Taubaté (26/5) - 2 gols de Fried

3 x 0 Paulista (2/6) - 3 gols de Fried, que perdeu um pênalti no final da partida

4 x 1 Espanha (9/6) - 1 gol de Fried

4 x 0 Ponte Preta (16/6) - 1 gol de Fried

3 x 1 São Bento (14/7) - 1 gol de Fried

4 x 0 Santista (21/7) - 2 gols de Fried

5 x 0 Germânia (28/7) - 1 gol de Fried

3 x 1 Palmeiras (4/8)

2 x 1 Independência (11/8) - 1 gol de Fried

1 x 1 Vitória, de Portugal (7/9)

2 x 1 Internacional (15/9)

2 x 0 Portuguesa (22/9) - 1 gol de Fried

2 x 0 Germânia (20/10) - 1 gol de Fried

0 x 2 São Bento (10/11)

1 x 2 Independência (17/11) - 1 gol de Fried

1 x 2 Paulista (24/11)

2 x 2 Espanha (7/12)

6 x 1 Antarctica (14/12) - 2 gols de Fried

SELEÇÃO PAULISTA

6 x 2 Rio de Janeiro (20/1) - 1 gol de Fried

5 x 1 Seleção santista (3/2)

2 x 3 Rio de Janeiro (3/3)

4 x 1 Rio de Janeiro (3/5) - 3 gols de Fried

3 x 4 Rio de Janeiro (23/6) - 1 gol de Fried

0 x 1 Seleção santista (6/10)

5 x 3 Rio de Janeiro (13/10) - 1 gol de Fried

INTERNACIONAL

10 x 1 Campo Grande (17/3) - 1 gol de Fried

ATLÉTICO SANTISTA

4 x 2 Central (25/8) - 1 gol de Fried

Total de gols: 28

1930

SANTOS

4 x 1 Tucuman (9/2)

SÃO PAULO

3x 0 Ypiranga (9/3) - 1 gol de Fried

0 x 0 Ypiranga (16/3)

6 x 1 Juventus (23/3) - 3 gols de Fried

2 x 2 Palestra (30/3) - 1 gol de Fried

1 x 1 Portuguesa (6/4)

3 x 1 Guarani (13/4) - 1 gol de Fried

6 x 1 América (20/4) - 3 gols de Fried

4 x 2 Germânia (3/5) - 2 gols de Fried

2 x 2 Santos (11/5)

1 x 2 Vasco da Gama (13/5) - 1 gol de Fried

2 x 2 Sírio (17/5) - 2 gols de Fried

1 x 2 Corinthians (25/5)

3 x 0 Santista (1/6)

2 x 1 Internacional (8/6)

3 x 1 Combinado Fluminense/Vasco da Gama (20/7) - 1 gol de Fried

5 x 3 Estados Unidos (10/08) - 3 gols de Fried

3 x 0 São Bento (17/8) - 1 gol de Fried

5 x 0 Ypiranga (31/8) - 2 gols de Fried

3 x 0 Santista (7/9) - 1 gol de Fried

5 x 1 Sírio (14/9) - 1 gol de Fried

2 x 2 Palestra (21/9) - 1 gol de Fried

1 x 1 Internacional (28/9)

4 x 0 São Bento (5/10) - 3 gols de Fried

4 x 0 Juventus (12/10) - 1 gol de Fried

2 x 2 Palestra (15/11)

3 x 3 Santos (23/11) - 1 gol de Fried

5 x 1 Portuguesa (30/11)

1 x 1 Corinthians (7/12) - 1 gol de Fried

5 x 1 Guarani (14/12) - 2 gols de Fried

2 x 1 Germânia (21/12)

2 x 1 América (28/12)

SELEÇÃO PAULISTA

4 x 2 Internacional (26/3) - 1 gol de Fried
8 x 1 Combinado de Buenos Aires (28/3) - 1 gol de Fried
3 x 1 Hakoah, dos EUA (19/6) - 1 gol de Fried

COMBINADO SÃO PAULO/PALESTRA

2 x 3 Hakoah, dos EUA (3/7) - 1 gol de Fried
5 x 2 Combinado Corinthians/Ypiranga (10/7) - 2 gols de Fried

EX-ALUNOS DO MACKENZIE

4 x 4 Palestra (3/6)

SELEÇÃO BRASILEIRA

3 x 2 França (1/8) - 1 gol de Fried

Total de gols: 38

1931

SÃO PAULO

5 x 1 Vasco da Gama (14/3) - 3 gols de Fried
2 x 2 Santos (28/3)
3 x 1 Internacional (12/4) - 2 gols de Fried
2 x 3 Palestra (1/5) - 1 gol de Fried
2 x 2 Guarani (10/5) - 1 gol de Fried
4 x 1 Germânia (16/5) - 2 gols de Fried
4 x 2 São Bento (24/5) - 1 gol de Fried
3 x 1 Juventus (31/5) - 3 gols de Fried
2 x 0 Ypiranga (7/6)
3 x 3 Santista (14/6) - 2 gols de Fried
8 x 1 América (21/6) - 2 gols de Fried
2 x 2 Corinthians (28/6)
2 x 2 Palestra (6/9) - 1 gol de Fried, que perdeu um pênalti
5 x 1 Sírio (20/9) - 2 gols de Fried
2 x 1 Portuguesa (27/9)
6 x 0 Ypiranga (18/10) - 1 gol de Fried
4 x 2 Santos (25/10) - 2 gols de Fried
2 x 0 Internacional (31/10) - 1 gol de Fried
7 x 1 América (8/11)
3 x 1 Portuguesa (15/11) - 2 gols de Fried
8 x 1 Juventus (22/11) - 2 gols de Fried
1 x 1 Santista (29/11)
4 x 0 Palestra (6/12)
2 x 0 Guarani (13/12) - 1 gol de Fried
3 x 1 Germânia (20/12) - 1 gol de Fried

4 x 2 São Bento (27/12) - 3 gols de Fried

SELEÇÃO PAULISTA

1 x 3 Bela Vista, do Uruguai (19/4)

3 x 2 Internacional (16/7) - 1 gol de Fried

6 x 4 Paraná (19/7)

9 x 2 Seleção santista (2/8) - 4 gols de Fried

1 x 0 Rio Grande Sul (9/8)

11 x 3 Pernambuco (16/8) - 2 gols de Fried

1 x 3 Rio de Janeiro (17/7)

3 x 0 Rio de Janeiro (24/7) - 2 gols de Fried

0 x 3 Rio de Janeiro (31/7)

Total de gols: 42

1932

SÃO PAULO

2 x 1 Sírio (3/1)

4 x 1 Corinthians (10/1) - 1 gol de Fried

3 x 2 Portuguesa (2/4)

3 x 1 América (6/4) - 3 gols de Fried

2 x 4 Vasco da Gama (12/4)

4 x 2 Portuguesa (1/5)

2 x 3 Palestra (8/5)

1 x 1 Vasco da Gama (12/5) - 1 gol de Fried

2 x 3 Germânia (15/5)

4 x 1 Rui Barbosa (22/5) - não há informação sobre os marcadores

4 x 0 Santos (29/5)

2 x 0 Sírio (5/6)

3 x 2 Comercial (12/6) - 1 gol de Fried

2 x 0 Corinthians (19/6)

3 x 3 São Bento (26/6) - 1 gol de Fried

Intervalo referente à Revolução Constitucionalista.

4 x 0 Sírio (30/10) - 1 gol de Fried

1 x 0 Juventus (20/11)

2 x 1 Ypiranga (18/12)

Total de gols: 8

1933

SÃO PAULO

2 x 0 Acadêmicos (5/1)

? São José (15/1) - não há informação sobre o jogo

5 x 1 Santos (12/3) - 1 gol de Fried, o primeiro do profissionalismo
 1 x 1 Palestra (16/4)
 2 x 2 América (30/4)
 2 x 3 Palestra (14/5)
 7 x 1 Ypiranga (21/5) - 1 gol de Fried
 2 x 2 Portuguesa (11/6) - 1 gol de Fried
 4 x 1 Santos (9/7)
 4 x 2 Corinthians (23/7)
 1 x 0 Bangu (5/8)
 1 x 1 Flamengo (8/8) - 1 gol de Fried
 1 x 0 Bonsucesso (8/10)
 1 x 1 América (15/10)
 0 x 1 Palestra (12/11)
 4 x 1 Bangu (26/11)
 5 x 2 Fluminense (2/12)

DOIS DE JULHO (BAHIA)

2 x 3 São Cristóvão (15/8) - 1 gol de Fried

Total de gols: 5

1934

SÃO PAULO

5 x 2 Corinthians (21/1)
 4 x 3 Santos (25/3)
 9 x 1 Sírio (1/4) - 1 gol de Fried
 5 x 0 América (7/4)
 1 x 1 Corinthians (15/4)
 5 x 4 Ypiranga (6/5) - 2 gols de Fried
 0 x 2 Palestra (2/6)
 4 x 2 América (10/6) - 1 gol de Fried
 3 x 0 Paulista (17/6)
 3 x 2 Sírio (24/6)
 0 x 0 Corinthians (8/7)
 2 x 1 Paulista (22/7)
 1 x 0 Portuguesa (29/7)
 4 x 0 Ypiranga (5/8) - 2 gols de Fried
 1 x 2 Vasco da Gama (8/8) - 1 gol de Fried
 1 x 1 Santos (26/8) - 1 gol de Fried
 1 x 0 Palestra (2/9) - 1 gol de Fried
 1 x 2 Corinthians (23/9)
 4 x 2 Portuguesa (7/10) - 1 gol de Fried
 2 x 1 Santos (13/10)
 1 x 0 Palestra (28/10)
 1 x 1 Flamengo (13/11)

4 x 2 Santos (25/11) - 2 gols de Fried
1 x 0 Corinthians (2/12)
2 x 0 Flamengo (6/12) - 1 gol de Fried
4 x 5 Combinado Flamengo/Fluminense (16/12) - 1 gol de Fried

COMBINADO SÃO PAULO/SANTOS

1 x 2 Combinado Flamengo/Fluminense (30/12) - 1 gol de Fried

Total de gols: 15

1935

SÃO PAULO

4 x 1 Portuguesa (6/1) - 1 gol de Fried
2 x 1 Santos (3/2) - 1 gol de Fried
2 x 1 River Plate (14/2)
2 x 2 Palestra (10/3)
1 x 1 São Cristóvão (17/3)
3 x 1 Corinthians (24/3) - 1 gol de Fried

SANTOS

1 x 1 Internacional (12/5)
2 x 3 Grêmio (19/5) - 1 gol de Fried
2 x 3 Combinado gaúcho (21/5)
4 x 2 Novo Hamburgo (25/5)
4 x 3 Riograndense (26/5)

FLAMENGO

0 x 3 América (16/6)
0 x 0 Fluminense (23/6)
2 x 5 América (7/7)
2 x 2 Fluminense (21/7)

SELEÇÃO DO BRASIL VETERANOS

1 x 0 Veteranos do Uruguai (14/7) - 1 gol de Fried
1 x 3 Veteranos do Uruguai (18/7) - 1 gol de Fried

SELEÇÃO PAULISTA

3 x 1 Rio Grande do Sul (31/3)
3 x 2 Rio de Janeiro (14/4)

SELEÇÃO BRASILEIRA

2 x 1 River Plate (23/2)

Total de gols: 6

Total: 554 gols em 561 partidas

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.